FÁBIO MARTINS BUENO

O CASO NAVALHADA:

INVENÇÃO E MEMÓRIA DE UM REI DO CRIME

LONDRINA
2011

FÁBIO MARTINS BUENO

O CASO NAVALHADA:
INVENÇÃO E MEMÓRIA DE UM REI DO CRIME

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração Culturas, Religiosidades e Representações.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Ivano

LONDRINA
2011

FÁBIO MARTINS BUENO

O CASO NAVALHADA:
INVENÇÃO E MEMÓRIA DE UM REI DO CRIME

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Ivano
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Hélio Cardoso Rebello
UNESP – Assis - SP

Londrina, 26 de setembro de 2011.

Agradeço a Maria pelo
companheirismo nas edições,
montagens e fabulações da vida em
movimento.

AGRADECIMENTOS

A todos os entrevistados e pessoas que contribuíram com suas falas. Ao pessoal da ‘agência Dupin’: o professor Rogério Ivano, aos pesquisadores Max, Nikolay e Santos. Às famílias de Paraguaçu e Jacareí pela paciência em nos esperar para festar e prosear. Aos integrantes da Estação Raul que procuram na música a linguagem para expressar seus sentimentos trágicos. E aos funcionários do CDPH que me ajudaram nos caminhos do arquivo.

BUENO, Fábio Martins. **O caso Navalhada**: invenção e memória de um rei do crime. 2011. 133 fl.s. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

Na cidade de Londrina, em meados de 1970, existia a decadente Vila Matos, localizada onde atualmente está a Estação Rodoviária. No que diz respeito às ocupações profissionais, na Vila Matos ou Vila Velha, a famosa "zona do meretrício", circulavam os mais diversos tipos de pessoas. Entre elas estava Ari Navalhada: o comerciante de "cânhamo indiano", gerente de boate, jogador de cartas, o "rei da maconha" nas notícias policiais do jornal Folha de Londrina. Para além dessas profissões, legais e ilegais, desempenhadas pelo lendário personagem, entrevistando um de seus filhos, jornalistas, moradores, clientes, bandidos condenados e policiais, encontram-se aspectos controversos do personagem: do pai de família ao bandido, do "preso boa praça" ao lutador habilidoso com a navalha. Então, quem foi Ari Navalhada? Por que um "traficante", uma figura não almejada por uma sociedade progressista, condenado pela justiça, é lembrado por diversas pessoas que vivem hoje na cidade de Londrina? Esta dissertação é a experiência de um historiador em busca destas respostas. Delas, outras tantas perguntas foram levantadas e inseridas dentro de uma narrativa inspirada na dinâmica do relato oral que almejou dois movimentos. Primeiro, construir o objeto, identidade de Navalhada, por meio das atualizações das memórias dos treze entrevistados valorizando suas diferenças textuais. Segundo, seguindo os indícios sugeridos, localizar a principal atividade de Navalhada, traficante de "cânhamo indiano" (maconha), dentro de alguns aspectos da história da ilegalidade comercial desta planta. Dentro desse jogo de escalas entre micro e macro história, em vistas das perguntas levantadas, foram assim analisados os autos criminais e os jornais relacionados.

Palavras-chave: História cultural. Memória. Micro-história.

BUENO, Fábio Martins. **Navalhada's case**: invention and memory of a king's crime. 2011. 133 fl. Dissertation (Master degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

During the 1970's there was, in the city of Londrina, the decadent Vila Matos, located where today is the Bus Station. With regard to professional occupation, in Vila Matos or Vila Velha, the famous brothel area, used to circulate a lot of kinds of persons. Among them there was Ari Navalhada: the merchant of "Indian cannabis", nightclub manager, card player, the "king of hemp" in the news of Folha de Londrina. Beyond these professions performed by the legendary character, and interviewing one of his sons, journalists, neighbors, clients, convicted criminals, policemen, I found but controversial aspects of this character: from a householder to a "great bandit", from the "nice prisoner", kitchen assistant to a skilled fighter with a razor. So, who was Ari Navalhada? How could a "pusher", a figure that is not desirable in a "progressive society", which is condemned by the courts, ever be remembered by the people that are living today in the city? This dissertation is the experience of a historian in search of those answers. From them, many other questions were raised and inserted into a narrative inspired by the dynamics of the oral report built of two movements. First, the construction of the object, the identity of Navalhada, from the updates of the memory of the thirteen interviewed persons, valuing their textual differences. Second, following the evidence suggested, find the main activity of Navalhada, pusher of "Indian hemp" (marijuana), within some aspects of the history of the illegal trade of this plant. Within this set of scales between micro and macro history, in view of the questions raised, were analyzed the criminal case and the newspapers.

Key-words: Cultural history. Memory. Microhistory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folha de Londrina, 13/08/1970 15
Figura 2 - Naviraí, no estado do Mato Grosso do Sul. Região de supostas áreas de cultivo da maconha 18
Figura 3 - Rota do cânhamo indiano 20
Figura 4 - Navalhada ao lado do jipe 20
Figura 5 - Apreensão de colheita de cânhamo no Norte do Paraná. Folha de Londrina, 06/02/1968 21
Figura 6 - Cannabis Sativa 23
Figura 7 - Apreensão da "erva maldita". Folha de Londrina, 06/02/1968 24
Figura 8 - Fotografia aérea da Vila Matos, década de 1960. Acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss 29
Figura 9 - Recorte ampliado da Figura 8 enquadrando a Vila Matos 30
Figura 10 - Imagem atual da região, já com a rodoviária nova localizada no espaço da antiga Vila Matos. Extraída do Google Earth..... 30
Figura 11 - Imagem de mapa referente à construção da rodovia Paranavaí-Dourados. Folha de Londrina, 09/05/1970..... 33
Figura 12 - Fotograma do local onde, segundo Ari Soares e Otávio Sanches, estava localizada a residência de Navalhada..... 34
Figura 13 - Vila do Grilo, trecho atual bairro Pindorama..... 35
Figura 14 - Moradores da Vila do Grilo ouvindo o discurso das autoridades municipais sobre as obras iriam ocorrer no local..... 36
Figura 15 - Fotografia aérea da Vila Matos, década de 1960, com indicações do local do bar e da casa de Navalhada. Acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss..... 37
Figura 16 - Imagem do jornal O Combate que noticia o conflito entre prostitutas e o poder público..... 40
Figura 17 - O entrevistado Sr. Otávio Sanches indicando a localização das ruas da antiga Vila Matos. 44
Figura 18 - Fotografias do Festival Colher de Chá. 51
Figura 19 - Guerra à Maconha. Folha de Londrina, 06/08/1970. 52
Figura 20 - Fotografia da Revista Realidade que mostra a medida de um pacau, fev/1969..... 58

Figura 21 - 'Navalhada, o que tem passe livre'. Folha de Londrina, 23/05/1970..... 59
Figura 22 - Fotografia de Navalhada na delegacia, Folha de Londrina, 23/05/1970..... 60
Figura 23 - "Navalhada Absolvido". Folha de Londrina, 01/07/1970..... 63
Figura 24 - Detalhe de Navalhada no sofá da delegacia. Folha de Londrina, 01/07/1970..... 64
Figura 25 - Montagem de fotografias que retratam a população da Vila da Fraternidade..... 67
Figura 26 - Obras de canalização do ribeirão Lindoia – Vila do Grilo. Acervo..... 68
Figura 27 - Educação sanitária na Vila da Fraternidade. Acervo 69
Figura 28 - Fotografia do ônibus que servia de moradia na Vila do Grilo 69
Figura 29 - "O problema da rodoviária". Folha de Londrina, 06/08/1970 70
Figura 30 - Vista área da Vila Matos mostrando localização da rua Vitoruna 71
Figura 31 - Engraxates em Londrina na década de 1960..... 76
Figura 32 - Fotografia do centro comunitário da Vila da Fraternidade 78
Figura 33 - Fotografia da vista lateral do centro comunitário..... 78
Figura 34 - Fotografia de evento público no centro comunitário da Vila da Fraternidade..... 79
Figura 35 - Detalhe de Navalhada. folha de Londrina, 01/07/1970..... 80
Figura 36 - Capa e contra capa da Revista Realidade. Fev/1969..... 91
Figura 37 - Fotograma da filmagem do Cadeião da rua Sergipe em 2011. 109
Figura 38 - Fotograma da filmagem do Cadeião da rua Sergipe em 2011. 109
Figura 39 - Fotograma da filmagem do Cadeião da rua Sergipe em 2011. 110
Figura 40 - Fotograma da filmagem do Cadeião da rua Sergipe em 2011. 111
Figura 41 - Montagem de fotografias publicadas na Folha de Londrina, 13/08/1970..... 112
Figura 42 - Folha de Londrina, 13/08/1970. 114
Figura 43 - Folha de Londrina, 01/07/1970. 115

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11

Navalhada nas estradas. O tráfico, p.15-17 (depoimento dos detentos "Sr.R" e "Sr.C" sobre Navalhada); O traficante e seus métodos, p.17-18. As plantações da 'erva maldita': Pantanal, Naviraí, Paranapanema e Tibagi; Navalhada, a lenda, p.19-25 (a canção Lavoura de Maconha e jornal Folha de Londrina, 06/02/1968). **&** O silêncio, a memória e suas incógnitas, p.25. **&** A fama e sua repercussão no Cadeião (depoimento da jornalista Nicéia Lopes), p.26. Navalhada entre o bar na Vila Matos e a estrada. Memórias da infância do filho de Navalhada: as viagens de Jipe da Vila Matos ao Paraguai e Mato Grosso do Sul, p.27-32 (depoimento de Ari Soares, Paulão Rock'n'Roll e "Sr. R").

Navalhada na Vila Matos. & Esconderijo da droga. O 'bar do Ari' e as doações na Vila do Grilo, p.33-36; "crime de honra" de Navalhada e a sua rotina, p.36-37. (depoimento de Ari Soares). A trajetória decadente da Vila Matos, p.37-39 (depoimento do jornalista Edson Máschio). A iniciação sexual na zona do meretrício, p.39-41 (depoimento de Paulão Rock'n'Roll). **&** Ponto de encontro na Vila Matos: distribuição de suas ruas e espaços do tráfico. O crime que repercutiu na cidade: caso na menina Leila, p.41-44 (depoimento do Sr. Otávio Sanches). **&** O romance Luzes Negras do Submundo: as bolinhas, a maconha e a Vila do Grilo, p.44-45. O tráfico de drogas na casa de Ari Navalhada na Vila Matos, p.45 (depoimento de Paulão Rock'n'Roll). A música na Vila Matos: a canção Boate Azul e o "palco das paixões incontroláveis" (depoimento do músico Miguel Tófano e do autor da canção, Benedito Onofre Siviéro), p.45-46. O episódio do acerto de contas entre Navalhada e Paulão Rock'n'Roll, p.47-48. (depoimento de Paulão Rock'n'Roll) **&** Pesquisa de campo na Vila da Fraternidade; a antiga Vila do Grilo: o silêncio dos seus moradores, a fama de bairro violento. A demolição da Vila Velha, o Restaurante do Toninho, o medo. (depoimento dos moradores "Seu Juvenal" e "Dona Estela") p.66-73 **&** O ponto de vista de um ex-engraxate da Vila Matos: a lenda Navalhada, o terror, p.73-76 **&** Os rastros de Navalhada na memória dos moradores da Vila da Fraternidade: a boate Safári, o tunguete, o sócio Kojak, o tiroteio em frente à boate Safári e sua morte, p.76-81. (depoimento do "Sujeito R") **&** A morte de Navalhada segundo seu filho, p.81-83.

Navalhada e as drogas. **&** As memórias do Festival Colher de Chá: Mutantes e a maconha, p.47-49. A guerra ao tráfico de maconha na cidade: o Raizeiro e Ari Navalhada, p.49-50; as significações culturais do uso, p.50-54 (depoimento de Paulão Rock'n'Roll e o jornal Folha de Londrina, 06/08/1970). **&** Navalhada: uma figura emblemática na cidade. Os funcionários de Navalhada e o tráfico, p.54-56 (depoimento do Sr. Otávio Sanches)**;** revista Realidade, fevereiro de 1969: 'Maconha: guerra ao traficante', p.56-57. 'Histórias Ocultas': os picaretas, os traficantes da "alta sociedade" e os clientes de Navalhada, a "raia miúda", p.115-117 (depoimento do jornalista Edson Maschio).

Navalhada na Folha de Londrina. Dia 06 de fevereiro de 1968: "lavoura de maconha", p.20-25. Dia 23 de maio de 1970: 'Navalhada, o que tem passe livre'. Notícia de capa irônica e delatora; transcrição do depoimento de Navalhada, p.48-61. **&** Dia 1 de julho de 1970: 'Navalhada absolvido'; "os policiais que haviam apreendido a maconha e psicotrópicos na casa de Ari Navalhada curiosamente se esqueceram de tudo", p.61-64. Dia 13 de agosto de 1970: "Navalhada outra vez"; a prisão emblemática da Campanha Nacional ao Combate ao Tráfico de Drogas, p.111-114.

Navalhada no Fórum. A pesquisa nos autos criminais, p.82-86. O processo 235/68, p.86-88. **&** O caso do laudo científico envolvendo o "cânhamo indiano": a construção do delito, as "propriedades maléficas" e o argumento do advogado de Navalhada, p.87-91 **&** A montagem do processo criminal, a Lei de Tóxicos de 1967. Jogos de escala: o caso Navalhada e o processo internacional de proibição do "cânhamo indiano", a conferência de Xangai e Proibicionismo, p.91-96 **&** O terceiro processo envolvendo o cânhamo na cidade de Londrina, 1965: o discurso jurídico, o código penal; o caso do Raizeiro de Londrina e a Campanha Nacional ao Combate ao Tráfico de Drogas, p.96-98. **&** O filosófico argumento do ex-ministro da Justiça sobre o Código Penal de 1940: o perfil psicológico do viciado, a sua *força plástica*, Schopenhauer, o mito grego de Circe e a exceção aos "homens de espírito", p.98-104.

Navalhada no Cadeião. "O preso boa praça": auxiliar do carcereiro, o informante da jornalista, p.104-108 (depoimentos da jornalista Nicéia Lopes) **&** Pesquisa de campo nas ruínas do Cadeião: Navalhada, "o preso de confiança" (depoimento do "Investigador P"), p.108-110. "O cargo excepcional", p.110 (depoimento de Paulão Rock'n'Roll). A relação de Navalhada com a polícia, p.115 (depoimento do jornalista Edson Máschio).

As figurações de Navalhada. Frequentador de casas de prostituição: o corte no rosto em função de uma briga com um travesti; "um cara refinado"; a morte na velhice, p.116-119 (depoimento do detento "Sr.R"). A mudança de Orides para Ari. O pai de família: o divórcio e a guardo dos filhos. "O rei da maconha" p.119-121 (depoimento de Ari Soares). Os motivos da fama de Navalhada; o porquê do apelido p.120 (depoimento da jornalista Nicéia Lopes e do "Sujeito R"). Navalhada, a lenda, p.120-121 (depoimento do "Sr. J"). Um homem de diversas morais, p.121 (depoimento do morador da Vila Nova Sr. Otávio Sanches).

REFERÊNCIAS. 123

ANEXOS 129

ANEXO A - 1 - Levantamento da expressão "subversão" nos autos criminais pesquisados. 130

2 -Outros processos de Navalhada (décadas de 1960-70) 132

3-Outros processos de Navalhada (década de 1980) 133

APRESENTAÇÃO

O caso Navalhada não é uma biografia. Há aqui o estudo de história de um caso e não uma biografia. A simples pergunta "quem foi Ari Navalhada?" não conduziu a pesquisa para uma unidade de sentido fictícia que representasse a vida de um personagem. Essa pergunta trouxe uma rede diversa e contraditória de relatos, alguns destes relatos sugeriram o acesso à memória dos jornais e autos criminais. Nos jornais encontrei Navalhada em destaque, na primeira página, em um texto cercado de ironias: "Navalhada, o que tem passe livre: Eu não fugi, eu sai!". Nos autos criminais encontrei o "Ary Navalhada", "Orides José de Lima", o traficante cujo advogado cita a fábula de La Fontaine, 'O lobo e o cordeiro', para descaracterizar o delito: "comércio de cânhamo indiano".

O tema do banditismo não é nenhuma novidade para a história profissional. O historiador Eric Hobsbawm considera, em seu livro **Bandidos**[1] que por todo mundo circularam histórias e lendas de criminosos que possuíam algum senso de justiça e redistribuição social. O personagem Navalhada não se enquadra nessas características, no entanto, segundo o depoimento de seu filho, ele distribuía sacos de arroz e feijão na Vila do Grilo. Esta distribuição de alimento em uma vila da periferia de Londrina estava ligada a uma estratégia de cumplicidade com os moradores que diariamente testemunhavam o comércio ilícito de drogas. Esta relação não foi o objetivo da pesquisa, entretanto, a relação de Navalhada com a sociedade é constantemente presente através dos quadros sociais em que os entrevistados se lembram: a Vila Matos ou Vila Velha, o Cadeião, a Vila do Grilo, o fórum, o jornal.

Partindo do princípio de que para o caso Navalhada todas as atualizações das memórias dos entrevistados eram reais e necessárias, procurei descrever, e por vezes explicar, a polissemia que envolveu as respostas em torno da pergunta sobre sua identidade. Com isso valorizei o tecido social e cultural que os relatos sugeriram: os espaços, os tempos e as tramas em que a figura do Navalhada emergia. Tal abordagem abriu espaço às incertezas e à percepção das memórias perdidas dentro do próprio texto dissertativo. Somando-se a isso, busquei uma correspondência entre texto falado e o texto escrito, de maneira que as transcrições dos relatos de memória do caso Navalhada foram em grande medida mantidas no corpo do texto. Para distingui-las das outras vozes narrativas, tais transcrições foram grafadas em itálico.

---

[1] HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. Barcelona: Crítica, 2003, p.1.

Os motivos dessa maneira de apresentar o texto dissertativo estão relacionados com determinada compreensão teórica. Nela, considero que cada entrevistado atualizou à sua maneira a imagem de Navalhada, essas informações são as impressões atuais dos entrevistados da cidade de Londrina. Encontrei motivação para tal iniciativa a partir da formulação teórica acerca da memória em Henri Bergson. Nas suas proposições o resultado do trabalho de lembrar – aquilo que nos chega à consciência atual como imagem-lembrança – remonta um complexo movimento de associação por similaridade e contiguidade de imagens virtuais. As lembranças partem do presente e se associam a um tempo de possibilidades virtuais que é o passado. Um trabalho como o do ajuste de foco de uma máquina fotográfica:

> *Trata-se de recuperar uma lembrança, de evocar um período de nossa história? Temos consciência de um ato* sui generis *pelo qual nos afastamos do presente para nos recolocar, primeiro, no passado em geral e, depois, numa certa região do passado, trabalho de tenteio análogo ao ajuste do foco de um aparelho fotográfico. Mas nossa lembrança permanece em estado virtual; dispomo-nos assim apenas a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco, ela parece como uma névoa que se condensasse; de virtual passa ao estado atual...*[2]

A metáfora proposta expressa esta complexa operação de lembrar e ao mesmo tempo sugere a imprecisão que o ato remonta. Assim, a imagem referente deste passado puro, no caso os signos impressos na pessoa durante a vivência junto a Navalhada, se recompõe ao indivíduo mediante este complexo processo associativo, semelhante ao processo de ajuste de foco de uma máquina fotográfica. Ora, se a lembrança é este processo móvel que se fixa ora em um aspecto do passado ora em outro, por que anular uma determinada narração sobre Navalhada se todas possuem a mesma condição psicológica? Se a narrativa historiográfica aqui intencionada estivesse pautada na sua dimensão judiciária, alguma versão teria de ser a verdadeira em detrimento de outra. Nesses termos, ou Navalhada seria o traficante maldoso que morreu em uma emboscada regada a tiroteios em frente uma boate ou o traficante "preso boa praça", amigo da comunidade que morreu com idade avançada solitário na periferia da cidade. Opto por trabalhar com as variedades e contradições dos depoimentos, assim, no texto que segue Navalhada é figurado como personagem na memória de treze entrevistados que se dispuseram a narrar, a construir suas recordações a partir de minhas perguntas ou através das fotografias que obtive dos jornais da época.

Atualmente na cidade de Londrina a palavra "traficante" é inicialmente associada à violência urbana, ao terror, ao crack e ao narcotráfico, logo, a tendência geral das

---

[2] BERGSON, Henri apud MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. RJ: Jorge Zahar, 2009, p. 279.

pessoas foi o distanciamento. Este foi o comportamento das pessoas quando mencionei que estava investigando sobre a identidade de um traficante da década de 1960. Todavia, encontrei um razoável número de pessoas dispostas a narrar quem foi Ari Navalhada sem empecilhos, muitas com certo entusiasmo. Elas estavam espacialmente distribuídas pela região central de Londrina, na delegacia, em torno da Avenida Leste-Oeste e na penitenciária (Centro de detenção e ressocialização). Assim, por meio de um gravador de áudio e vídeo, captei as expressões em palavras e gestos das experiências de pessoas que viveram com Navalhada, de seu cotidiano privado às experiências que não foram vividas diretamente com ele – a dimensão da lenda e do boato.

Mesmo diante de uma quantidade razoável de depoimentos não me detive sobre um único tipo de fonte histórica. Não me parecia coerente deixar de examinar os autos criminais e os jornais apenas por estarem fora da reflexão teórica sobre a memória. Embora a conjectura obtida com as duas séries de fontes não explique o fenômeno da memória dos entrevistados, mais fragmentada e dispersa, aos jornais e autos criminais realizei perguntas específicas. Tomando como pressuposto que os três tipos de fontes são tipos diferentes de construções linguísticas, procurei no entrecruzamento delas por uma experiência comum onde as referências se encontrassem. O fato é que há um significativo ponto de ancoragem, não um princípio motor da história, mas uma conjectura midiática e judiciária previamente construída: em meados de 1970, a polícia de Londrina deflagrou nas ruas da cidade a captura e prisão de bandidos ligados ao comércio de drogas ilegais. Navalhada é um preso emblemático e sua prisão foi apresentada pelo jornal Folha de Londrina como um grande golpe no combate ao tráfico de drogas na cidade. Naquele ano, Navalhada tornava-se um personagem das manchetes policiais do jornal.

Os jornais e os autos criminais me levaram a uma operação historiográfica de mudança de escala[3]: observar, analisar a micro história – o caso Navalhada – a partir de um ponto de observação macro. Lendo os autos criminais de Navalhada pude perceber o esforço retórico e técnico-pericial que o corpo jurídico – promotor, juiz e advogado – trabalhou textualmente para configurar ou não o delito: o tráfico de droga. A partir deste indício realizei o movimento de observar o caso Navalhada (micro história) a partir da história da proibição internacional do "cânhamo indiano" (macro história). Realizei esta operação metodológica depois de verificar que o signo mais recorrente relacionando Navalhada no jornal da cidade, na memória dos entrevistados e nos autos criminais foi do "cânhamo indiano", a maconha.

---

[3] REVEL, Jacques. *Microanálise e construção social*. In. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise.** RJ: FGV, 1998, p. 20.

Em um dos processos de Navalhada havia um questionamento profícuo acerca da caracterização do delito através da prova material encontrada em sua residência: tratava-se ou não do "cânhamo indiano"? Em vista deste detalhe sugerido durante a leitura dos autos criminais me pareceu negligência não verificar os momentos iniciais da construção da noção de delito em torno da droga. A partir desse percurso em torno da identidade da "prova material" – alegava o delegado que não havia reagentes químicos na cidade para comprovar se era ou não a tal erva – consultei os primeiros autos criminais relacionados à lei de tráfico ou consumo na cidade. Nas primeiras interpretações da lei em Londrina, mais especificamente o artigo 281 do código de 1940, por serem talvez os primeiros autos, guardavam na superfície textual as dificuldades de interpretação farmacognóstica, mas também retóricas acerca dos princípios jurídicos que regiam o artigo. Havia neles um exercício de levantamento de dados e sua aplicação no contexto local: o laudo científico e a sentença do juiz estavam preenchidos de considerações históricas e psicológicas sobre o uso do "cânhamo indiano". Assim, por meio dos dados de Navalhada nos autos criminais podemos examinar os argumentos da matriz discursiva que fundamenta seu principal crime: tráfico de drogas.

O texto que se segue opta por um modelo narrativo experimental, sendo possível lê-lo em dois níveis. No primeiro, a investigação constrói um objeto dinâmico: a resposta a "quem foi Navalhada?" através da busca e reflexão de dados. As minhas inferências partem da base textual das informações contidas na transcrição do texto oral, dos jornais e autos criminais. No segundo, o esforço de montagem do texto em sequências inspiradas na dinâmica da oralidade – o fluxo associativo, seus cortes, as ponderações, as nuances em que o trabalho de lembrar quem foi Ari Navalhada remontou nos entrevistados. A cada corte (&) se extrai e se compõe uma parte do fluxo associativo que em conjunto almeja responder: "quem foi Ari Navalhada?" Desta forma, cortes e conexões agem simultaneamente para pontuar a singularidade do assunto e/ou do tópico do assunto e para anunciar seus limites temporários.

O CASO NAVALHADA

"Na segunda portaria, um balcão de madeira separava a sala em duas partes. Do lado reservado ao público, a saída dava para um detector de metais em forma de meia porta. Do outro lado, uma funcionária do presídio recebia nossos volumes colocados sobre o balcão. Atravessamos a tal porta e fomos de encontro à outra, fechada com aço, com apenas uma pequena janela de vidro; atrás dela, um funcionário reconheceu o agente Cristiano que nos acompanhava e logo abriu o caminho. No quarto portão, passados alguns minutos esperando a negociação sobre nossa passagem, chegamos enfim à sala improvisada para a entrevista"[4].

Figura 1 - Folha de Londrina, 13/08/1970

Fonte: Folha de Londrina, 13/08/1970. Jornal arquivado no CDPH[5]

[4] Diário de campo, Londrina, 15/06/2010.
[5] Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina.

Disse o primeiro entrevistado, o "Sr. C", 62 anos, detento que cumpre pena no CDR[6], olhando para as fotos do jornal Folha de Londrina da quinta-feira, 13 de agosto de 1970[7] (p. 11):

— A gente não era "ligado" porque não partilhava do mesmo ramo. Conheci ele de estar preso na cadeia em Piraquara[8], mas não tinha convivência, ideia em comum. Mas o outro rapaz que está vindo aí, ele morou junto com ele – olhando as fotos, comentou:

Ari velho de guerra, esse já era... Mas ele foi o rei da maconha aqui mesmo!

— O senhor é da região?

— Eu sou daqui, faz alguns anos que estou preso, mas aí é outra história – ficou em silêncio, observando as fotos sobre a mesa. *Ele era um cara muito ruim, tinha essas trapalhadas do tráfico, mas ele era muito maldoso.*

— Ruim?

— Agora esse rapaz que está vindo aqui vai falar certinho para o senhor quem era ele, porque eles moraram juntos muitos anos, estiveram lá na mesma galeria, estiveram na 10ª na época que tinha o 'casão'[9].

— Então foi um período curto que o senhor conviveu com ele?

— Vi ele preso quando ele foi para Piraquara, eu vi lá, mas não tinha uma amizade assim...

O "Sr. C" ficou em pé olhando e espalhando as fotos com as mãos. Nesse meio tempo, sabendo das intenções da nossa pesquisa, aproveitou para narrar um pequeno trecho da sua vida.

— O meu negócio é assalto a banco e a joalheria, eu não gosto de tráfico, parece até brincadeira, mas nem de ladrão eu gosto. Eu virei ladrão, mas eu não gosto de ladrão. Tudo sem cultura. Porque, na realidade, eu era gerente de banco, aí desandei: entrei em muito rolo, casei com a filha de um milionário e ele me mandou embora, disse que a filha dele era para casar por patrimônio e não por matrimônio; e me mandou sair da mansão dele,

---

[6] Transcrição de entrevista gravada em vídeo no dia 15/06/2010 no CDR (Centro de Detenção Ressocialização de Londrina).

[7] Na ocasião da entrevista levei algumas fotos que foram obtidas por meio de uma cópia impressa dos respectivos jornais.

[8] O entrevistado se refere ao PCE – Penitenciária Central do Estado, que fica na região de Curitiba.

[9] Ele se refere ao antigo 'Cadeião' que existia ao lado da 10ª Delegacia Policial de Londrina, na rua Sergipe, região central de Londrina.

aqui, uma mansão do Jardim Quebec[10]*. Aí eu endoidei, aí começou que veio a história do crime...*

Mas eu não quero nada de ninguém, isso aí faz quase já vinte anos, vinte e um anos, eu não topo com esse esquema delinquente que a gente vê chegar por aqui todo dia.

Sua fala foi interrompida quando o agente penitenciário chegou trazendo o outro detento, "Sr. R", 61 anos. Após ser apresentado, o "Sr. C", companheiro de cela do "Sr. R", comentou:

— *A gente está falando de outra história, do Ari, quem conhece é ele, que morou junto e tem mais conhecimento* – direcionando com as mãos.

O "Sr. R", observando as fotos sobre a mesa, disse:

— *Esse cara aí, nossa senhora...*

— A gente está fazendo esse trabalho para contar um pouco da história desse sujeito, porque o que falam dele é muito controverso.

— *A história dele é "meio longa, Orides José de Lima.*

O "Sr. R" recusou a cadeira que o "Sr. C" ofereceu-lhe para sentar. Talvez preocupado com a recusa, o "Sr. C" comentou que a câmera estava fora de foco e por isso eles não iriam ser identificados. O "Sr. R" comentou:

— *Não é por nada, não devo nada para a justiça, o que eu tinha que pagar eu estou pagando aí, só que o seguinte, fica ruim, se puder evitar* – dito isso, permaneceu em silêncio, ficou de pé observando as fotos sobre a mesa, quando, em voz baixa, como quem fala para si mesmo, disse:

Nunca imaginava que veria isso novamente... - depois de alguns segundos, juntando as fotografias num só maço:

Eu morei com ele alguns anos lá na 10ª DP, por volta de 68, e depois, em 83. Ele estava lá quando cheguei, eu fui para o fundo que ficava naquele corredor, depois de mais uns cinco meses nós saímos. Em 1983 fui preso novamente e lá estava ele também.

— A referência era mesmo o 'Rei da Maconha'? – perguntei apontando para a cópia da reportagem da Folha de Londrina sobre a mesa.

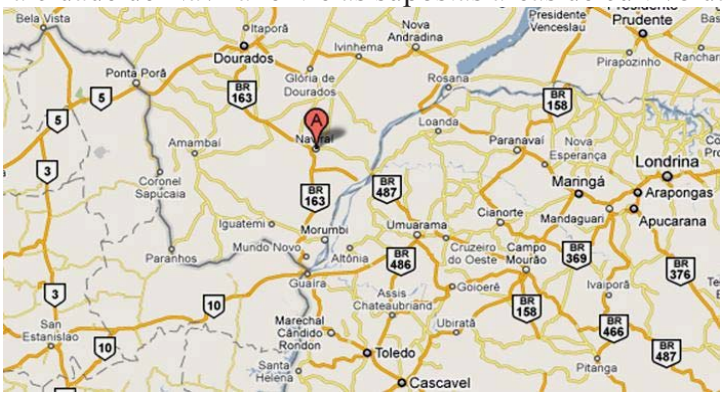
— *Era mesmo* – um momentâneo silêncio – *naquela época as pessoas iam buscar maconha de jipe lá para os lados de Naviraí*[11].

---

[10] Bairro nobre localizado na região central.

[11] Naviraí é um município brasileiro do estado de Mato Grosso do Sul. É considerado centro regional pelo comércio e serviço que oferece a uma região com mais de dez municípios. Considerando a fala do "Sr. R", podemos supor que é uma área de forte tráfico de drogas; na época, formava um "triângulo" em que um dos lados era formado pelo trajeto da cidade de Paranavaí ao Paraguai, passando por Dourados. Já a base do

Figura 2 - a cidade de Naviraí entre as supostas áreas de cultivo da maconha



Fonte: Extraída do Google Maps

— E o que isso causava: admiração, terror, medo[12]?

— Terror não, porque naquela época não tinha esse negócio de crime como tem hoje, em que os traficantes matam o outro por causa de uma pedra de crack. Naquela época, não existia isso, ninguém matava por pouca coisa, mas droga tinha muito aqui na cidade.

Outros entrevistados, cada um a sua maneira, ressaltaram também esta diferença que tende a desassociar Navalhada da figura do traficante assassino, intolerante, capaz de matar em função de pequenos conflitos, como uma droga não paga. O jornalista Edison Maschio[13], por exemplo, para contrapor a conduta que Navalhada adotava, narrou a seguinte história:

— Agora, no tempo do Ari Navalhada era o seguinte: ele era uma figura conhecida de todo mundo, fornecia droga geralmente para a "raia miúda", mas você nunca ouvia falar a respeito dele, que ele tivesse matado, batido, executado algum pequeno traficante que tinha intenção de lesá-lo, o que ocorre atualmente. Hoje você sabe, qualquer traficante que deixa de pagar pela droga é executado, a maioria dos crimes que ocorre aqui, brutais, é por causa de 100, 50 reais. Eles matam abertamente. Quando eu morava lá no Jardim Bandeirantes[14] *tinha um tal de Carioca que eu conhecia, sempre aparecia na Congregação Nossa Senhora do Arcebispo. Ele ficou devendo 100 reais, era traficante, pois não é que ele foi executado com dois tiros. Chegaram nele pela manhã, bateram palma e ele*

---

triângulo era formada pelas estradas paraguaias "5" e "3". O outro paralelo desse triângulo é preenchido pela estrada 10 que liga San Estanislao a Umuarama, cidade que tem vários acessos a Paranavaí.

[12] A palavra "terror" nesse contexto significa a ação coercitiva empreendida pelo traficante aos seus clientes em débito; assassinato de um dos seus credores supostamente pressionaria outros tantos a sanarem suas dívidas.

[13] Transcrição de entrevista gravada em vídeo no dia 01/10/2010 na casa do Sr. Edison, região central da cidade.

[14] Bairro da zona oeste de Londrina.

abriu a porta, e deram dois tiros no peito dele, depois, na sequência, veja bem, tacaram fogo na casa.

Outro entrevistado, Sr. Otávio Sanches[15], morador da Vila Nova[16], que na juventude, por volta de 1968, comprava maconha dos funcionários do "Seu Ari", descreveu também a ação de Navalhada:

— Além de ele ter esse lado de ajudar as pessoas por caridade, ele dava muita doação para que os moradores não denunciassem o movimento das pessoas que chegavam para comprar "as coisas"[17], isso funcionava melhor que o terror. No terror a pessoas fogem; no clientelismo[18], não, você fica, mesmo sendo vítima, você continua sendo um parceiro, porque você é beneficiado.

Na penitenciária, o "Sr. R" soube dizer algo mais a respeito da extensão do domínio de Navalhada:

— Ele comandava, ele era "um dos cabeças"[19] da cidade, comandava ali na área dele, ali pra cima da Vila Recreio, Santa Terezinha[20], na verdade, a cidade toda. Naquela época, para ir e voltar, ele demorava uma semana, o carro vinha lotado. Tinha muito acerto naquela época, aí a polícia não mexia muito com ele.

— E ele virou notícia?

— Quase nacional, porque ele mandava para Ourinhos e para São Paulo, não ficava só aqui, ele trazia o jipe cheio, dava quatro, três viagens por mês, aí ele dominou a região mais ou menos uns dez anos, dominou aqui de 68 até 80.

---

[15] Transcrição de entrevista gravada em vídeo em 15/05/2010 na residência do Sr. Otávio. Dessa entrevista participaram os historiadores Rogério Ivano e Paulo Benatti.

[16] Bairro da zona central da cidade.

[17] A expressão é uma forma cifrada de se referir às drogas.

[18] A palavra clientelismos aqui está deslocada de sua acepção ligada às práticas eleitoreiras, o que permanece de semelhante é a troca de favores: o silêncio em troca do arroz, do feijão, da cachaça.

[19] Expressão que pode ser interpretada como sinônimo de chefe, patrão do comércio ilícito. Aquele que ocupa, na hierarquia do negócio, uma posição privilegiada.

[20] Bairro da zona leste da cidade.

Figura 3 - rota de tráfico de Navalhada

Fonte: Extraída do Google Maps

— E ele tinha um bar na antiga Vila Matos[21]?

— *Não, ali quem ficava era a mulher dele e uns caras. O negócio dele era viajar com o jipe* – ao ouvir essa última frase peguei na mochila a foto que até então não estava sobre a mesa, aguardava o momento oportuno para apresentá-la.

Figura 4 - Navalhada ao lado do jipe

— Isso daqui deve ser naquelas estradas que vão para Paranavaí e seguem para o Mato Grosso, ele ia até lá e voltava. Tinha partes da estrada que não davam para seguir, mas, com o "jipão", ele ia. Também, naquela época, o seguinte: na beira do [rio]

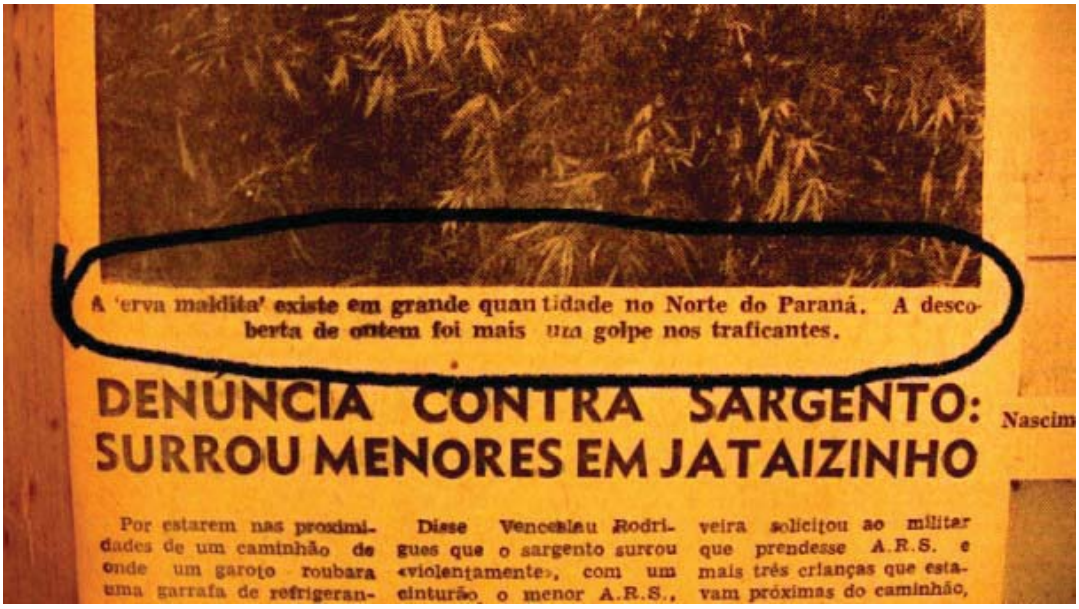
[21] Vila Matos ou Vila Velha, um bairro localizado próximo da região central de Londrina, no início da região leste. Abarcava o perímetro onde hoje se encontra a rodoviária da cidade, entre a avenida 10 de dezembro e o estádio Vitorino Gonçalves Dias.

Paranapanema havia muita plantação de maconha. Ele ia até lá e voltava, só que para ir e voltar ele levava cinco ou seis dias. Eu lembro quando ele ia pra lá e voltava.

A foto foi fornecida pelo filho do Ari Navalhada, é a única que possuía do pai. Segundo ele, seu pai fora colocar uma cruz na estrada em homenagem ao irmão que morrera em decorrência de um acidente automobilístico. Estavam os dois, Navalhada e o irmão, fugindo da polícia rodoviária que os perseguia quando o carro capotou. A localização exata é ignorada.

As fotografias foram peças importantes nas entrevistas[22]. Na ocasião da entrevista no CDR, levei, além da fotografia de Navalhada ao lado do jipe, um conjunto de fotografias copiadas dos jornais. Havia uma entre elas que dizia, na legenda, o seguinte: "A 'erva maldita' existe em grande quantidade no Norte do Paraná. A descoberta de ontem foi mais um golpe nos traficantes"[23].

Figura 5 - Folha de Londrina, 06/02/1968



A 'erva maldita' existe em grande quantidade no Norte do Paraná. A descoberta de ontem foi mais um golpe nos traficantes.

DENÚNCIA CONTRA SARGENTO: SURROU MENORES EM JATAIZINHO

Nascim

Por estarem nas proximidades de um caminhão de onde um garoto roubara uma garrafa de refrigeran-

Disse Venceblau Rodrigues que o sargento surrou «violentamente», com um cinturão, o menor A.R.S.,

veira solicitou ao militar que prendesse A.R.S. e mais três crianças que estavam próximas do caminhão,

Em fevereiro de 1968, na beira do rio Tibagi, em Ibiporã, cidade a 15 km de Londrina, uma plantação de maconha em meio a uma lavoura mista de arroz e feijão foi encontrada pelos policiais do deslocamento da polícia militar da cidade de Jataizinho. O

[22] No documentário *Boca de Lixo*, elas foram uma das estratégias que o cineasta Eduardo Coutinho e sua equipe utilizaram para destacar as individualidades em meio a tantas pessoas que trabalhavam no lixão. As fotos e perguntas como "você conhece todo mundo aqui?" foram lentamente quebrando com a hostilidade e fuga dos homens, mulheres e crianças que selecionavam material reciclável nas imensas pilhas de lixo. COUTINHO, Eduardo (direção). **Boca de Lixo**, RJ, 1992, 50 minutos. No caso Navalhada, as fotografias focalizam, na memória dos entrevistados, um período específico da vida desse personagem e, inevitavelmente, da vida delas mesmas.

[23] Folha de Londrina, 06/02/1968.

lavrador disse que não sabia que se tratava da "erva maldita" e que havia plantado somente em função das sementes, que ouviu dizer ser muito boas para alimentar aves e pássaros de canto. Sua esposa, aos prantos, contou aos jornalistas e policiais que, antes de aparecer Navalhada, não existia um pé da erva no sítio.

> *Ari aparecia no sítio em companhia da esposa, para comprar perus ou caçar, e ao mesmo tempo vender alguma coisa aos lavradores. Depois apareceram as sementes e "o lavrador" deu início ao cultivo da erva. [...] A erva descoberta pela Polícia era da segunda safra. Da primeira havia no sítio apenas uma lata com um pouco de sementes. A polícia presume que Ari Navalhada adquiriu a maioria das sementes para plantar em outros locais, e ficou com a erva para vender aos viciados*[24].

Os policiais de Londrina vieram em auxílio dos de Jataizinho; eles constataram que não era simplesmente maconha, mas uma variedade muito especial dela, "a mais procurada pelos traficantes e viciados, a perigosa cabeça-de-negro".

Inquieto com o destaque que o jornal deu à variedade da erva, pesquisei a expressão e encontrei um estudo voltado para os significados culturais do uso da maconha. Nele, "cabeça-de-negro" é uma palavra originalmente utilizada por usuários de maconha do nordeste brasileiro. Segundo os pesquisadores MacRae e Simões, a expressão foi provavelmente cunhada no nordeste onde, assim como a congênere manga-rosa, é utilizada para designar as qualidades da erva[25].

Para os pesquisadores, a erva nordestina, por ter circulado em estado bruto[26], facilitou sua nomeação – os usuários podiam visualizar suas inflorescências, a disposição das flores sobre o talo. Disso, decorrem expressões como berlotonas, cabeça-de-negro ou manga-rosa. Porém, "cabeça-de-negro" é expressão utilizada também para designar outra planta, *Annonaceae Annona Cherimola,* também conhecida como Fruta do Conde, Anona do Chile, Chilimóia etc[27].

Se fossemos eleger os motivos que levaram o uso dessa expressão para diferentes plantas, poderíamos supor que há alguma semelhança entre a morfologia delas, no

---

[24] Idem.

[25] MACRAE E SIMÕES. **Rodas de fumo: o uso de maconha entre as camadas médias urbanas.** Salvador: UFBA / CETAD, 2004, p. 82. Acessado em 08/06/2011, disponível em: www.giesp.ffch.ufba.br.

[26] Erva solta e não prensada.

[27] Portal eletrônico da organização não governamental **Bioversity Internacional**. Acesso em 08/06/2011, disponível em: http://www2.bioversityinternational.org/Information_Sources/Species_Databases/New_World_Fruits_Database/qryall3.asp?intIDSpecies=86.

entanto, não há. A *cannabis*[28] não possui frutos e sim inflorescências na planta fêmea. Ao que tudo indica, a "cabeça-de-negro" queimada pelos policiais em Ibiporã é uma variedade de *cannabis sativa*, uma espécie cujas inflorescências, onde está a maior parte do psicoativo, são maiores que as das demais variedades.

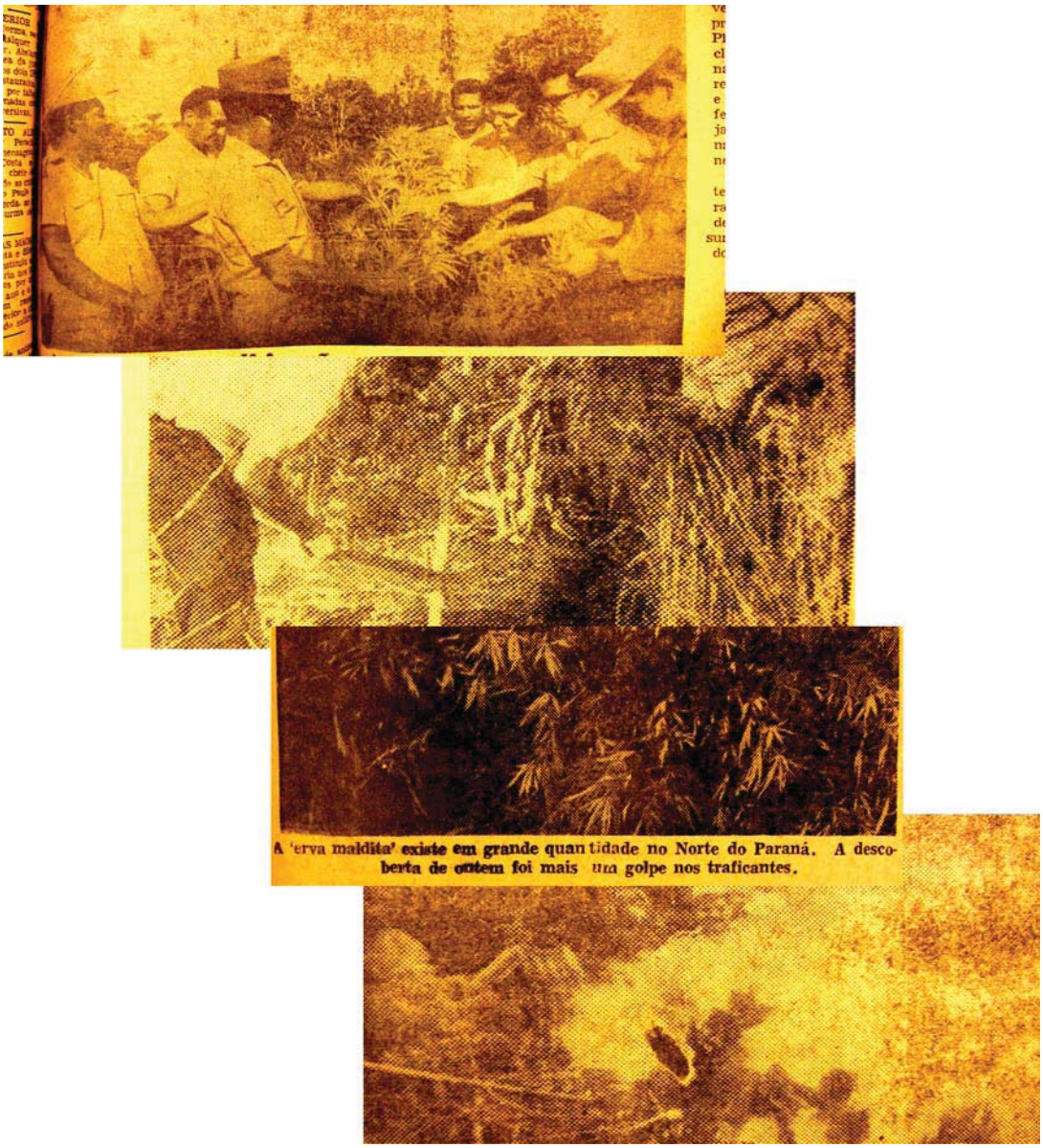
Figura 6

Cannabis sativa L.
1. Planta macho florida
2. Flores da planta macho
3. Folha de cannabis
4. Flor fêmea com estigmas estendidos
5. Fruta / semente de cânhamo
6. Berlota da planta fêmea
7. Planta fêmea florida
8. Crescimento prematuro

De onde advém o conhecimento dos policiais de Londrina, haja vista que as condições de aquisição da expressão extrapolam os laudos científicos protocolados nos processos criminais? Minha hipótese é que os policiais a conheceram por terem mantido contato com os consumidores, traficantes e produtores de maconha. Contatos para além das relações oficiais.

[28] Cris Conrad utiliza a termo "cannabis resinosa" para se referir a planta com resina: "Uma terminologia estandardizada para as drogas à base de *cannabis* que elimina a linguagem tendenciosa deve ter como premissa uma característica fisiológica objetiva. Uma medida comum é a quantidade e a forma de resina tirada da planta de *cannabis* fêmea. A resina determina a intensidade e a natureza da experiência psicoativa. [...]" CONRAD, Cris. **Hemp: O uso medicinal da maconha**. Trad. Heitor Pitombo, Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 16.

Figura 7



Sobre essas fotos, o "Sr. R" comentou:

— Isso mesmo, mas aqui é o seguinte: essa maconha não era dele, os caras que plantavam ali. Eu me lembro da notícia, "mais de cem quilos de maconha" – o "Sr. R" nesse ano, 1968, estava preso com Navalhada no 'Cadeião' de Londrina.

Mostrei também, em outra ocasião, as mesmas fotos para o jornalista Edison Maschio que, naquela época, trabalhava como diretor do jornal 'O diário'[29]:

— É, ocorreu essa versão de que um sujeito em Ibiporã tinha uma grande plantação e que o Ari Navalhada a teria subsidiado. Essa versão ocorreu, mas não chegaram a comprovar nada, entendeu como é que é? – silêncio. Não provaram e, na verdade, isso é a

[29] Jornal que manteve sede em Londrina, hoje extinto.

história, quando chegaram à frente do juiz, os tiras negaram, não compareceram, esse esquema policial era complicado.

Fabulação ou história, no mínimo, o que se pode afirmar é que o imaginário da esposa do lavrador estava povoado pela figura do Navalhada. No seu texto transcrito pelos jornalistas, uma série de imagens são sugeridas: Navalhada e sua esposa, "Sra. Z", caminhando por entre os sítios, saudando alguns, conversando com outros e apresentando as sementes para o lavrador como sendo de boa procedência para pássaros cantores. Como ela teve acesso a imagem dele[30]? Vendo Navalhada conversando com o marido, passando as sementes, levando a primeira safra, tomando um café junto com a esposa na sua cozinha? Ou talvez conversando com os outros camponeses, por meio da leitura de outro jornal ou, quem sabe, escutando algum programa de rádio[31].

Entrementes, dentro dessa dimensão imaginária, a trama do moço da cidade que induz o lavrador a plantar maconha é recorrente. Acontecimentos como esse viraram letra de música nas mãos do compositor e cantor de moda-de-viola Dino Franco que, junto com Jesus Carlos, compôs a música "Lavoura de Maconha"[32].

O Seu Joaquim tinha um sítio nas bandas do pantanal
E por lá chegou um moço de São Paulo capital
Falando em agricultura da área experimental
Eu trouxe para o senhor um ramo medicinal
Lugar que faz pouco frio
Se o senhor fizer um plantio o lucro é fenomenal...

Seu Joaquim ficou cismando o mocinho convenceu
Eu mesmo faço o consumo de todo produto seu
O costeio pra lavoura adiantado ofereceu

---

[30] A propósito da hipótese que compreende que a lembrança se manifesta na consciência como imagem é sugestiva a distinção que Bergson faz em seu texto, **Matière et mémoire**, entre imagem-cerébro-ação e imagem-cérebro-representação. Ao longo do caso, fui pesquisando sobre essas formulações a respeito da memória. A principal referência nesse caminho foram as indagações de Ecléa Bosi em seu livro **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. No desdobramento do texto, Ecléa Bosi frisa a distinções que há na teoria de Bergson entre ação e percepção. A esse respeito propõe uma metáfora: "[...] a percepção difere da ação assim como a reflexão da luz sobre um espelho diferiria da sua passagem através de um corpo transparente." Através da mediação da metáfora proposta pela autora, penso que a percepção é o espelho que reflete, mas também retém algo do que chega de estímulos do mundo, possui sua opacidade dado o vivido. BERGSON, Henri apud BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 4 ed. SP: Cia. das letras, 2007, p. 45.

[31] Qual seria o papel do historiador aqui? Revelar se Navalhada foi ou não mentor intelectual da plantação de maconha? Acredito que são questões que não mudariam a direção dessa história. Navalhada é associado à notícia da Folha de Londrina, mas, nas lembranças dos entrevistados, foi inocentado. Opto por não entrar no mérito do referente "verdadeiro", pois entendo que o eixo dessa pesquisa é formado pelas lembranças dos entrevistados que lembram ao serem confrontados com minhas perguntas, fotos e dados que levantei nos autos criminais, nos jornais e, principalmente, em conversas informais com moradores da cidade.

[32] Dino Franco & Parceiros. (texto sem data e referência autoral). Acessado em 10/06/2011 e disponível em: http://www.raizcaipira.com.br/acervo/cantores/d/dino_franco_&_parceiros.html

Seu Joaquim trabalhou muito, mas o lucro apareceu
Produção em quantidade
O moço lá da cidade tudo que levou vendeu...[33]

Assim segue o encadeamento da canção, o cururu[34] do disco "Presente de Deus", que termina com uma "moral da história": "esmola quando é demais até o santo desconfia" – "Seu Joaquim" foi preso pela Polícia Federal.

Nascido em 1936 na cidade paulista de Paranapanema[35], a 270 km de Ibiporã, Dino Franco gravou a música em 1987 com o parceiro Moraí. Entre os músicos praticantes do cururu, há trocas de histórias que, na maioria das vezes, se passam no meio rural. Nestas, figuram como personagem principal 'o caipira', que enredado em tramas ficcionais e históricas, proporciona aos músicos e no público um clima cômico[36]. É esse clima que prevalece na música "Lavoura de Maconha", principalmente, quando "Seu Joaquim" diz "que lhe faltou experiência para saber que a erva era maconha". O mesmo argumento ocorre nas declarações da esposa do lavrador de Ibiporã, quando diz que não sabia que se tratava da "erva maldita".

A música, no mínimo, é um indício da circulação de histórias semelhantes. Desse quadro rural, o Navalhada que surge é um personagem lendário, dissolvido na sobreposição de tantos outros "moços da cidade" que tramaram contra a "inocência" de algum caipira habitante da beira do Pantanal, Paranapanema ou do Tibagi.

&

Por se tratar de um personagem criminoso, a reação inicial dos entrevistados durante a pesquisa foi sempre uma incógnita. Um exemplo ocorreu quando eu estava à procura de uma figura muito conhecida nas noites de Londrina – em boates e bares. Um garçom do bar Valentino[37] havia me garantido que o tal sujeito sabia muitos detalhes do Navalhada. O episódio aconteceu no dia 01 de setembro de 2010, próximo às onze horas da

---

[33] Letra disponível em: http://www.cifras.com.br/cifra/dino-franco-e-mourai/lavoura-de-maconha Acessado em 29/07/2011.

[34] Estilo de tocar viola caipira caracterizado por seu ritmo típico do médio Tietê e da região de Piracicaba.

[35] ORNELHAS, Pedro. **Homenagem ao grande compositor Dino Franco**. Postado em 07/11/2010, acessado em 10/06/2011, disponível em: http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2601253.

[36] OLIVEIRA, Allan de Paula. **O tronco da roseira: uma antropologia da viola caipira**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, p. 122. Disponível em: http://www.musa.ufsc.br/docs/allan_dissertacao.pdf.

[37] Bar e boate da cidade, localizado na região central.

noite, quando o encontrei no 'Bar do J' jogando sinuca[38]. Fiquei acompanhando o jogo à distância, até que uma pessoa foi jogar em seu lugar. Assim, me aproximei. O sujeito foi cordial no seu trato e, depois das devidas apresentações, me senti à vontade para perguntar:

— Faz tempo que o senhor frequenta a noite de Londrina?

— *Faz muito tempo, desde meus 16 anos, hoje eu estou com 58.*

— O senhor chegou a frequentar a Vila Matos?

— *A Vila Matos! O restaurante do Toninho?* – com empolgação. *Claro, conheci, andei muito por ali...*

— O senhor conheceu o Ari Navalhada?

Essas foram as últimas palavras da entrevista que mal começava. Como um farol que se apaga, o sujeito abaixou a cabeça e saiu de lado, caminhando em direção ao balcão. Virei e olhei para ele tentando entender a situação, mas foi inútil, estava encerrada a entrevista.

Penso que muitos motivos podem tê-lo impelido a essa fuga inesperada. Talvez medo, ressentimento, suspeita. Esse episódio me fez acentuar a pergunta: por que Navalhada é lembrado por várias pessoas da cidade? Essa é a pergunta que esse trabalho pode imprimir uma leitura, não mais do que isso. Há uma comunidade que se lembra de histórias onde figuram o "seu Ari", "Ari Navalhada" ou o "Orides José de Lima". São, portanto, as maneiras e as tramas encenadas pelas palavras dos entrevistados que respondem aos porquês de Navalhada ser lembrado.

&

— Ele não gostava muito de falar dos casos, perguntava sobre comida, quando ia sair, audiência. Porque naquela época era o próprio carcereiro que levava o preso para o fórum, então ele falava: hoje vai ter audiência, ele chamava os presos para ir às varas, saia e entrava. Agora, nunca presenciei briga dele dentro da cadeia, porque eram muitos detentos juntos. Então eles brigavam muito, eram muitos presos lá dentro. Principalmente, era a época dos stocks: pegavam o ferro da cela e com uma tereza, corda de pano que eles usavam para fuga, colocavam o pano para proteger a mão – com as mãos simulando alguém apunhalando.

A fala transcrita é da jornalista Nicéia Lopes[39]. Ela conheceu Navalhada pessoalmente em 1983 quando ele estava preso no Cadeião de Londrina. Ela, de dentro do

[38] Bar localizado também na região central de Londrina.
[39] Entrevista realizada no dia 06/07/2010 na residência da jornalista em Londrina.

Cadeião, observava o trânsito de presos e, com seu gravador, captou muitos depoimentos em que o "Seu Ari" era apontado como fornecedor da droga. Seu depoimento sugere uma continuidade com muitos dos aspectos relatados pelo "Sr. R" a respeito do Navalhada. No entanto, ela conviveu com ele quase quinze anos depois dos episódios de 1968, 69 e 70 – datas das notícias no jornal.

Mostrei também as fotos da plantação de maconha em Ibiporã. Para ela, a atribuição à Navalhada do delito era previsível:

— Muitos presos quando chegavam à delegacia e eram perguntados: "de onde você pegou?" Ah, foi com o "Seu Ari" da Vila da Fraternidade[40], entendeu? Era uma coisa que chegava a ser até inocente, preso por maconha dizer que tinha pegado a erva na Vila da Fraternidade com o Seu Ari

Podemos, a fim de organizar as lembranças dos entrevistados, supor que há dois tempos: no primeiro, Navalhada, ainda vivo, sofre as consequência da lenda construída em torno de si; no segundo, póstumo, é lembrado nas falas e gestos dos entrevistados.

Em relação à primeira, o produtor cultural e DJ[41] Paulão Rock'n'Roll acrescentou à investigação, ao localizar a circulação da imagem de Navalhada na Vila Matos[42]:

— A minha passagem pela Vila Velha era mais no sábado e no domingo. O velho Milanês, o saudoso Milanês, o jornalista imortal de Londrina, ele alegava, ou melhor, contava essa história que muitos confirmaram: existia um baú, baú das putas, elas vinham em um avião que pousava sexta-feira em Londrina e deixava aqui vinte, trinta garotas de SP e da região. Elas vinham aqui fazer negócio de sexo e, a gente, como éramos muito espertos, "garotão novo", com uns quinze anos, dezesseis, ia lá para tomar, "pegar a sopa". O que é a sopa? Lá no velho Toninho, um restaurante que tinha lá. O Toninho fazia uma sopa de galinha, a famosa, como é que chama a sopa de galinha?

— Canja! – respondi.

— A famosa canja de galinha que as meninas iam tomar depois, no final do trabalho, lá pelas três ou quatro horas. A gente ficava por ali, rodeando o puteiro, e passava na Canja do Toninho para ver o que tinha sobrado da sopa. Que sopa? As meninas, que, depois de trabalhar à noite inteira transando por dinheiro, agora iriam transar por amor. Então, a gente ficava garimpando essas gatas. E ali aparecia muito o Ari Navalhada e, apesar de ele ser

---

[40] Bairro da zona leste da cidade.
[41] DJ – sigla para a expressão inglesa *Disc Jokey*.
[42] Entrevista realizada em 01/09/2010, na residência de Paulão.

folclore na região, algumas delas diziam: “não vai ali depois da árvore que ali tem a casa de um cara perigoso, um bandidão!” Mas a gente ia mesmo assim. Paulão traz a dimensão da difusão da imagem de Navalhada num espaço específico: a Vila Matos.

A Vila Matos surgiu em consequência da expulsão das “casas de tolerância” das regiões mais próximas do centro da cidade. Segundo o jornalista Marinósio Neto, em 1949, o então delegado Edmundo Mercer Junior, atendendo às inúmeras queixas, baixou uma portaria para que, num prazo de trinta dias, a zona do meretrício, que se encontrava da rua Rio Grande do Sul, fosse transferida para a Vila Matos[43]. O processo foi investigado pelo historiador Edson Holtz Leme: “[...] a Vila Matos, nasceu distante do centro, porém próximo do olhar vigilante da polícia. Como uma verdadeira ‘cidade proibida’, o novo endereço da zona cresceu sob o estigma da marginalidade [...]”[44].

Na ocasião da entrevista, mostrei para Paulão uma cópia da foto área tirada da Vila Matos na década de 60 (Figura 8). Ele ajudou com algumas marcações a localizar o tal “restaurante do Toninho”, onde com seu grupo de amigos seguia, para no fim da noite, “garimpar” algumas “gatas”.

Figura 8 - Fotografia aérea da Vila Matos, década de 1960.

Fonte: Acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss[45]

[43] MARINÓSIO NETO apud LEME, Edson Holtz. **Noites Ilícitas: histórias e memórias da prostituição**. Londrina: EDUEL, 2005, p. 48.
[44] Idem, p. 49.
[45] Idem, p. 63.

Figura 9 - recorte ampliado da figura 8 enquadrando a Vila Matos

Figura 10 - Imagem atual da região, já com a rodoviária localizada no espaço onde estava a vila.

Fonte: Extraída do Google Earth

Na ocasião da entrevista no presídio, perguntei também para o detendo, “Sr. R”, se ele ouvia falar do Navalhada no tempo em que não estavam presos.

— Direto, porque eu fiquei aqui na cidade de 1970 até 1983. Eu estava ligado no movimento dele, conhecia vários caras que pegavam erva com ele: o João Lúcio que até morreu por causa de droga. Nos anos 70, o Ari já mexia com outras drogas, mas ficava mais naquela época com boate, ele mexia com droga e boate. Ele ficava na boate e no final de semana, no sábado e domingo, sumia, pegava esse jipe dele e se mandava. Quando ele chegava, às vezes, o pessoal falava: "o Ari foi buscar mercadoria".

Ele ia num descuido muito grande, mas tinha o lugar dele guardar lá na Santa Terezinha[46]*, era ali a distribuição, não levava nada para a casa dele, tinham vários caras que trabalhavam com ele, uns oito ou dez* – articulando com as mãos a história.

Indiretamente o "Sr. R" conviveu com Navalhada mesmo depois que foram cumprir pena em locais diferentes. Ele vivencia a imagem de Navalhada de um ponto de vista que o habilita a compor um quadro geral do seu comércio ilegal. Também, quando diz que ouvia falar "direto", pois "conhecia vários caras que pegavam erva com ele", sua perspectiva é de alguém que observava Navalhada de dentro do mesmo grupo ou de um grupo associado ao dele[47]. O Ari Navalhada do seu depoimento é um homem das estradas, sempre atrás das mercadorias. Isto, por sinal, se associa ao depoimento do filho de Navalhada, Ari Soares, quando o mesmo reportou que o pai o apresentava na "roda do crime" como um caminhoneiro – profissão em que ele nunca atuou.

O filho de Navalhada, Ari Soares Pinto, nasceu no dia 03 de julho de 1959 na cidade de Bauru. Contou que seu pai não envolvia sua família nos negócios ilegais, tanto que quando o nome "Ari Navalhada" e, consequentemente, Orides José de Lima, passaram a ser manchetes dos jornais, sua mãe, Ilda Soares Pinto, trocou seu nome: passou de Orides José de Lima Junior por Ari Soares Pinto, seu nome de solteira.

A exceção à regra de não envolver a família com o crime foi citada pelo próprio Ari Soares, ao contar sobre uma viagem que pai e filho fizeram ao Paraguai:

— Quando eu estava por volta de 10 anos, nós fomos para o Paraguai comprar maconha, eu nem sabia o que era isso. Ele fez um travesseiro com a maconha,

---

[46] Bairro localizado na região leste da cidade de Londrina.

[47] "Sr. R" se lembra do Navalhada "naquela época" em que ouviu alguém dizer: "o Ari foi buscar mercadoria". Se a mercadoria eram as drogas ilegais, e havia um espaço para essa troca de informações, é razoável supor que as pessoas desse grupo mantinham ligação com as variadas atividades criminais disponíveis "naquela época" em Londrina. Entrevistá-lo no presídio contribuiu para nosso objetivo, pois o "confinamento", "o crime", "a cadeia", se associam às características levantadas sobre Navalhada. O arranjo teórico apresentado por Ecléa Bosi torna o entendimento dessas "imagens lembranças" do "Sr. R" como resultado da interação de inúmeros círculos de memória, sendo o último deles a memória habitual. Já que as lembranças partem de associações com o tempo presente, a diferença talvez se manifestaria se eu o tivesse entrevistado em liberdade, em sua casa, na capital do estado de Goiás.

encapou, fez forro e eu sentei em cima daquilo num jipe. A única coisa que falou para mim foi: "se a polícia parar a gente, você desce e fica junto com o travesseiro". Quando a polícia parava, eu descia e ficava com o travesseiro aqui no canto, a polícia entrava no carro e não achava nada[48].

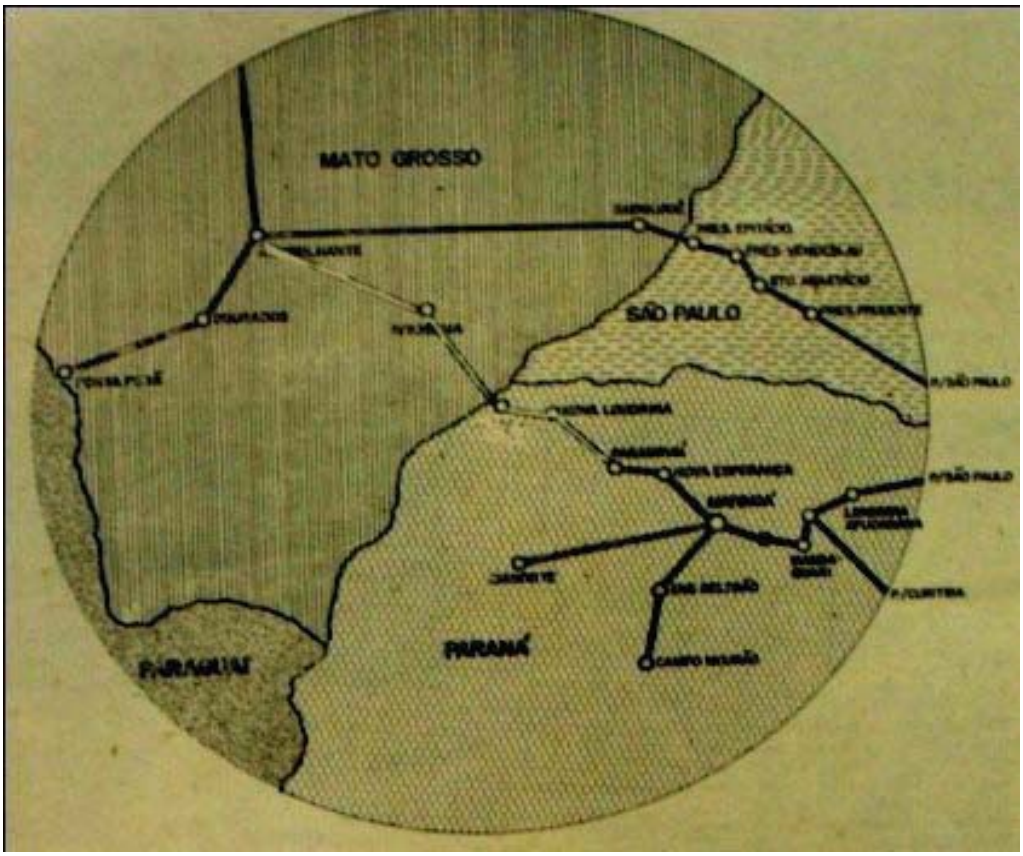
Nas estradas e caminhos que o levavam às drogas, nessa mesma trilha, o "Sr. R" demonstrou ter afinidades com as estradas e jipes. Além de estar preso por assalto de carga de defensivos agrícolas, mencionou, com tom de admiração, os três jipes que Navalhada possuía em 1969: o "jipão" que conseguia seguir caminho nas estradas precárias de terra rumo a San Juan Caballero, Paraguai, cidade vizinha de Pontaporã, Mato Grosso.

— Nessa época que o Ari trabalhava com esse jipão, eu trabalhava numa mercearia na Souza Naves ali, onde é o Rei do Carro. O meu patrão tinha um jipe desses daqui – apontando para a foto – sempre esse patrão falava para mim, "ô meu, o Ari tem uns jipão lá", porque ele sempre tinha uns três, quatro jipes. Ele era muito conhecido, falava "casa do Ari" todo mundo conhecia, naquela época, a cidade estava em formação.

De fato, as estradas eram precárias no norte do Paraná e na região sul do Mato do Grosso do Sul. Tanto que no dia 9 de maio de 1970, sábado, a Folha de Londrina estampava na capa do 'Caderno 2' um intrincado mapa com todas as estradas que o Estado do Paraná possuía, entre elas, destacava a inauguração da PR-11, ligando Ponta Grossa a Itararé[49]. Naquele sábado, o leitor do jornal poderia ficar muito bem informado sobre as estradas do Paraná, já que as seis páginas posteriores abordavam o mesmo tema. Folheando o jornal, ele encontraria a carta aberta do prefeito do município de Nova Londrina, Sauer Salum, sugerindo publicamente ao indicado futuro governador do Paraná a construção da rodovia Paranavaí-Dourados (Mato Grosso). O prefeito menciona o "sonho de toda região": a rodovia que ligaria Paranavaí a Rio Brilhante (Figura 11) [50].

[48] Entrevista ocorrida no dia 12 de fevereiro de 2010 na casa de Ari Soares, bairro Vila Nova, Londrina. Participaram dessa entrevista os historiadores Rogério Ivano e Antonio Paulo Benatti.
[49] Folha de Londrina, 'Caderno 2', (sem título específico), 09/05/1970.
[50] Hoje a BR-376 liga Paranavaí à Dourados sem passar em Rio Brilhante.

Figura 11



Fonte: Fotografia do jornal, 09/05/1970

&

O Sr. Ari Soares, 50 anos, filho de Navalhada, morou durante muito tempo com seu pai na Vila Matos. Coincidentemente, o bairro onde hoje mora, a Vila Nova, sugere o antônimo do apelido da Vila Matos: Vila Velha.

— Você falou sobre "os homens"[51]?

— *Vi muitas vezes buscarem ele lá em casa. Eu não posso falar os nomes porque não lembro, era molecote.*

— *Ele tinha um papagaio!* – Ari Soares fez um corte no assunto, talvez expressão da dificuldade de falar sobre o tema ou mesmo sobre o pai. A resposta direta "não posso falar" sugere também uma conduta já conhecida do meio ilícito: não citar nomes.

— Ele tinha um papagaio?

— *Ele era cotoco...*

— Já tinha o VGD (Estádio Vitorino Gonçalves Dias)?

— *Sim, o VGD é antigo.*

[51] Expressão comumente utilizada para designar os policiais.

— O papagaio avisava seu pai?

— *A polícia estava chegando, soava a sirene e ele dizia: "Olha os homens, olha os homens!" Ele tinha também um porco chamado Chico, e a droga ficava escondida debaixo, como é que chama aquele negócio? Aonde coloca a lavagem?*

— Cocho?

— *Tinha um fundo falso, a droga ficava debaixo num fundo falso do cocho*.

— Mas isso ficava na sua casa?

— *Hoje, seria ao lado da rodoviária nova. Inclusive, onde é aquela oficina automotiva, ali era a casa do meu pai.*

Figura 12 - Fotograma do local onde, segundo Ari Soares e Otávio Sanches, era a residência de Navalhada (filmado em 2010)

— Onde é a loja de automóveis?

— *Ali era tudo do meu pai. Mas era uma casa normal.*

— Mas era Vila Matos ali?

— *Era Vila Matos.*

— Seu pai tinha um bar lá?

— *Tinha um bar, o 'Bar do Ari'.*

— Que tipo de clientela frequentava o bar?

— *Tinha prostituta, travesti... Na época, o 'Sindicato dos Saqueiros da Vila Matos' também era lá.*

— 'O sindicato dos saqueiros de Londrina'?

— *Sim.*

— Então ele tinha um bar ali, era casa, era o bar?

— Não. Ele tinha o bar, atrás do VGD hoje. Naquela rua paralela, só que virado pro lado de cá. A casa dele era na Vila Matos também que é mais conhecida por Vila Velha, falava de Vila Velha todo mundo tremia.

— Era muito violenta?

— Vixe! Só morava o que não prestava ali dentro.

— Você andava por ali?

— Andei muito por ali, eu era moleque.

— E era isso mesmo?

— Era isso mesmo! Eu roubei muita bola por lá. Os jogadores jogavam, caia lá no telhado, eu era moleque, catava tudo.

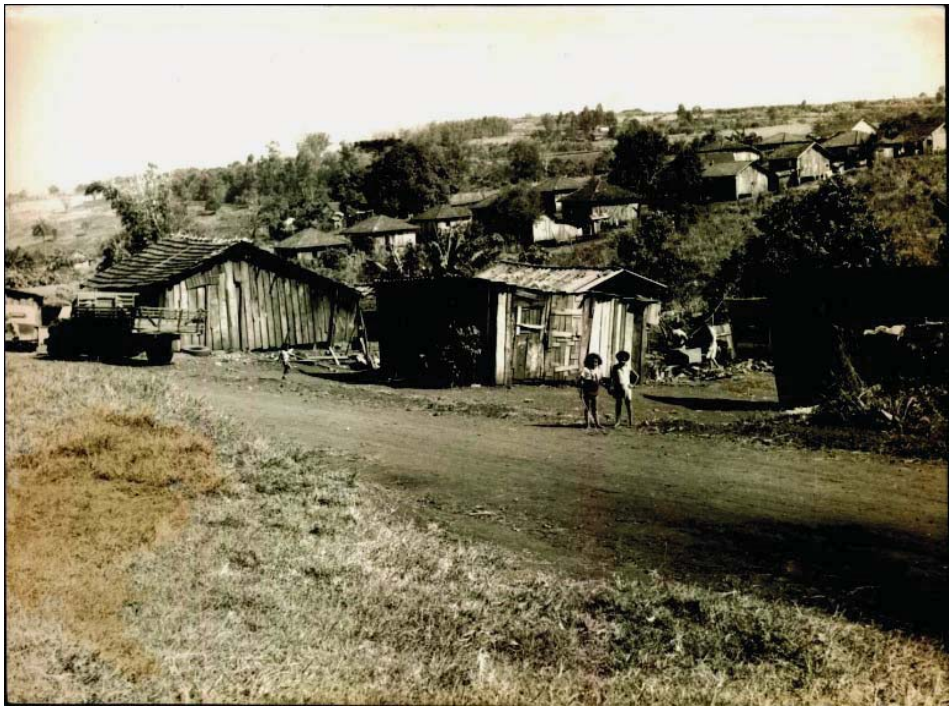
— E como é que ele ajudava os outros?

— Ele ajudava pessoas que estavam passando fome...

— Aqui na cidade de Londrina? Fazia doação?

— Doava dinheiro, precisa levar no médico, ninguém tinha carro. Ele levava as crianças na escola lá no Jardim Bandeirantes[52]*. Ele ajudava muita gente ali na Vila do Grilo* [antigo nome do Jardim Pindorama e da Vila da Fraternidade]*, muita gente gostava dele.*

Figura 13 - Vila do Grilo, trecho atual Pindorama



[52] Bairro da zona oeste da cidade de Londrina.

Figura 14 - Moradores da Vila do Grilo ouvindo o discurso das autoridades municipais sobre as obras iriam ocorrer no local: construção de moradias, remoção de favela, drenagem do ribeirão, terraplanagem. Fotos arquivadas no CDPH

— E o pessoal procurava seu pai para pedir ajuda? Batia na porta dizendo: "preciso de um transporte, preciso de comida"?

— *"Preciso de um arroz, preciso de um feijão..." E naquela época tinha um mercadão, o único mercadão que tinha era aquele que foi vendido na Vila Casoni*[53]*. Meu pai comprava tudo em saco. Eu saia para distribuir onde é hoje o Jardim Pindorama, meu pai ajudou a construir, foi meu pai quem ajudou a construir aquela igreja lá.*

— Como que era isso, tinha a parte criminosa, mas ao mesmo tempo ajudava?

— *Bem, eu tenho consciência que ele matou algumas pessoas porque queriam matar ele.*

— Você lembra algumas dessas histórias?

— *Eu sei uma que um cara tentou se engraçar com a segunda mulher dele, que era uma gaúcha...*

— Então, não foi por causa do tráfico?

— *Crime de honra! Ele tinha uma mulher muito bonita, uma gaúcha muito bonita chamada "Sra. N". O único crime que me lembro mais é esse.*

[53] Bairro de Londrina contíguo a Vila Matos.

— Foi na Vila Matos?

— *Foi na Vila Matos. Ele nunca foi condenado por esse crime, era mais pelo tráfico que a polícia caia em cima dele...* – silêncio.

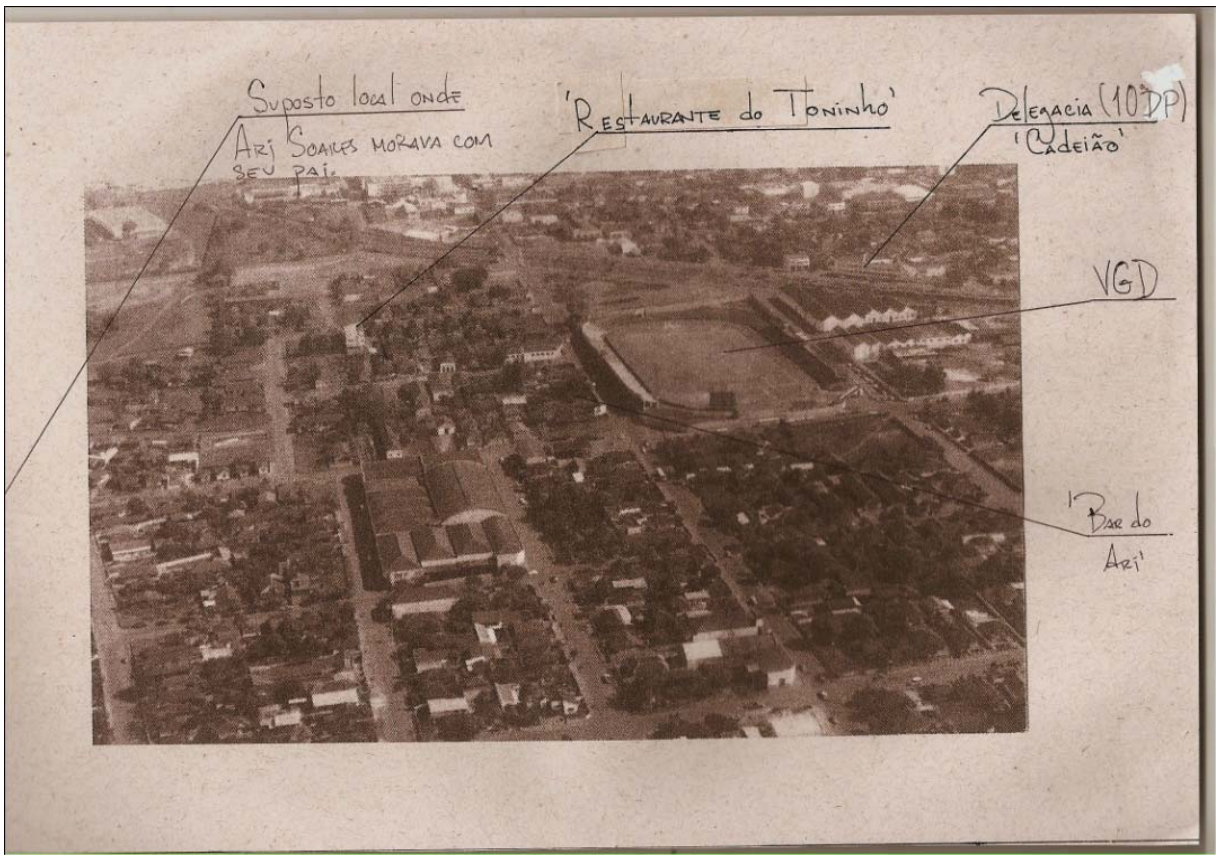
— E qual era rotina dele?

— *Ele acordava cedo... Deixa eu te falar, meu pai tinha mais de 200 passarinhos, galinhas, porcos, tudo quanto é tipo de animal que você pensar tinha no quintal. Gostava muito disso, ele tinha um pássaro preto que bebia pinga e tinha um papagaio, que já te falei, que avisava quando a polícia estava descendo, porque ali, onde descia antigamente, só subia de jipe.*

— Era para baixo da linha de trem?

— *No campão, não tinha a* [avenida] *10 de dezembro, tinha muita casa de chão. Dali da minha casa a gente via tudo que acontecia lá para cima, quando a polícia vinha, o papagaio gritava mesmo, era incrível aquilo! Ele dizia "olha os homi!!!"*

Figura 15



— Seu pai era católico? Praticante?

— *Era.*

— Ele era uma pessoa culta, gostava de ler?

— *Gostava de ler, gostava do Júlio Iglesias, do Roberto Carlos, curtia mesmo a coisa, a arte.*

Perguntei também para o jornalista Edison Maschio sobre os detalhes da Vila Matos. Apresentei para ele a foto com as identificações feitas por Ari Soares.

— Senhor Maschio, esta aqui é uma foto aérea da Vila Matos na década de 60, correto?

— *É isso mesmo, a Vila Matos é aqui, depois do Vitorino Dias, aqui é a Vila Matos. Tinha umas cento e tantas casas, a cidade cresceu e a Vila ficou dentro da cidade, ficou plantada dentro da cidade. Quando o Antonio Belinati assumiu, em 1976, ele, num acesso de moralismo, resolveu fechar a zona do meretrício, e até acertou, porque ela estava dentro da própria cidade. Então, você vai ler aqui nesse livro*[54]*, o delegado, que era então o Bukowski, deu trinta dias para as cafetinas mudarem, procurarem outro lugar.*

Nessa ocasião, surgiu também um plano para a zona do meretrício lá onde é a Viação Garcia hoje. Eles queriam fazer um loteamento, mas no fim não deu certo, acabaram fechando a zona do meretrício e as casas se espalharam pela cidade. Hoje é comum você encontrar os inferninhos aí por esses bairros. Aqui perto da minha casa tem quatro ou cinco, lá no fundo eles têm quartos que alugam. O sujeito vai lá, tem cinco ou seis mulheres à espera de homem, bebem, transam lá no fundo, paga-se uma taxa para a cafetina.

A prostituição acabou se alastrando pela cidade, como ocorreu em São Paulo quando o Jânio Quadros assumiu. Ele quis acabar com a Rua Major Sertório[55]*, você conhece?*

---

[54] "O atestado de óbito da zona do meretrício de Londrina foi assinado em 1976, através de uma decisão administrativa municipal com caráter moralista executada pelo Delegado Regional de Polícia, Ladislau Bukowski." MASCHIO, Edson. **Histórias Ocultas**. Londrina: [edição do autor], 2010, p. 11.

[55] A cidade de São Paulo teve muitas áreas urbanas onde se concentravam as boates de prostituição. Essas "zonas dos meretrícios" foram passando de uma região à outra na medida em que a sociedade civil se mobilizava para retirá-las. No portal eletrônico **São Paulo Minha Cidade** há uma coleção de relatos sobre o passado da cidade, entre eles, no artigo 'turismo sexual', lemos:
"[...] Um amigo meu, sem muita grana, um dia foi lá (aliás, muita gente tinha essa vontade, ou curiosidade). Disse ele: era uma boate caríssima, e frequentada somente por "altas autoridades" (inclusive deputados e delegados de polícia), que tinham "consumação franca". Lembro-me que ali só fui uma vez, para conhecê-la... assim esperei o "*pay day*" (dia do pagamento) no Laboratório Farmacêutico que trabalhava e nos fins dos ano 60 (mais ou menos em 68/69), eu já casado há uns 15 anos fui com um colega (propagandistas na época) até a tal boate da "elite" (como chamavam), ali na rua Major Sertório, quase na esquina daquela praça (se não me engano Praça Dr. Vila Nova). Ficamos no máximo meia hora, pois não tínhamos "bala" para ali ficar... Só sei que a maioria das "garotas" que ali frequentavam (sem os pais saberem), eram estudantes do Colégio Mackenzie, que fica ali nas imediações, e muitas pagavam o colégio graças às "saídas" com "figurões" da época. Não era um

— Não.

— Era o centro da prostituição. O Jânio, com aquela tiragem de moralista, fechou. Então, alastrou-se pela cidade toda. E hoje está tudo camuflado, não adianta. Até ficou pior, porque quando a prostituição estava concentrada num só ponto, você sabia que ali era o foco das "mulheres de vida fácil".

— E quando o Bellinati foi lá e promoveu a construção da rodoviária, a Vila Matos já estava em decadência?

— Já tinha definido há muito tempo que a zona estava fechada. Mas as casas continuavam lá. Muitas mulheres que se afastaram das cafetinas, que não continuaram sob o jugo delas, continuaram lá, se virando como podiam. Outras, porém, tomaram rumos incertos. Mas a zona mesmo tinha acabado, a zona do meretrício. E ali tinha muita mulher, mulher de tudo quanto é tipo.

O primeiro passo oficial para a demolição da Vila Matos ocorreu com um decreto municipal de 1977, que tornou os terrenos que compunham parte da Vila Matos, Jardim Helena e D'Andréa de utilidade pública. Previa-se que a desapropriação dos terrenos poderia ser de forma amigável ou judicial[56]. Todavia, essa relação entre os moradores da Vila Matos que "faziam a noite" e o poder público já não fora, por vezes, amigável. A primeira sequência dessa peleja ocorreu em 1966, quando o delegado Bukowski, da 12ª Subdivisão Policial, com seus agentes civis e militares, fechou as casas que ali haviam e "[...] onde há cerca de 20 anos vinham funcionando ininterruptamente em lupanares, boates, restaurantes e botequins", diz o texto da Folha de Londrina[57]. Em **Noites Ilícitas**[58] há uma imagem do jornal O Combate que noticia o conflito no seu "primeiro Rond" [sic].

---

prostíbulo e sim um local de "encontros", para depois saírem para os hotéis, com a autorização do "dono do negócio", que tinha participação também nos tais encontros, fora a consumação no local." LOPOMO, Mário. **Turismo Sexual**, disponível em: http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=3374. Acessado em 07/07/2011.

[56] TAKEDA, Marcos. **As transformações da área central de Londrina: uma outra centralidade.** Monografia, Londrina: UEL, 2004, p. 126.

[57] Folha de Londrina, 09/01/1966.

[58] LEME. **Op. cit**., p. 67.

Figura 16 - Imagem do jornal O Combate, que noticia o conflito entre prostitutas e o poder público[59]

Esta edição 9 páginas

O COMBATE

Arbitrario o fechamento dos bares da Vila Matos:

Na Guerra às Doidivanas a Policia Perde Primeiro «Rond»

Diz o texto que segue a manchete:

> *Na luta que a polícia vem travando para o fechamento definitivo da zona do meretrício, esperava-se do delegado chefe Bukowski Filho, as maiores precauções e zelo as Leis e a Justiça. Entretanto, a euforia de solucionar o caso que já agitou todos os meios sociais do município, fez com que esquecesse onde começa o direito do cidadão, daí, a razão de ser considerado, pela justiça, arbitrário o fechamento dos bares da Vila Matos*[60].

Judicialmente houve um movimento por parte das proprietárias das casas, boates e bares da Vila Matos tentando obter a reabertura do comércio. Conseguiram um mandato de segurança contra a ação do delegado, contudo, com a pressão de vários setores da sociedade e, principalmente, da imprensa que assumia a voz das "mães de família"[61], o fechamento foi inevitável.

A "zona" voltou novamente anos depois, mas não era mais a mesma, não havia mais o apoio das autoridades políticas e policiais. O espaço não era mais o mesmo:

> *Mesmo estando proibidas, pela Polícia, de retornar à Vila, diversas prostitutas conseguiram driblar a fiscalização, mudando a aparência e apresentando-se como recém chegadas do interior. Da mesma forma, pequenos bares, os tradicionais 'botecos', e pequenas pensões, foram se reinstalando de maneira furtiva e reiniciando, mesmo que de forma camuflada, as atividades relacionadas à prostituição*[62].

---

[59] O Combate, 02/05/1965.
[60] Idem.
[61] Folha de Londrina, 21/06/1966.
[62] LEME. **Op. cit**., p. 72.

Navalhada acompanhou boa parte desses conflitos. Na entrevista com seu filho, algumas datas vieram à tona. Em 1964 seu pai se divorciou da sua mãe – vivia o casal mais os dois filhos em Bauru, São Paulo. Depois do divórcio, Navalhada veio morar em Londrina. Nesse tempo, conta Ari Soares, seu pai e sua mãe viviam numa espécie de disputa pela guarda dos filhos. A vinda definitiva dele para Londrina ocorreu depois que sua mãe morreu em um acidente de carro e seu pai foi buscá-los na casa de uma "tia de criação" em Curitiba. Em 1970, com 11 anos de idade, Ari Soares era uma criança que brincava na Vila Matos.

Assim como a imagem produzida da Vila Matos por Ari Soares é uma lembrança da infância, na entrevista com Paulão Rock'n'Roll, suas lembranças sobre Navalhada remetem à sua juventude:

— O Ari Navalhada para mim existiu dos anos 60 até os anos 70, porque daí começou a florescer mais traficantes e a turma dele não conseguia mais "sentar a linha". "A linha" do Ari Navalhada é uma linha romântica porque a gente trabalhava e estudava a semana inteira e só no sábado é que curtia. Quando eu fui apresentado à Vila Velha, a Vila Matos, a zona de Londrina que era isolada da cidade, um pouco do lado, eu fui lá para conseguir mulher. Apanhava muito em casa porque "brincava de médico" com minha irmã, com minhas primas, com a vizinha. Então, meu pai falou: "vou dar um presente para você, vou levar você num lugar que é justamente para fazer isso". E aí eu fui lá com os funcionários do meu pai e, por ironia, eu tentei fazer isso com meus filhos, mas eles não gostaram dessa ideia. Eles não acham legal fazer sexo pela primeira vez com mulheres que vendem esse produto. Então, eu fui lá conhecer isso e de repente eu gostei!

Paulão viveu, na adolescência, o último ciclo da Vila Matos e abraçou-a sem problemas. Uma memória positiva a ponto de tentar convencer seus filhos de que ir a uma zona de prostituição é uma etapa na formação sexual de um homem, assim como fez seu pai com ele. Mas a tradição aqui parece que experimentou uma ruptura.

&

O Sr. Otávio, da mesma geração que Paulão, descreveu um dos pontos de encontro da Vila.

— Eram ruas ou pequenas ruelas?

— Eram ruas, passavam carros, tinham casas boas... O restaurante do Toninho, "o Toninho da zona"[63] *era um sobrado que tinha um restaurante em cima, tinha um salão de festas embaixo, era uma bagunça organizada. Quem fala que era igual uma favela, não conheceu, não viveu aquilo lá. Você pegava aquelas casas grandes, tinha às vezes dez quartos, moravam trinta mulheres lá. Era o lugar de encontro. É coisa que não existe mais, esse tipo de boate. Para ter precisa ter muito dinheiro.*

O Brasil mudou muito, mas muito mesmo, a qualidade de vida do brasileiro mudou muito, se você pensar que trinta anos atrás a maioria das cidades não tinha nem água encanada. O pessoal tirava água do poço, banheiro era buraco. Nós mudamos muito, o pessoal quando fala "a Vila Matos era de casebre", não tinha casebres. As casas eram iguais a essa daqui: não tinha luxo, mas tinha parede, tudo certinho. Casebre que eu entendo é feito de zinco e outras coisas mais.

— E quando demoliram a Vila Matos?

— O pessoal que morava na Vila Matos foi tirado dali e levado para o Conjunto Parigot[64]*, é esse o pessoal que morava ali. Naquele tempo, tirava o pessoal e levava para outras regiões, como ocorreu no Conjunto Novo Amparo*[65] *que era o pessoal de uma favela... Por que o traficante está na favela? Porque ali ele mora e ele não precisa ter endereço, ele não precisa se identificar com ninguém, ele é um indivíduo sumido. Nesse tempo ainda não tem o problema do êxodo rural – queimou o café, as colônias que existiam não existem mais, passou a ter monocultura, então, se fez a favela.*

— Na época, a Vila da Fraternidade era favela?

— Na época, antes desse êxodo, tinham três favelas em Londrina. Ali no Guanabara[66] *quase próximo do* [Lago] *Igapó, ali era a favela do Pito Aceso. Tinha a favela do Grilo, atual Vila da Fraternidade, é onde estavam os grandes clientes do "Seu Ari".*

— Mas eram os clientes dele?

— Não, eles que faziam a distribuição, pegavam com ele e distribuíam. A classe média é que consumia.

— Era caro?

— Era caro, não era barato, não. Para você pegar uma "bucha de maconha" ficaria, em termos de hoje, uns 30 reais. Na época, a dificuldade de comprar também era maior, e ter o dinheiro nem se fala.

---

[63] Ver página 34, figura 15.
[64] Conjunto Parigot de Souza, localizado na zona norte da cidade.
[65] Conjunto Novo Amparo, localizado também na zona norte da cidade.
[66] Parque Guanabara, localizado na região sul da cidade.

— Onde era a rua Aimorés?

— É a primeira rua beirando a rodoviária, dividia a zona da vida normal. A Vila Matos ficava entre a linha de trem, a Vila da Fraternidade e a Vila Casoni. Na verdade, antes a zona de prostituição era na rua Brasil, mas era muito central. O prefeito tinha que isolar, mas diziam por aí que era lá que ele se encontrava com o bispo da cidade. Até tinha uma piada que circulava na cidade: um cara encontrava com o amigo e dizia "pô, não te vejo mais!", o outro responde, "ah, cê não vai mais na Igreja e eu não vou mais na zona!"

E todo mundo ia, até o governador ia, Londrina sempre foi uma cidade de opostos: é uma cidade conservadora – a sociedade sempre coloca por baixo dos panos. Isso vai até o começo dos anos 70, com o caso da menina Leila, crimes insolúveis..., porque foram uns bacanas da sociedade que praticaram, até hoje é um crime insolúvel.

O caso da menina Leila é um exemplo citado também pelo historiador e jornalista Tony Hara, em **Caçadores de Notícia**. Um caso de estupro seguido de assassinato que sensibilizou a cidade em outubro de 1970. Os primeiros suspeitos do crime foram os "boys", cabeludos, viciados, grupos de jovens que exibiam um comportamento *outsider*[67] ao "modelo imaginado de juventude sadia". Entre as regras para efetivar esse modelo adequado estava o não consumo de drogas ilícitas. Na ocasião, os jovens identificados como desobedientes a essa regra passaram a ser convocados em fila para prestarem depoimentos na 12ª DP. Os ânimos dos policiais estavam plenos de sentido quanto aos seus suspeitos, já que a Campanha Nacional ao Combate ao Tráfico de Drogas seguia na TV, revistas, jornais e nos tribunais.

> *A associação entre as drogas e o crime sexual foi superdimensionada em Londrina porque o assassinato de Leila coincidiu com o início da Campanha Nacional ao Combate ao Tráfico de Drogas, deflagrada pelo presidente Médici, através da televisão em cadeia Nacional. O tom de terrorismo da Campanha dizia que a toxicomania "era o pior flagelo do século", tornara-se uma "ameaça à Segurança Nacional" e "corrompendo os costumes e provocando as perversões"* [68].

Após entrevistar o Sr. Otávio em sua residência, seguimos de carro para a antiga Vila Matos, local onde ele se divertiu, na juventude, com seu grupo de amigos.

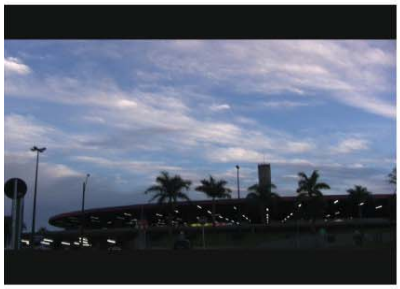
---

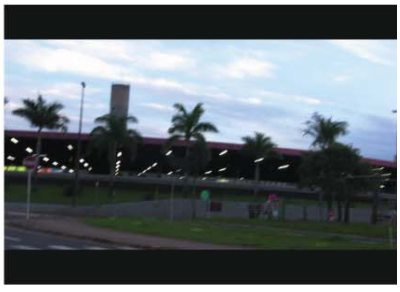
[67] Expressão utilizada por Luiz Carlos Maciel ao tentar definir uma categoria para definir os membros de diversos grupos contraculturais. O termo foi utilizado na coluna Underground do jornal O Pasquim de março de 1971. De forma geral, seria aquele indivíduo cujo modo de vida está fora do *establishment*.

[68] HARA, Tony. **Caçadores de Notícia: histórias e crônicas policiais de Londrina (1948-1970)**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000, p. 149.

— Eram quatro quarteirões, tinha o Sindicato dos Ensacadores e o resto era tudo boteco e prostíbulo. O sindicado ficava aqui na Vila, era do carregador e ensacador. Era na rua do meio, bem no centro do terminal, passava uma rua que subia. No quarteirão de cima tinha o Restaurante do Toninho. Ali se encontrava "a elite", isso daqui deveria ter quase umas duzentas casas. Quase tudo era boteco ou era prostíbulo, não tinha casa de família ali, o ***Bar do Ari*** *era aqui também, mas era para o lado de cima. Se você olhar, têm resquícios, a igreja mudou, mas a quadra continua, onde era o centro comunitário, para baixo tinha uma lavanderia popular, as mulheres lavavam para o pessoal rico.*

Figura 17





Aqui você está pisando no chão sagrado da prostituição de Londrina, tinha casa de todo tipo, ao gosto do freguês. A primeira casa de travesti foi aqui, no começo dos anos 70, ali na esquina da Tabajara. Era um casarão, moravam ali uns cinco ou seis travestis, a oferta era completa. Na ocasião da demolição, a prefeitura arrumou uma área para colocar o pessoal que já não era dono, a maior parte dos terrenos aí era de políticos e tal. Então foi feito a desapropriação e teve uma grande especulação imobiliária – se um órgão público vai comprar uma área como essa, deve ter valorizado. Quando houve a demolição já era decadente, a notícia que eu tenho que algumas foram para a saída da cidade, se você pegar a Estrada dos Pioneiros – onde é o Instituto Tecnológico, ali era uma zona de prostituição. Parte dos bordéis daqui foram para lá: o da Núbia Azul e outros botecos e tal, foram tudo para lá, mas uma boa parte do que estava aqui era aquele negócio decadente, os botecos todos fechando, já estava tudo acabando. Um dos pontos que os caras passavam a droga era para cima. Sabe aonde tem aquela praça ali em cima, para cima da rodoviária? Então, ali era um matagal, e ali era onde os caras passavam, traficavam – após algum silêncio: *Aimorés passaria em cima, ali, era o centro da zona, quer dizer, o Ari estava bem posicionado*.

&

> *Vinícius havia jurado nunca mais entregar-se ao vício da "bolinha". Resolveu cumprir à risca o propósito feito e quando apareceu novamente no colégio estava revigorado e forte. Uma transformação completa havia-se operado em seus princípios e, fiel ao juramento feito, deixou de experimentar os efeitos da "bolinha". Abandonou-a de verdade, pois como ele mesmo segredava aos ouvidos de Ronaldo:*
> *— A maconha é muito mais legal que essa porra de bolinha!*
> *Cláudio e Ronaldo, os "amigões do peito", ouviam admirados a nova experiência de Vinícius.*
> *— Então o papo agora é a maconha? – perguntou Ronaldo.*
> *— Claro, bicho! Já disse que a maconha é legal, mas legal de verdade!*
> *O trio voltou a atuar com maior entusiasmo. Novas visitas aos meretrícios, rondas noturnas à cata de meninas incautas que saíssem sozinhas à noite, orgias e brindes à volta do machão. Pretendiam recuperar o tempo da inatividade durante o longo tratamento de Vinícius.*
> *— Turma, que tal uma farra legal na Vila do Grilo para comemorar o aniversário de Vinícius*[69].

Os diálogos acima fazem parte do romance **Luzes Negras do Submundo**. O narrador retrata, entre outros focos narrativos, a trajetória do personagem Vinícius que, após sair do hospital por ter contraído gonorreia no cabaré, volta à escola colocando novamente à prova a masculinidade dos colegas que ainda não conheciam de perto "os meretrícios". No romance, drogas e prostituição fazem parte do mesmo palco. No processo de afirmação da sexualidade junto ao grupo, as drogas entram como parte do universo de experimentações dos "machões". Após ter prometido para mãe que não iria mais utilizar as tais "bolinhas", Vinícius lança para o grupo de amigos a possibilidade da maconha, convidando-os a uma farra na Vila do Grilo. A trajetória de Vinícius traz consigo uma história entre Vila Matos e o bairro vizinho, a Vila do Grilo. A ênfase do romance não está no glamour dos cabarés da Vila Matos, mas nas atividades de aquisição e treinamento do corpo das meninas que faziam os programas, o foco da narrativa está na história de Lucy, uma menina que vivia num orfanato e que fora enganada ao ser "adotada" por pessoas ligadas às casas de prostituição de Londrina.

Diferente do aspecto retratado no romance, nosso entrevistado, Paulão Rock'n'Roll, vivenciou a Vila Matos a partir de sua vida boêmia. Em suas lembranças, surge uma série de imagens que envolvem Navalhada e os temas sexo, drogas e rebeldia. O sexo:

---

[69] FRANÇA, J. Tadeu. **Luzes Negras do submundo**. SP: L.OREN, 1973, p. 108.

— A gente dava uma geral na noite, no caneco, no Grêmio, no Bolling Dream, no centro da cidade. E via o que conseguia ali, no final da noite, duas horas da manhã, três horas, era lá na Vila Velha. E lá a gente "dava uma geral na sopa" para aumentar o cabedal de competições [...]. Então eu fui lá para ver o Ari, porque tinha umas meninas bonitas na fila, meninas que eram da sociedade, que não eram prostitutas. Tinha prostitutas também, tinha policial também, até a gente fez uma música, as gatinhas da Sergipe, que é uma canção que homenageia isso daí – "e quem pinta lá: a polícia, a polícia pinta lá também, o padre, o padre pinta lá também!

Paulão conta que havia um pensionato onde dormiam os músicos que passavam por Londrina para tocar na Vila Matos:

— Esses músicos iam tocar lá e no final da noite eles faziam uma canja, a gente não chama de canja hoje, a gente chama de jam session. Lembra mais o Jimmy Page, não lembra? E aí a gente ia ver os músicos e as jams eram demais, cara, muito boas mesmo: sax, guitarra, teclado, bateria... Poxa, era muito bom isso! Eu ficava ali rodeando, de repente eu comecei a notar que tinha uma fila numa casa. Foi assim que eu identifiquei a casa do Ari, por conta própria, ninguém falou para mim "vamos lá". Eu fui até lá ver essa fila que era uma fila incrível, tinha quase vinte pessoas do lado de fora da casa dele, em fila indiana. Cada um ia comprar seu produto para participar da noite de sábado.

O músico Miguel Tófano, 62 anos, em entrevista[70], também contou como foram seus primeiros passos na Vila Matos. Seu pai, músico, frequentava a Vila e, nessas ocasiões em que conversava com Navalhada, ele o acompanhava:

— Eu era criança, era molequinho, morava na Vila Casoni e meu pai era maestro da banda. Eu saia da Vila Casoni, atravessava a zona do meretrício para acompanhar meu pai, ficava lá, tinha uma roda de crianças. Eu também parava para comprar cigarro para o meu pai lá onde o Ari tinha um estabelecimento comercial.

— O senhor ia comprar cigarro e conversava com o Navalhada? – perguntei.

— Olha, ele era uma pessoa boníssima, tinha um baita de um coração, todo mundo gostava dele, mesmo sendo um comércio ilegal. Tinha uma placa lá assim: "Temos tudo que seu bom gosto exige". O "bom gosto" era a cabeça-de-nego, era uma maconha muito boa, sem mistura nenhuma.

— O Sr. chegou a frequentar a zona do meretrício?

---

[70] Entrevista realizada em junho de 2011 durante apresentação da **Banda de músicos de Londrina** na Concha acústica, zona central da cidade.

— *Eu era molecão* – olhando para os lados – *tinha muita curiosidade, tinha o tal do catecismo, você olhava ali, mas nunca, entendeu? Então eu tinha uma curiosidade maluca* – rindo – *então, na primeira vez que eu vi uma, dei uma baqueada.*

— Nessa ocasião, o Sr. tinha ido tocar com alguma banda?

— *Era um grupo, um conjunto, inclusive a gente começou a ensaiar lá.*

— Que tipo de músicas tocavam por lá?

— *Era mais popular, tocava muito bolero.*

— O Sr. se lembra algumas delas?

— *Boate azul.*

A história dessa música é interessante para termos alguma noção dos ares que sopravam na Vila Matos. Benedito Onofre Siviéro, o compositor, contou em entrevista ao programa radiofônico Piracicaba Histórias e Memórias, as circunstâncias da composição:

> *Foi na situação dos outros. Eu tinha um amigo que amanhecia bêbado na porta da boate. Ele era apaixonado por uma mulher dessa boate. Ele ficava lá esperando ela sair. Só que ia bebendo, ia bebendo, na hora de sair não aguentava mais, então, na hora de ir embora, ele ficava lá, caído na porta da boate. E aí que ele fala: "sair de que jeito, se nem sei o rumo para onde vou, muito vagamente me lembro que estou em uma boate aqui na zona sul, eu bebi demais. E não consigo me lembrar se quer qual é o nome daquela mulher, a flor da noite na boate azul*[71].

O Sr. Benedito é um influente compositor, com músicas interpretadas por várias duplas sertanejas e caipiras. Questionado sobre as histórias narradas nas suas letras, disse que elas são casos que aconteceram com alguém, algum amigo. Intimidado, o locutor da rádio brincou dizendo que era perigoso manter amizade com ele. A resposta foi a seguinte:

> *Eu faço música só de quem tem um passado de muitas paixões incontroláveis; [...] A maioria vive em função das paixões! Se você contar, dos 6 bilhões de habitantes da Terra, mais da metade é apaixonado*[72]*!*

Na sequência, o jornalista perguntou ainda se ele achava que o homem vivia pela paixão e pelo dinheito, ao que falou:

---

[71] SIVIÉRO, Benedito Onofre. **Programa Piracicaba histórias e memórias**. Piracicaba: 2005, Transmitido pela Rádio Educadora de Piracicaba AM 1060 KHERTZ. Entrevista concedida ao Jornalista e Radialista João Umberto Nassif. Disponível em: http://www.teleresponde.com/benedito_onofre.htm. Acessado em 25/06/2011.

[72] Idem.

> *Exatamente! Por mulher e dinheiro! Não tem nem dúvida. Alimentação é uma coisa necessária, isso ninguém vive sem. Mas o dinheiro e a mulher são as molas mestras do mundo*[73]*!*

A voz é de um homem cuja prática é viajar, se instalar temporariamente num local[74] e depois partir, levando e trazendo histórias que ouve, incorpora e as elabora em poesia. Como o próprio diz:

> *[...] sou um mensageiro da paixão alheia. Seja de homem ou de mulher! Contando uma história sem por o nome de ninguém! É uma história que pode ser a da metade da população do mundo*[75]**!**

A Vila Matos foi palco de experiências diversas. Paulão Rock e Miguel Tófano possuem idades próximas, o primeiro está com 61 anos e, o segundo, com 62. Observando o relato dos dois, destaca-se a diferença entre eles no que diz respeito à música que animava as noites. Paulão observava a casa de Navalhada do pensionato, provavelmente a Hospedaria Lily – local de onde saiu uma testemunha dos processos que Navalhada respondeu na Justiça por tráfico. Já Tófano conviveu na Vila Matos como filho do músico, como músico e como cliente das boates. O Navalhada que vem à tona em suas palavras é o de um sujeito simpático, "que todos gostavam", uma pessoa agradável. Todavia, a fala de Paulão trouxe um conjunto de imagens que, em certa medida, colocam um contraponto à versão de Tófano:

— A gente passava o Ari Navalhada para trás o tempo todo. O tesão não era usar a droga, era tirar a droga dele sem pagar, essa competição também entre amigos para ver quem fazia mais falcatrua com o tal do homem. As garrafinhas, a gente pegava quatro, cinco garrafinhas, pagava duas, e enrolava ele: um passava para lá, outro passava para cá. Pulava o muro para pegar "as parangas"[76] *de maconha que ficavam dentro da casa do cachorro. O Luizinho, que era o braço direito dele, o segurança mor, que andava armado com uma dois canos, "cartucheirinha pequeninha", a gente tomava dele. Então, a adrenalina maior não era usar drogas, a adrenalina maior era pular lá dentro para fazer um desastre com ele, para apavorar o negócio dele. E chegou ao máximo quando a gente trocou um talco por droga; eu e o Caio, tinha uma par de gente que aprontava com ele, a gente comprou um talco de primeira, francês original, não era do Paraguai. Então, a gente tirou só "um*

---

[73] Idem.
[74] As cidades em que o compositor viveu são citadas na entrevista (2005): "Fico em Londrina, Campo Grande, Goiânia, a maior parte do tempo tenho permanecido em Piracicaba". Idem.
[75] Idem.
[76] Sinônimos de "paranga": porção ou peça.

pouquinho" do talco original e enchemos de farinha e botamos o resto para ela[77] *dar uma experimentada, para ver se era bom. A "Sra. N" disse: "Ah! Eu quero Ari!", e o Ari: "dá o que esses meninos pediram". Aí a gente aprontou, levamos o máximo que podíamos e não deu outra: no dia seguinte, ele já estava na porta de casa, nesta época, já era o Branco, não era mais o Luizinho. O Luizinho nós tiramos do trono, nós "derrubávamos" ele duas vezes na noite, umas às duas horas e outra às quatro da madruga. O Ari não aguentava mais o Luizinho, ele estava dando muito prejuízo para ele, então, ele trouxe esse Branco – um cara forte, decidido, bandidão também – e esse cara foi buscar a gente em casa e levou eu e o "C" na ponte do rio Tibagi e botou uma corda no nosso pescoço. Para ameaçar, fez que ia jogar a gente, tipo "vingança", "porque vocês passaram a gente para traz". Aí a gente ficou implorando, aí eu chorei milhões, chorei mais que o Tibagi e falei para "Sra. N": "Pelo amor de deus me perdoa, não deixa eu morrer!". E nós na ponte, ele já estava para empurrar, aí a "Sra. N" disse: "deixa os meninos", "não faz isso com os meninos não". Ela caiu na nossa. O Ari disse: "então, salva os moleques!" E os moleques foram salvos, não morreram, porque estou vivo hoje aqui. E, passado um tempo, em 1978 ou 1979, em Mariluz*[78]*, perto de Paranavaí, tem uma fazenda lá que é assustadora, do Nequina. Aí nós estávamos passando de carro e o cara falou assim: ficam aqui as covas dos caras que tentaram namorar a mulher do Nequinha, essa aqui é de um tal de Branco, lá de Londrina. "Ah conheço a cova do Branco... Mas a gente passava o Ari muito para traz. A gente gostava de levar vantagem porque ele era um traficante perigoso, andava armado, achávamos que essa aventura era a maior. Era divertido: Pervitin*[79]*, Anfetamina, Anorixil, eram comprimidos que a turma destilava, tomava na veia, mas nós tomávamos dois ou três comprimidos desse e botava no uísque, na cerveja e ficava super excitado, e o padrão do campeonato aumentava, quem dava duas, três numa noite, dava cinco...*

&

Em publicação voltada para a história da produção musical de Londrina, Paulão é apresentado no capítulo reservado ao Concerto de Rock-Brasil: 1ª Colher de Chá. Conhecido como um dos primeiros festivais de rock a céu aberto do Brasil, o festival foi realizado em Cambé, cidade vizinha a Londrina, e teve como principal atração a banda Os

[77] Paulão se refere à companheira de Navalhada, que aqui iremos chamar de "Sra. N".
[78] "Mariluz é um município brasileiro do estado do Paraná. Sua população estimada em 2008 era de 10.817 habitantes." Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mariluz_(Paran%C3%A1). Acessado em: 31/07/2011.
[79] Substância à base de metanfetamina.

Mutantes. Paulão aparece dois em espaços no livro **Boca do Bode**: o primeiro, como um dos articuladores do festival – ele foi à Serra da Cantareira fazer contato com o Arnaldo Batista, o líder da banda. O outro momento, em uma foto na lateral do texto, Paulão sentado no meio fio da calçada, na legenda diz: "Paulão Rock'n'Roll: ligação direta com os Mutantes, mitólogo inveterado"[80].

Ao começar a entrevista, Paulão, no seu estilo locutor de rádio[81], DJ, questionou o propósito de se levantar a história de Navalhada dizendo que ele não merecia ser relegado à eternidade. Exageros de Paulão à parte quanto ao poder do trabalho historiográfico, a meu ver, sua postura expressa certo sentimento de aversão. Nesse sentido, as imagens que atualiza ao falar da história do talco em troca de drogas – Pervitin, Anfetamina, Anorixil – e suas consequências, é uma possível resposta dentro desse terreno movediço da memória.

As memórias do festival Colher de Chá formam uma coleção de relatos impressionantes. A história do momento da chegada da banda de Arnaldo Batista para a apresentação, que ocorreu no dia 11 de fevereiro de 1973, é um capítulo à parte. No livro a **Divina comédia dos Mutantes**[82] há uma compilação de histórias narradas pelo grupo, inclusive esse episódio da chegada da banda com o caminhão Tenório, veículo comprado para transportar os extemporâneos 2600 watts de potência. Dinho, o baterista da banda, desceu e foi logo perguntando: "Cadê a tal da Maconha? Disseram pra gente que aqui vocês só fumam charutos deste tamanho..."

A fala de Dinho, compilada por Carlos Calado, talvez fosse decorrente de alguma conversa anterior com Arnaldo Batista, já que o mesmo estivera em Londrina por dois ou três dias antes para a divulgação na impressa[83]. O pedido do baterista foi atendido e o grupo, que chegara de viagem, se juntou a uma roda de aproximadamente vinte sujeitos ao lado de um ônibus. Quando já estavam sobre o efeito do psicoativo, foram abordados por policiais à paisana que estavam misturados entre os participantes do evento. Contudo, os policiais não foram felizes no intento:

---

[80] Se mitólogo é aquele que estuda os mitos e também os compõe, ou seja, essa referência na publicação nos induz a considerar que Paulão pode estar fabulando em relação à Navalhada. Todavia, se estamos buscando as atualizações que as palavras dos entrevistados realizam em relação ao personagem Navalhada, seu relato não pode ser destacado por essas suspeitas.
GIORGIO, Fábio Henrique. **Na boca do bode: entidades musicais em trânsito**. Londrina: Atrito Art, 2005, p. 71.

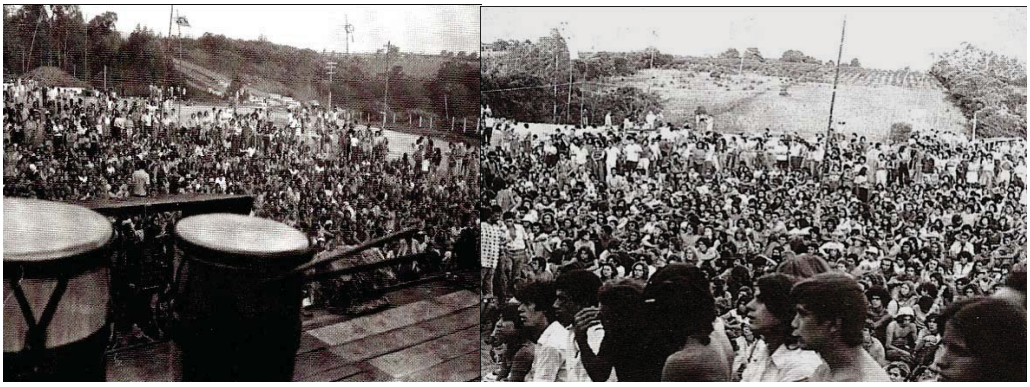
[81] Uma entrevista modulada sem a necessidade de perguntas, Paulão falou constantemente por quase 40 minutos.

[82] CALADO, Carlos. **A divina comédia dos Mutantes**. RJ: Editora 34, 1995, p. 298.

[83] Depoimento de Carlos Coimbra, um dos produtores do festival. Compilado por Fábio Henrique Geórgio e publicado no livro **Boca do Bode**. GEÓRGIO. **Op. cit**., p. 72.

> *Os restos dos "charutos" foram devidamente recolhidos e os malucos organizados em uma longa fila. Quando tudo indicava que o próximo passo seria a detenção coletiva, os policiais começaram a olhar para os trinta e tantos cabeludos. Indecisos, coçando as cabeças como se estivesssem fazendo cálculos, trocaram algumas palavras entre si e acabaram indo embora sem prender ninguém. Perceberam que não teriam como trancafiar tanta gente e preferiram deixar o dito pelo não-dito. Pelo menos durante o festival, a marijuana tinha acabado de ser liberada na cidade*[84].

Figura 18 - Fotos do Festival Colher de Chá



No depoimento de Paulão, Navalhada não surge em meio ao espaço do Colher de Chá. Entretanto, as práticas citadas se encontram em um elemento comum: o consumo de maconha.

— A minha situação com o Ari era sempre essa aí. Depois começaram a pintar outros traficantes locais, aí já tinha na Rua Brasil um policial que traficava, na Araguaia, na Vila Nova, tinha os traficantes na Casoni, e a coisa começou a virar nos bairros. E tinha o famoso Raizeiro, que vendia na Rua Duque de Caxias, a linha férrea passava por ali, onde é o CEU, o centro universitário de odontologia e o PAM, entre aquele espaço, o Raizeiro derrubava um pano no chão e ficava vendendo ervas medicinais, como hoje tem ali na Rua Minas Gerais, acho que esse cara passou para lá, só que o Raizeiro já morreu. E o Raizeiro vendia essa erva famosa, essa erva dos índios que você enrolava num COLOMY e tal e ficava muito ligado, ficava "sangue no zóio", como diz a molecada hoje.

Isso foi num passado, o Ari para mim foi um cara dos anos 60 até 70, fiquei sabendo dele em 64, conheci ele em 67, 68, e até 70. A gente negociou, comprava dele porque era divertido ir naquela área (Vila Matos), era romântico ver aquele pessoal na fila, e a

[84] CALADO. **Op. cit**., p. 298.

polícia não dava muito em cima. Não tinha uma pressão como se tem hoje e também a droga não era vista como é hoje.

Ao pesquisar na Folha de Londrina a respeito de Navalhada, encontrei uma série de notícias que indiretamente ou diretamente reportavam à Campanha Nacional ao Combate ao Tráfico de Drogas. Abaixo, uma referência ao Raizeiro citado por Paulão e à campanha, "guerra":

Figura 19 - Folha de Londrina, 06/08/1970

Guerra a maconha

As autoridades policiais da 12.a SDP iniciaram recentemente uma campanha de combate à maconha, que resultou nos primeiros dias, na prisão de oito viciados [illegible] daquela erva, Henrique Ferreira Couto, que trabalha como vendedor ambu-

assumiu a chefia da Sup de Investigações e Cap SDP, coordenou as dil quais foram presos Ade nes, Fidelcino Rodrigu Fidelcino Mukai, Djalm Silva, Edson Miguel A

00:09:33:04

Diz o jornal sobre sua prisão:

> *"Couto" que trabalha como vendedor ambulante de raízes medicinais e conhecido pela alcunha de "Raizeiro". O próprio "delegado N" que assumiu a Superintendência da Investigação e Captura da 12ª DP, SDP, coordenou as diligências, nas quais foram presos "N", "M", "S", "E", "F", "R" e "A", que já cumpriu um ano de prisão, em Curitiba*[85].

A fim de compreender a prática de consumo de maconha, pesquisei também e encontrei outro trabalho, escrito pelo doutor em antropologia, Edward Macrae, e publicado na **Revista Temas IMESC**[86]**: Sociedade, Direito, Saúde**. No terceiro parágrafo do artigo, o pesquisador apresenta a justificativa de seu trabalho:

---

[85] Notícia da Folha de Londrina, 06/08/1970.
[86] Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo.

> *Talvez seja necessário agora repensar a questão e abordá-la a partir de outros ângulos. Uma tendência que se nota no discurso oficial sobre esse problema tem sido a ênfase dada ao termo genérico "droga", sem que se faça uma distinção adequada entre substâncias diversas, seus diferentes significados culturais e os variados efeitos sobre a psique*[87].

Macrae se apóia em três fatores para a compreensão de como as substâncias ilícitas afetam os usuários (valem para as outras substâncias além da maconha). São eles: a "droga em si", "sua atuação a nível puramente farmacológico"; o "set", "o estado psíquico de um indivíduo no momento do uso, incluindo-se aí sua estrutura de personalidade"; e o "setting", "a influência do meio físico e social no qual ocorre o uso e os significados culturais atribuídos a ele". A partir desses três fatores, o pesquisador sugere que o termo genérico "droga", utilizado usualmente pelo discurso oficial, seja pensado a partir da ideia de 'modalidades de uso'[88]. Assim, valorizando as questões de valores e significados das 'modalidades de uso', oito significados gerais para o uso de maconha no Brasil são listados: (1) 'rebeldia adolescente' (auto-afirmação do jovem perante o mundo adulto), (2) 'resistência cultural' (afirmação de identidades minoritárias: grupo de negros ou índios), (3) 'reforço de redes de sociabilidade' (solidariedade dos grupos de diferentes classes sociais para obtenção da erva), (4) 'comércio altamente lucrativo', (5) 'dispositivo da droga' (a ingerência do poder social na vida pessoal dos indivíduos), (6) 'importante arma ideológica em conflitos geopolíticos internacionais'[89], (7) 'poderoso agente intensificador da sensibilidade', (8) 'perigosa ameaça à saúde e ao bem-estar psíquico e social da nação' ("síndrome da amotivação").

Entre essas variadas significações citadas, a mais adequada para pensar o uso de maconha no Festival Colher de Chá é a que relaciona o uso à busca pelo aumento da sensibilidade, vide as letras das músicas tocadas durante a apresentação do grupo Mutantes no festival. Um exemplo é a música intitulada "Uma pessoa só", do disco **O A e o Z**, que traz em sua letra elementos que falam da comunhão das pessoas:

---

[87] MACRAE, E. **A antropologia e o uso de drogas: a questão da maconha**. Vol. 3, nº 2. SP: IMESC, 1986, p. 125-216.

[88] Idem, p. 196.

[89] "Sua atuação repressiva, e certas ocasiões, tem servido diretamente para desestabilizar governos, como ocorreu em 1984, em Belize". Idem, p. 199.

Eu sou
Você é também
E todos juntos somos nós
Estou aqui reunido
Numa pessoa só
E todos juntos somos nós
Uma pessoa só

Você também está tocando
Você também está cantando
Estamos numa boa pescando pessoas no mar
Aqui
Numa pessoa só
Eu sou o começo sou o fim
Sou o A e o Z
Todos juntos reunidos
Numa pessoa só[90].

Também Macrae escreve a respeito da relação entre a maconha e a sensibilidade musical:

> *[...] a maconha é frequentemente usada para aumentar o prazer estético, especialmente por parte de músicos e amantes da música popular em geral; outros a empregam na produção de estados de êxtase místico. Além de já ter tido, no passado, um lugar em certos cultos afro-brasileiros, é possível que esse aspecto "sacramental" venha a ser retomado por adeptos da religião Rastafári, originária do Caribe, e que na esteira do reggae começa a se difundir entre alguns setores da juventude negra brasileira*[91].

Entretanto, lendo o depoimento de Paulão é possível notar que não era somente maconha que Navalhada traficava. Todavia, além dos outros entrevistados que enfatizaram o tráfico de maconha, a Folha de Londrina e autos criminais também fazem o mesmo. No caso dos autos criminais, não há exame para identificar os outros entorpecentes que Navalhada traficava – como muitos eram fabricados industrialmente, através dos seus próprios rótulos era possível realizar a identificação. Esse não era o caso da maconha.

Paulão contou sobre o consumo de drogas ilícitas que testemunhou:

— Nessa época não tinha a cocaína. A cocaína era um negócio que a gente ficava sabendo dos tunguetes usarem, onde os jogadores de baralho trabalhavam, e lá eles tinham um pacotinho aberto, tirava uma carta, dava uma "cheiradinha". A gente achava

[90] "Uma pessoa só" consta no disco **O A e o Z**, de 1973. Disponível para audição em: http://www.radio.uol.com.br/#/busca/musica/uma pessoa só.
[91] MACRAE. **Op. cit**., 1986, p. 199.

aquilo muito inútil, sabe, um negócio fraco, coisa de jogador de baralho, então a gente não usava isso. E desodorante de latrina, que é um perfume que os argentinos usam na patente, a gente no Brasil usava no nariz como perfume para ficar louquinho nos carnavais, principalmente, mas também nas festas. Na minha época, a gente tinha o lança-perfume, que era um frasco amarelo de metal vendido livremente nas ruas, nas lojas. Até 67 ou 68, acho, teve lança-perfume, da Rhodia. Um outro produto era chamado de Quelene, um spray que se usava como anestésico local. Espirrava no pano e pá – levando as mãos na altura do nariz. *A gente ficou sabendo que tinha o cheirinho da Loló no Rio de Janeiro. Nessa época, a droga foi passageira, tanto é que tem muita gente dessa minha geração que hoje são promotores, juízes, advogados, são até prefeitos, vereadores, que passaram por isso e se divertiram.*

Hoje eu acho que é seriíssimo o problema da droga. O que estão comentando sobre o crack na TV é verdade mesmo, usou crack, virou ladrão. Não tem jeito. E precisa comprar quase a toda hora, então, a mãe é assaltada, os parentes são assaltados, o irmão, os amigos, todo mundo entra nessa enxurrada junto. O moleque usa isso, as pessoas usam esse artifício como "vou testar minha personalidade", mas a personalidade se não tiver pronta, dança, e essas que estão prontas estão dançando. A gente está vendo por aí.

Como os outros entrevistados, Paulão considerou as práticas de uso de drogas da atualidade. Em sua visão, há outros meios de ingestão de drogas pelo corpo além da administração de substâncias externas:

— Eu estou falando que delegados bons controlam o crime, o crime é um negócio orgânico do ser humano, e está em expansão. No mundo acelerado, a adrenalina é hoje o máximo, em tudo hoje você acha adrenalina, não é necessário drogas, você, no volante de um carro[92]*, adquire uma cheirada, num volante você se excita, aí você pega a velocidade e pode virar um criminoso de bobeira. Se você não segurar direito o negócio lá no 10º andar, pode cair na cabeça de alguém, daí para frente, não tem mais limite, você pode sentar numa mesa de bar também e tomar 10 cervejas, tomar 5 ou 6 e ficar sem controle. Vira um negócio perigoso, então, esse papo de adrenalina está em qualquer lugar. Você passa a mão na parede e lambe, já está em altas doses, e ali, não sei não, só tem tinta. Essas pessoas nas salas de jantar são um perigo...*

[92] A respeito dos diversos meios técnicos para buscar alteração de si, diz Henrique Carneiro: "O uso de drogas psicoativas evoca significados mais profundo do que simplesmente um hedonismo químico ou um uso como remédio psicoterapêutico, mas remete a uma crescente plasticidade da subjetividade humana que se espelha em diversos meios técnicos para buscar alteração de si, dos estados de consciência, cognição, afetividade e humor. CARNEIRO, Henrique. *Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência*. In: LABATE, Beatriz Caiuby (org.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 77.

Perigo são as pessoas, as drogas não são perigosas. Tem muito juiz, tem muita gente que usou e está aí viva. A idoneidade, a maneira que foi educado, é muito difícil você tirar isso de uma pessoa, droga não faz isso, pelo menos não na minha turma. Hoje é tudo envolvido em crack, usam o crack e vão para a maconha, usam o crack, vão para a cocaína. Os outros são subterfúgios desse produto, esse produto é o principal. Se conseguirem exterminá-lo, que é im-pos-sí-vel, pois não vi nenhuma solução, nem teórica. Mas, resolver por quê? Deixar as pessoas caretas para serem como naquele livro, ***Admirável Mundo Novo***"[93]?

Paulão termina sua fala aqui, no entanto, a fim de manter a coesão temática em torno da figura de Navalhada, editei sua entrevista e inserir, no final de sua fala, um trecho do início, quando ele começava a desenvolver o que chamou de "época romântica":

— Mas o Ari é uma figura do folclore romântico. Era único na cidade e, para ser único, pagava para se manter na linha, então, quando aparecia por aí alguém com uns quilos, ele juntava uma gangue, principalmente de policiais. Eles iam lá e prendiam o cara para não ter concorrência, o Ari não tinha concorrência. Aí, de repente, começou a florescer em locais diferentes, então, não conseguiram controlar isso. Assim, ele perdeu mesmo a linha, e os policiais, talvez exigindo mais, o custo ficou muito caro para ter proteção. Então, ele dançou. Não sei quando ele dançou: década de 60, 70 ou 75. Aí ele já tinha concorrência tão grande que todos os concorrentes derrubaram ele.

&

O senhor Otávio disse que conheceu Navalhada indiretamente entre 68 e 70. Hoje, aos 58 anos, nos contou que na juventude comprava maconha com os funcionários de Navalhada.

— Ele era uma figura emblemática, quando se olhava para ele se via um figurão do narcotráfico, mas esse termo nem existia na época, era 'o passador de fumo'. A droga que existia também era a maconha. Você sabe, quem tinha acesso à cocaína estava só nos grandes centros, heroína, etc. Aqui a droga era maconha, era o que tinha, inclusive, na minha época de jovem, quem é que não deu uma puxada e tal?

Mas o Ari mesmo não usava. Ele morava na boca de uma favela, que é a atual Vila da Fraternidade, mas era conhecida como Vila do Grilo. A casa dele era, para a

[93] Referência ao livro de Aldous Huxley.

época, uma mansão. Essa casa ainda existe, sabe, ali na rodoviária, é a primeira casa que dá acesso à Vila da Fraternidade, uma casa de material, era a casa onde ele morava. O padrão de vida dele era diferenciado do resto bairro. Ali tem uma história. Eu sei que ele morava ali e tal, até porque na casa dele não se ia comprar maconha, fumo se comprava em outros lugares, ele tinha também uma rede de distribuição, centralizava ali. Ele era o cara que dava para os chamados "aviõezinhos", mas na casa dele mesmo você não encontrava nada.

A gente via o Ari Navalhada muito pouco, ficava mais preso, podia-se ver ele mais ali na frente da delegacia. Ele era um cara com certa liberdade, e, às vezes, a gente passava e dizia: "olha lá o Ari!". O cara sempre de terno, era uma figuraça. Era diferente, hoje você fala de um traficante mais pesado: ele fica trancado, isolado...

Já havia o problema da corrupção da polícia, as pessoas pensam que não, mas não era possível que aquilo tudo era de graça, com certeza ele dava... – silêncio –. *Então, a marginalidade, ela é fantástica..., e ela evoluiu. Porque o crime era assim, tinha uma figura dessa e ela era a tal. Hoje não, é tudo organizado, eles têm para onde desviar o dinheiro, onde aplicar o dinheiro, quer dizer, o crime tornou-se uma coisa muito diferente do que era naquela época. Na época, era o seguinte: o cara ganhava um bom dinheiro, ele comprava uma casa como aquela, não poderia ter uma casa no centro, até porque seria visado demais, então, ele fazia uma casa boa – "mansão na favela" – o que muda é que não havia a agressividade que tem hoje, aqui mesmo, perto do colégio, mataram uns três ali.*

O pessoal pegava dele o que iria passar. O consumidor nem tinha contato com ele. O consumo era quase igual hoje, a diferença é que o cara que usava era o cara que ia para uma festa, no final de semana. Todo mundo fazia isso, só que o cara ia no sábado, no outro, quando via, já estava dependente. Ele já começava a usar na terça, depois até chegar a usar no dia a dia, ali era o cara chamado "maconheiro". "Olha o cara é maconheiro", nossa, extremamente marginal, a sociedade era mais conservadora. Então tinha isso, hoje ninguém quer saber se o cara usa, se o cara é usuário, pois desde que ele cumpra com as obrigações sociais, ele está liberado, naquela época não. Se o cara fosse um usuário ele podia, por exemplo: se você tivesse uma filha você ia dizer: "minha filha não pode nem conversar com o cara".

Mas usuário mesmo eram poucos. No caso de Londrina, como ele era o cara, o distribuidor, e outra, ele não distribuía só para Londrina, fazia a região. Para você ter uma ideia, ele tinha sempre advogados do lado dele, ele era um cara que tinha um padrão de vida bom.

— E ele circulava pela cidade? – perguntei.

— *Na época que eu o conheci, ele estava preso. Mas dizem que já naquela época, de dentro da cadeia, ele controlava. E olha que não havia celular, falam tanto hoje do celular, mas não é só isso: o advogado, a polícia...*

— Nos autos criminais a gente leu sobre um tal pacau, o que era isso?

— *Era o seguinte, eles pegavam um tubo, um papel e prensavam. Fazia um tubo assim, prensado. O viciado sempre falava de dixavar a maconha. Dixavar era tirar os fininhos. Você chegava no cara que passava e ele dizia: "quer inteiro ou só metade?". E o cara quebrava a parte e dava.*

Na capa da revista Realidade de fevereiro de 1969 há uma grande fotografia das mãos de uma pessoa algemada e uma manchete que chama a atenção do leitor: "Maconha: guerra ao traficante". Dentro da revista, no corpo do texto da matéria lê-se:

> *Irmã Madalena recebeu o embrulho, quilo e meio, no máximo, prometeu entregá-lo. O homem agradeceu e sumiu. No Rio, Irmã Madalena foi ao encontro da Rua Turmalina, levando a encomenda. Dois dias depois, Valter Novais, o reumático, foi preso pela polícia carioca vendendo maconha numa boca-de-fumo de Irajá. A encomenda fora transformada em pequenos pacotes de cerca de 50 gramas – os pacaus. Um pacau dá para seis cigarros, vendidos a 5 cruzeiros novos*[94].

Figura 20 - Fotografia ilustrativa da matéria da revista Realidade (no detalhe, à direita, "o pacau")

&

[94] REALIDADE. **Nos rastros dos reis da maconha**. Ano 3, nº 35. SP: Abril Editora, fevereiro 1969, p. 80.

Figura 21 - Folha de Londrina, sábado, 23 de maio de 1970. Na primeira página, na coluna da esquerda: 'Navalhada, o que tem passe livre'

> *Depois de passar quase uma semana em liberdade, Oripes José de Lima, o traficante de maconha conhecido como Ari Navalhada, volta espontaneamente à cadeia, às duas horas da madrugada de ontem. Disse que não havia fugido, mas apenas saído atrás de dinheiro para pagar suas dívidas, visando manter seu "bom nome no comércio"*[95].

No mesmo jornal, na mesma capa, mas localizada na parte inferior direita, a manchete: 'De frente e de costas'. O texto vem ao lado de duas fotos: à direita, um rapaz é arrastado por dois guardas de capacete; à esquerda, outro rapaz é jogado dentro de um camburão. No texto:

> *Cerca de 100 pessoas foram presas ontem em Boston, nos Estados Unidos, acusados de perturbação da paz pública, ao terem bloqueado dois ônibus de recrutas que deveriam se apresentar à Base Aérea da cidade*[96].

Também justapostos à notícia de Navalhada, ao lado direito, os indícios da conjectura política nacional: o governador eleito do Paraná iria a Brasília munido de uma lista tríplice com os nomes sugeridos para o cargo de vice-governador do estado. Pretendia ouvir,

[95] Folha de Londrina, 23/05/1970.
[96] Idem.

segundo o jornal, a opinião do presidente Garrastazu Médici sobre o melhor nome a ser escolhido. Portanto, esse conjunto de notícias nos dá um panorama dos temas do jornal Folha de Londrina na época em que Navalhada foi um personagem destacável: drogas, rebeldia e ditadura.

Figura 22 - Folha de Londrina, 23/05/1970

Na fotografia, Ari Navalhada aparece sentado em uma poltrona da delegacia: com as mãos abertas, as sobrancelhas franzidas e os olhos esticados em direção a seu interlocutor. A fotografia compõe com a intenção de Ari de justificar-se às autoridades, pois o texto que segue a imagem diz:

> *Barbudo depois de quase uma semana em liberdade, Ari Navalhada voltou por conta própria à cadeia, dizendo que não havia fugido, mas apenas saído em busca de dinheiro para pagar suas dívidas. Ari permaneceu fora desde domingo até a madrugada de sexta-feira quando se entregou pacificamente ao Sargento carcereiro que o esperava na porta de sua casa. Preso no Cadeião como preventiva, esperava a conclusão do processo em que era acusado de tráfico de maconha. Na sua versão dos fatos, foi no domingo que, autorizado pelo Sargento carcereiro Oswaldo Pires da Rocha, saiu para almoçar em casa. Nesse trajeto encontrou o Ciro de tal que lhe devia "mais ou menos quatrocentos contos". O Ciro de tal o desacatou "com umas que disse". Aborrecido, foi para Bauru em busca de pegar dinheiro com um irmão para pagar suas dívidas, "eu precisava pagar de qualquer jeito"*[97].

[97] Idem.

Acrescenta ainda o texto do jornal sobre o depoimento de Navalhada:

> *Não fugi não, o problema é que nunca passei por cadeia assim, já estava quase completando três meses, eu tinha perdido minha filhinha, a mulher estava nervosa, eu também. Então quando estava indo pra casa encontrei o Ciro, ele não me pagou e ainda me insultou, então eu perdi a cabeça, tomei a camioneta dele e deixei aqui em frente da Delegacia, porque desconfiava que a camioneta não é de boa procedência não. Eu precisava de dinheiro, porque só com a doença da menina tinha gastado mais de um milhão, e sem poder trabalhar (sic), por que já estava preso. Ai depois que deixei a camioneta aqui, peguei meu Simca e fui até Bauru ver se arranjava dinheiro com meu irmão. Demorei porque perto de Bauru queimou o cabeçote*[98].

Quem é o Ari Navalhada que surge aqui? Um homem que merece destaque na capa do jornal, que tem um significativo espaço de fala. Há um tom ambíguo nessa atitude do jornal, pois cumpre seu papel, ao noticiar para a sociedade de Londrina o que ocorre no Cadeião, e, ao mesmo tempo, autoriza Navalhada a contar sua épica busca atrás de consolar a esposa, em luto pela filhinha falecida, e os credores. "Barbado, nervoso, voz baixa, o homem considerado o "Rei da Maconha" de Londrina continuou explicando seu ato e sua vida". Com essas palavras, o jornal anuncia a postura do prisioneiro na delegacia e sua identidade. Se a intenção da Folha era construir a identidade do personagem, foi feliz na estratégia. Ari talvez não tenha percebido, mas ao se defender, justificar, explicar estava se expondo ao que é mais típico da criminologia: a identificação do criminoso:

> *[...] Sou um cara estabelecido, tenho um bar na rua Vila Velha, 94, tenho negócios com os bancos, prestações para pagar nas lojas da cidade. Eu gasto nas lojas de Londrina faz doze anos, sou um cara estabelecido, tenho um bom nome no comércio da cidade. Não quero prejudicar o sargento, ele me deu permissão para sair porque a mulher estava com dívida para pagar, e sem poder trabalhar, tive que ir buscar dinheiro. Se eu tivesse fugido não tinha voltado*[99].

"Não fugi porque voltei", a regra é simples: preso, quando foge da cadeia, não volta por livre e espontânea vontade. Não sendo possível saber como os leitores do jornal fizeram, na época, a leitura do texto, podemos ao menos presumir que as manchetes contribuíram para a propagação de seu nome e de sua imagem. Os interesses desse encontro dos jornalistas com Navalhada podem ser pensados a partir do que, potencialmente, cada um dos lados ganhou com a matéria: Ari se retrata perante a sociedade londrinense ao declarar os

[98] Idem.
[99] Idem.

motivos [intensos] que o levaram a sair da cadeia e os jornalistas, por sua vez, saem com uma notícia de capa, irônica e delatora.

O texto do jornal também diz que ele tinha 36 anos e era viciado em maconha, no entanto, no texto de sua fala, transcrito pelos jornalistas, diz que "toma suas pingas". A Folha, em sua estratégia discursiva, mescla a transcrição da entrevista de Ari com a voz de seus redatores:

> *[...] No processo a que terá de responder, daqui a meses, enfrentará quatro testemunhas que deporão contra ele, e poderá continuar prêso sem poder "trabalhar" (sic) no seu estabelecimento, que é o que diz e pretende fazer quando for absolvido. Quanto ao tráfico de maconha, de que é acusado, respondeu: "Vendi maconha muito tempo, mas depois que montei o bar parei, faz mais de um ano. Se tivesse dinheiro para montar o bar desde o começo não estava aqui esta hora". Perguntado sobre o que achava do resultado das pesquisas de médicos norte americanos que defendem a tese de que a maconha não faz mal, e que pode ser até usada medicinalmente, Ari respondeu: "Mas isso faz tempo...!"*[100]
>
> **&**
>
> *Oripes José de Lima, o "Ari Navalhada", apontado como o maior distribuidor de maconha e psicotrópicos em Londrina, foi absolvido pela justiça em um dos processos em que está indiciado e justamente naquele que possibilitou a decretação de sua prisão preventiva [...]. O juiz Sydney Dittrich Zappa, da 2ª Vara Criminal, na sentença que absolveu o réu, demonstrou que não tinha alternativa diante da situação que se formou: os policiais que haviam apreendido a maconha e psicotrópicos na casa de "Ari Navalhada", curiosamente "esqueceram-se" de tudo, não se lembrando mais, quando foram depor na Justiça, se haviam ou não apreendido maconha e psicotrópicos*[101].

[100] Idem.
[101] Folha de Londrina, 01/07/1970.

Figura 23 - Folha de Londrina, 1º de julho de 1970: “Navalhada Absolvido”

A diagramação dessa página da Folha sobre Navalhada merece atenção. Há quatro matérias na parte inferior da página delimitadas por linhas horizontais. Oripes José de Lima, “o tristemente célebre Ari Navalhada”, é noticiado entre elas. Dois soldados usando capacetes e metralhadoras apontam suas armas para um alvo que foge ao enquadramento, ele está fora do plano da foto. Contudo, a montagem do jornal sugere que eles apontam em direção de Navalhada. O título da chamada: “Fogo!”, e diz a reportagem:

> *A cidade Argentina de Rosário está sob controle do exército, depois de 3.500 policiais subalternos da Força Pública cercarem o quintal da corporação, reclamando aumento de salários. Os soldados mantêm guarda, cobrindo rosto com lenços e preparados para atirar [...]*[102].

É evidente e significativa a importância que o jornal concedeu ao processo de Navalhada. Na matéria entre Navalhada e os soldados argentinos, ‘Aquele Abraço’, notícia sobre a ausência do prefeito, Dalton Paranaguá, por trinta dias “para descansar”. A quarta matéria, da esquerda para a direita, ‘Produção de café sofre decréscimo de 13%’: a produção mundial de café “sofrerá decréscimo na colheita de 1970/1971 devido às geadas ocorridas no ano passado no Paraná, informou o departamento de agricultura estrangeira dos Estados Unidos” [103].

---

[102] Idem.
[103] Idem.

Interessante ponderar as relevâncias dos temas contidos nesse bloco. Uma intervenção militar no país vizinho diante da greve de seus policiais, a ausência do prefeito da cidade, a queda da produção mundial de café devido às geadas ocorridas na região e, "destoando", o traficante, Ari Navalhada, absolvido. Um elemento comum: o ensejo institucional que perpassa todas as quatro notícias: exército, polícia, prefeitura, poder judiciário e departamento de agricultura. O mundo em conflito: ausência do prefeito, policiais que não querem trabalhar porque ganham pouco, "suas mulheres se envergonham da profissão", a luta dos agricultores para manter os índices de produção diante das forças do meio natural (geada) e o "maior traficante da região" absolvido porque os policias que o prenderam se esqueceram.

Se a chamada para a reportagem se encontra em "campo minado" na capa, sua localização propriamente dita não poderia ser diferente. A página, em sua totalidade, é uma variedade de assuntos: "Escoteiros comemoram o segundo aniversário", "concurso público", "corridas de lanças", "câmara não aprovou projeto do prefeito" etc. Na maioria das vezes, quando nos deparamos com um jornal exposto na banca, olhamos diretamente para sua capa. Decidindo comprá-lo, o levamos para casa ou o abrimos ali mesmo, a fim de dar uma panorâmica nas notícias do dia. Nesse movimento, damos com os olhos na terceira página do jornal. Dentro da economia da diagramação dos jornais a página três tem significativo peso. É ali que está uma fotografia de grande dimensão de Navalhada. Encostado no sofá, com as mãos atrás da cabeça.

Figura 24 - Folha de Londrina, 01/07/1970

Ar", de Maringá e os esco- | uma festa em seguida. | quando terão sido recebidas | estão sendo recebidas.

Diz o texto editado abaixo da fotografia de Navalhada:

> *Cumprindo determinação do delegado [...], os agentes Ivan e Amaro Ramalho, juntamente com os patrulheiros Aristides Cesar e Arlindo Messias dos Santos, foram no dia 7 de janeiro à casa de Ari (rua Santa Helena, n. 64) para cumprir um mandato de busca e apreensão de entorpecentes, pois um viciado preso naquela ocasião dissera que comprara "Pervitin" naquele local. De próprio punho, registrou a apreensão de sete cartuchos de maconha, um pacote de erva e 14 ampolas de Pervitin. Três meses depois, ao depor na Justiça, Ivan disse não ter certeza quanto ao que havia apreendido, lembrando-se apenas de haver recolhido um pouco de maconha. Para justificar seu esquecimento, disse que já participara de tantas buscas na casa de "Ari Navalhada" que ficou confundido, sem certeza quanto ao que havia sido ou não apreendido em cada uma*[104].

Já o outro agente, Ramalho, disse que nada viu quando foram à casa de Ari, pois ficara à porta, "dando cobertura". Os patrulheiros, Arlindo e Aristides, também não viram nada, um por estar fora da casa, na mesma função de "dar cobertura", e o outro, por que "apenas ficou na sala, sem fazer nada, sem participar de nada, enquanto os dois agentes davam a busca." A situação se complicou, segundo a Folha, pois até o delegado foi, em seguida, à casa de Ari e encontrou, dentro de um vaso, um pacote de maconha. Contudo, assim como os seus companheiros, o patrulheiro Aristides, que acompanhou esta última diligência, diz que só viu a apreensão de "um pacote de jornais".

A cobertura do caso foi completa. O jornalista provavelmente esteve na audiência, pois escreve: "Ao final da sentença o juiz fez duas indagações: "Se houve apreensão na primeira busca, porque o próprio delegado e o superintendente tiveram que retornar ao local?". "E a maconha apreendida de onde veio?" A Folha assume sua posição ao dizer que foi de fato apreendido pelos policiais exatamente "13 cartuchos de maconha, totalizando 108 grama; um pacote com mais 158 gramas de maconha; 15 ampolas de Pervitin; duas seringas; 4 comprimidos; e ainda um gravador, um toca-discos, um transformador, um revólver e um microfone, objetos que seriam fruto de roubo e adquiridos por Ari"[105]. A mulher de Ari, "Sra. Z", confirmou a história de que os policiais, quando estiveram em sua casa, nada apreenderam. A outra testemunha, "o viciado" que confessara ter comprado Pervitin de Navalhada, também negou o fato, "dizendo que sofrera violência por parte dos policiais para confessar". Depois do subtítulo 'O que fazer', vem outro, 'Continua preso'. Nesse, a trama se estende um pouco mais. Diz a Folha que o promotor, percebendo "as

[104] Idem.
[105] Idem.

reticências e contradições" das testemunhas, entrou com o pedido e Ari permanecerá preso, pois o promotor Nilton Bussi entrou com um recurso contra a absolvição.

&

Nicéia Lopes conheceu Navalhada quase dez anos depois do fim da vida noturna da Vila Matos. Logo, suas lembranças advêm daquilo que outros lembraram:

— A área de trabalho do Ari era ali na Vila Velha?

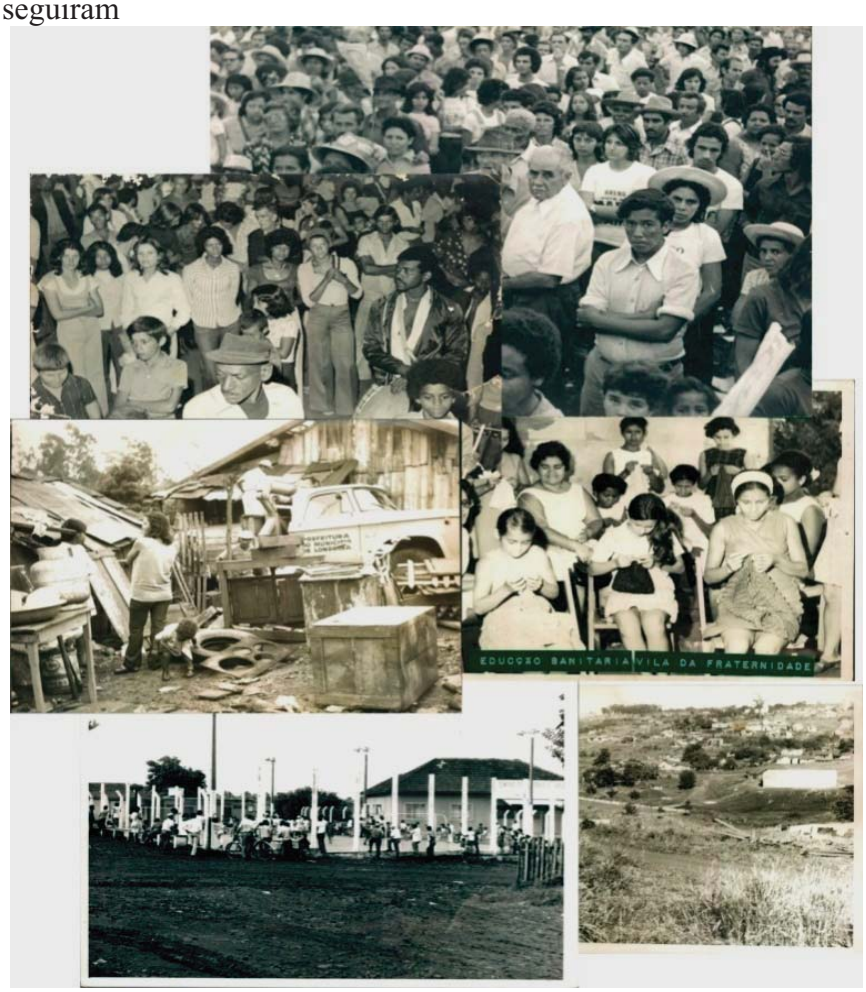
— *Mas aí eu já não acompanhei, só soube das prisões, ele já estava preso. Mas, era naquela região lá da Fraternidade, ele atuava muito ali na Vila Velha e no final da Fraternidade. Tanto que o preconceito era tão grande, naquela época, que quando se falava "Vila da Fraternidade", ah, "é o tráfico", "é a venda de maconha", "é o tráfico de maconha". Passou para a Fraternidade, não ficou com a Vila Matos...*

No dia 30 de agosto de 2010, fomos à Vila da Fraternidade, antiga Vila do Grilo, local que na década de 70 foi domínio do comércio ilícito de Navalhada[106]. Fomos em busca das lembranças dos moradores e, para dispará-las, levamos algumas fotografias recentes do bairro, arquivadas no CDPH[107].

[106] Entrevista realizada no dia 30/08/2010. Na ocasião, contei com o auxílio da historiadora Maria Siqueira Santos.

[107] As fotos foram encontradas em uma lata de lixo na sede da Prefeitura Municipal de Londrina, alguém as encontrou jogadas e as levou para o arquivo (CDPH – UEL). Na época em que foram realizadas as entrevistas, os pesquisadores do arquivo estavam buscando suas histórias.

Figura 25 - Fotografias da população da Vila da Fraternidade e das reformas urbanas que se seguiram



— *Não vi, não enxergo, não escuto, não sei de nada...* – com essa frase termina a fala da "Dona Estela", 70 anos, moradora desde 1963 da Vila da Fraternidade. A entrevista durou quase 60 minutos, inicialmente, não me preocupei com o tema do Navalhada, o que me interessava, naquele momento, era ouvir as lembranças que essas pessoas tinham para contar.

— *Aqui tinha muita fama, o povo na cidade falava muito da Vila do Grilo. Tinha muitas brigas, marginais...*

— Mas como isso chegava para vocês?

— *Com os moradores não tinha problema, sabe por quê? Porque tinha um rapaz, você se lembra do Sabiá?*[108] – "Dona Estela" perguntou para o "Seu Juvenal", 75 anos, morador desde 1960 da região.

[108] "[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo". A passagem das distinções teóricas de Bergson para Maurice Halbwachs ocorre no texto de Ecléa Bosi. Enquanto Bergson estuda a subjetividade pura (o espírito), e a pura exterioridade (a matéria), Halbwachs, leitor

— Sim, eu conhecia.

— O Sabiá era um rapaz que vendia pão de madrugada na rua, só que ele era o seguinte: era do tal que comandava e não fazia parte, ele tinha a equipe dele para fazer. Depois de uns tempos, ele começou a agir de forma diferente. Ele começou a cuidar do pessoal do bairro, não podia entrar "nego" estranho aqui que ele falava para todo mundo.

— Ele foi guarda nosso aqui na rua... – completou o "Seu Juvenal".

— Por isso que a coisa foi melhorando, ele fazia as coisas, mas era tudo por debaixo do pano. A equipe dele fazia os rolos e passava para ele somente a grana. Mas ele cuidava, ele cuidava de todo mundo aqui.

— Ele está vivo?

— Ele está vivo, mas está velho já, ele passava muito por aqui, mas agora está sumido... – disse o "Seu Juvenal".

— Os daqui não mexem com quem é daqui, aqui o que acontece de errado é com a gente de fora...

— A Vila do Grilo era famosa... Aqui, o seguinte, a gente tomava banho lá embaixo, tinha que pegar a água lá, não era fácil... Mas eu gosto muito de morar aqui, eu já disse que só saio daqui para ir ao cemitério!

Figura 26 - início das obras de canalização de um dos afluentes do ribeirão Lindoia[109]

de Durkheim, estuda os "quadros sociais da memória". "Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão restritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo)". No desdobramento, a conclusão da autora acerca do conceito de lembrança por Halbwachs diz que: "[...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual." BOSI. **Op. cit**., p. 54.

[109] Afluente do ribeirão Lindóia. Sobre a bacia hidrográfica da cidade: http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=261&Itemid=205 Acessado em 18/08/2011.

Figura 27

— Isso daqui é sala do Mobral (figura acima), porque ali tinha umas cinco ou seis salas. Isso daqui foi em 1965 ou 66.

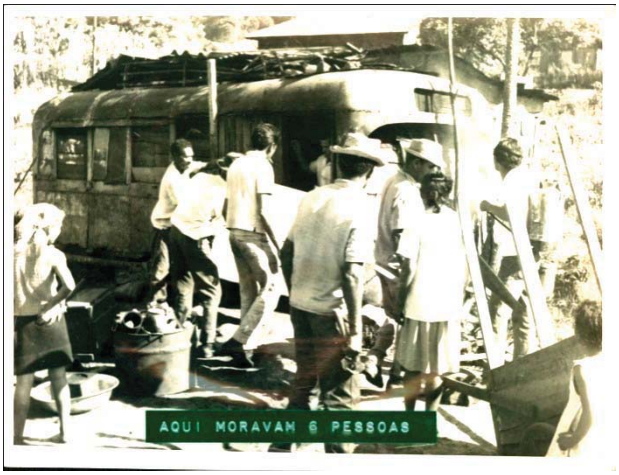
— Desse tempo todo que o senhor viveu aqui, teria alguma história que o pessoal costumava dizer "essa história vai marcar", essa "todo mundo vai lembrar"?

— Futebol sempre teve, a gente fazia até torneio ali no campinho... Mas a única coisa é que lá embaixo tinha pouca casa e tinha o ônibus do índio.

— Índio?

— O índio morava dentro do ônibus, lá embaixo, no Pindorama, lá na beira do rio, a água corria tudo por lá!

Figura 28 - Foto do ônibus que servia de moradia na Vila do Grilo



— Lá embaixo tinha pouca casa e tinha o ônibus do índio. Ele morava no ônibus, lá embaixo, no Pindorama, na beira da água que corria, era lá que ele ficava – interessante que justamente a foto acima, do ônibus, não foi levada à entrevista. Notei-a depois que o "Seu Juvenal" falou sobre "o ônibus do índio".

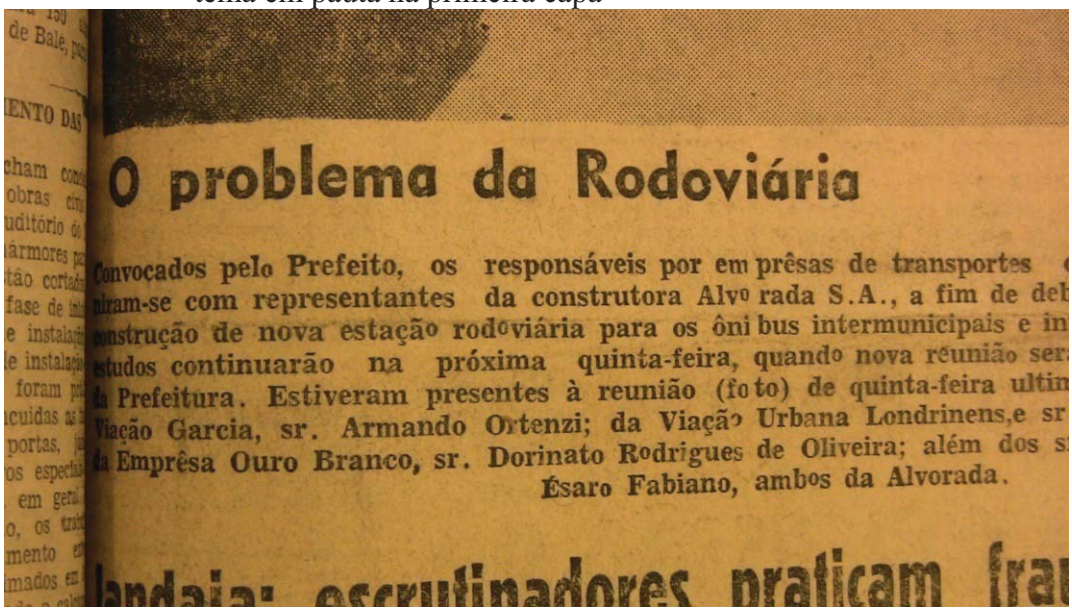
Mostrei a foto aérea da Vila Matos (página 33) para "Dona Estela" e para sua amiga, "Dona Odila":

— Nossa, aqui era a Vila Velha, aqui era o terror, gente. Eu trabalhei aí dentro da Vila Velha. Meu marido tinha essa indústria de veneno, era um perigo! Morei depois de passados muitos anos, quando já estava se acabando, então veio o prefeito e começaram a tirar. Aí era igual o Rio de Janeiro, aquelas favelas de lá, a mesma coisa!

— Mas não tinha lá o sindicato dos ensacadores?

— Tinha, mas ninguém fazia nada, eu morei ali dentro uns anos, não podia nem sair, a gente saia porque conhecia todo mundo, às vezes eles mexiam mesmo. Quando desapropriaram para fazer a rodoviária, eu mesma morei numa casa que foi desapropriada.

Figura 29 - Na Folha de Londrina de 06/08/1970 "o problema da rodoviária" era o tema em pauta na primeira capa



O problema da Rodoviária

Convocados pelo Prefeito, os responsáveis por em prêsas de transportes
niram-se com representantes da construtora Alvo rada S.A., a fim de deb
onstrução de nova estação rodoviária para os ôni bus intermunicipais e in
estudos continuarão na próxima quinta-feira, quando nova reunião ser
da Prefeitura. Estiveram presentes à reunião (fo to) de quinta-feira ultim
Viação Garcia, sr. Armando Ortenzi; da Viação Urbana Londrinens,e sr
da Emprêsa Ouro Branco, sr. Dorinato Rodrigues de Oliveira; além dos s
Ésaro Fabiano, ambos da Alvorada.

— *Mas a construção da rodoviária foi mais recente!* – interveio "Dona Odila", moradora, da mesma geração de "Dona Estela".

— *Era onde era a maloca mesmo...*

— A senhora tinha amizade com o pessoal do bairro?

— Tinha sim, a gente conversava, a gente, estando ali dentro, tinha que conversar com todo mundo. Só uma vez que aconteceu deles mexerem, mas acho que era gente de fora. Eu morei na Vitoruna, que era a última rua que cortava a Vila e saia lá na linha do trem.

Figura 30 - Vista área da Vila Matos com localização da Rua Vitoruna

— Como foi para senhora quando eles começaram a demolir a Vila Velha?

— A gente ficou feliz porque foram acabar com aquilo e construir a rodoviária, mas aquilo demorou uns anos, viu. Eles fizeram o projeto, ficou parado, desmancharam todas aquelas casas.

— E as pessoas?

— Pagaram muito mal para os proprietários, a gente morava em casa de aluguel, o proprietário não recebeu quase nada, pagaram uma mixaria, tiraram todo mundo, aí ficou meio parado por vários anos. O pessoal foi se espalhando por aí: alguns foram embora e outros ficaram por aqui.

— A mãe do meu vizinho morava ali. Morava família, mas antes, antes, antes mesmo, dizem que era..., como é que fala?

— Zona. – atalhei.

— É, zona[110]*. Na época que eu morava aqui já era, aí depois que foram mudando para a Jorge Casoni.*

— A gente ouve falar que aqui era a antiga zona da cidade.

— Era sim. Ali era a lei do cão, não podia passar por ali à noite. Mas eles não mexiam com ninguém, inclusive eu morei numa casa bem pertinho da rodoviária ali naquele sinaleiro, morei em duas casas ali. E ela foi desapropriada para fazer a rodoviária, aquela outra que desce ali, a via expressa. A gente procurava sair sempre por cima, pegar a rua Guarani e sair.

— Mas não precisava ter amizade com o pessoal?

— Eles não mexiam com ninguém, tinha famílias de bem que moravam ali no meio. Eu conheci uma família que morou no meio e inclusive dois rapazes vieram morar comigo, para dentro da minha casa. O pai deles tinha um restaurante, o homem até que subiu na vida.

— O restaurante do Toninho?

— Isso, o tal do Toninho, os dois filhos dele foram criados na minha casa, sabe por quê? Por que ele era separado da mulher legítima, a mãe desses meninos, e arrumou uma mulher, dessas da vida mesmo, mas os filhos não combinavam com a madrasta. Até um dia ele ficou sabendo que tinham acontecido uns problemas lá em casa e disse que ia mandar a polícia. Eu peguei o filho dele e fui lá na casa dele. Acho que era umas sete horas da noite, um lugar feio, muito feio mesmo. Bati palma, ele veio e me atendeu. Eu disse: "não precisa o senhor chamar a polícia, ninguém veio buscar os filhos do senhor dentro da sua casa, os seus filhos foram lá procurar abrigo, a gente recolheu, mas a hora que o senhor quiser, eles voltam para sua casa, só que o seguinte, eles estão lá porque não querem ficar aqui com o senhor. Agora, o senhor se entenda com eles, eu não vou deixar dois garotos no meio da rua, com fome e com frio". Eu peguei eles, eles estavam dentro da manilha onde iam fazer a Via Expressa, eles estavam dormindo lá dentro, com fome e com frio. Eu somente recolhi para dentro da minha casa, meus meninos conheciam eles de vista, sabe como é,

[110] Sobre as palavras e as lembranças: "O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação-limite da pureza individual). De resto, as imagens do sonho não são, embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos, tensões..." BOSI. **Op. cit**., p. 56.

pessoa que vai para a escola conhece todo mundo, aí eles falaram: "aqueles dois garotos são filhos do Seu Toninho, do bar ali". Eu falei: "mas ele é um menino valente, meio perigoso...", eles disseram "não, eles querem abrigo". Eu disse: "tudo bem". Aí passou um tempo correu essa história de que ele iria mandar a polícia, aí eu fui lá na casa dele e expliquei. Ele "abaixou a bola" e me agradeceu. Disse "não, eu vou dar um jeito nisso". Aí os filhos iam para o pai e, daqui a pouco, voltavam de novo. Assim foi, os meninos cresceram e tomaram jeito. Depois começou o negócio da desapropriação, um dos meninos foi embora para São Paulo, o outro foi para o Rio de Janeiro.

Mas não eram essas pessoas que causavam problema, eram outras pessoas que vinham aí que mexiam, outras pessoas bebiam, aquela coisa toda. Na verdade, eles faziam as coisas deles por lá, a gente sabia como é que era, mas não se envolvia.

— E o pessoal do centro vinha na Vila Velha?

— Eles vinham, mas todo mundo sabia, todo mundo conhecia as pessoas que chegavam de fora, corria o boato, até hoje a gente tem problema com isso. Só que a gente, agora, a gente chega numa loja para fazer uma ficha, o atendente até dá um suspiro quando você fala que mora na Fraternidade. Se você ligasse para uma pessoa trazer uma pizza, um lanche, "a não, aí a gente não vai". Agora não, mas há dois ou três anos atrás, não vinham, ficou essa marca.

— Tinha outros casos como esse, de filhos dos envolvidos no movimento da "zona", das prostitutas?

— Teve muitas famílias que acabaram por causa disso, aqui saiu muita gente drogada, gente que se acabou em nada. Acho que foi o contato aí, porque pai e mãe saiam para trabalhar, não tinham como criar os filhos.

O "Seu Juvenal" falou sobre o que era pertencer à "Londrina de baixo".

— Era o que o pessoal comentava. Por que tinha a linha de trem que passava e a gente ficava do outro lado. Depois que saiu a linha, a cidade se esparramou, prédios aqui e ali.

Perguntei a respeito da Vila Velha, se ele frequentava as boates, se tinha algum conhecido por ali:

— Na Vila Velha, quando eu seguia para trabalhar, tinha que cortar ali na rua central. Nossa, era a coisa mais triste do mundo! Cinco horas eu tinha que subir, para chegar no trabalho às cinco e meia.

— Por que triste?

— *Era zona! A gente passava ali, tinha gente morta, tinha tudo. Um dia, quiseram me pegar... Três falaram... Aliás, tinha um restaurante chamado Toninho, os caras saíram de lá correndo atrás de mim, gritando: "Vamos pegar ele!". Eram vagabundos, e eu tinha que ir porque era para trabalhar...*

— Mas o senhor não era da Vila? Não tinha respeito?

— *Nem conheciam a gente. Eu morava aqui. Mas lá tinha o bar e tinha o ponto de farra. Eu, passando assim, disseram: "vamos pegar ele". A perna amoleceu, sozinho que eu estava... Só tinha vagabundo ali na Vila Velha.*

— E o Ari Navalhada?

— *Não, esse Ari Navalhada era outro que... Tinha o tal de Dedinho também, mataram ele, mas esse Ari Navalhada é muito antigo.*

— O senhor o conheceu?

— *Não! Toda vida eu ouço falar desse Ari Navalhada, mas...* – balançando negativamente a cabeça.

— *Acho que é do tempo em que passava boi na avenida Paraná, deve ser desse tempo.* – disse rindo a "Dona Estela".

&

O "Sr. J" trabalha atualmente nas rádios de Londrina. Assim como outros entrevistados, pediu para não ser identificado. Consegui seu relato depois de convencê-lo que as lembranças que ele tinha da Vila Matos eram importantes. Ele não queria lembrar.

— *Tinha os saqueiros, eles desciam tudo para Vila Matos, era uma Vila que tinha barzinho, tinham umas casas, tudo bem rústico, madeira, algumas de construção, mas a maioria tudo de madeira*[111]*. Ali para cima da 10ª DP tinha hotelzinho, não era casa de dança, isso era para baixo do VGD. Só casas de dança, nos fundos dos barzinhos tinham os quartos, era o que tinha na época, entendeu? Eu era moleque, acompanhava isso daí, entendeu? Os caras, por exemplo, faziam churrasquinho na rua, na porta do boteco, descia os caras para comer churrasquinho, então, a mulherada ali, "paga uma pinga, paga um churrasquinho." Na verdade, em 1965 eu tinha, eu sou de 54, eu tinha nove anos mais ou menos, eu engraxava sapato, engraxei até os 13, até os 12 anos eu engraxei, ali perto da*

[111] Entrevista realizada em 18/01/2011.

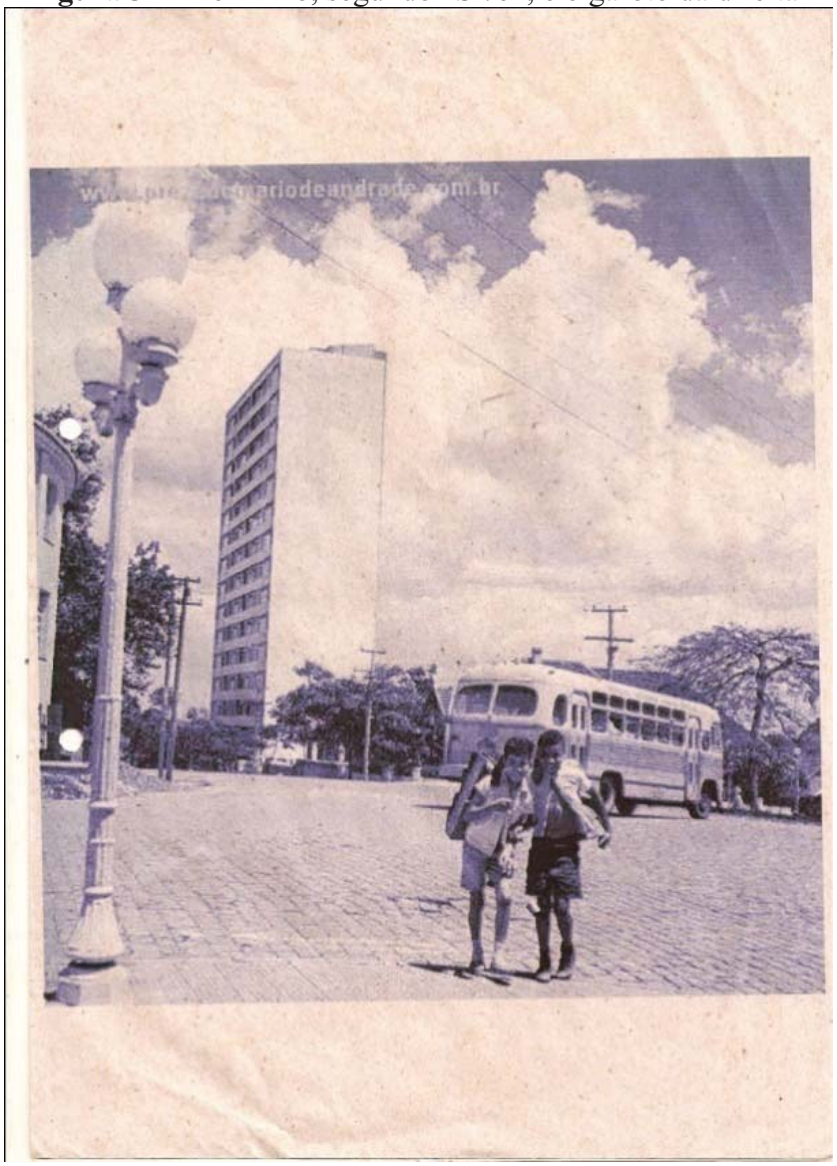
rodoviária[112]*. Você ficava ali, chegavam os ricos com aquelas botas cheias de barro e você ganhava dinheiro. Rodava a cidade, a cidade não era tão grande, rodava para ganhar dinheiro, geralmente a gente ia de dois para a vila. Na minha época, eu carregava uma cadeira, a caixa com uma cadeira. Quem não tinha cadeira, não ganhava dinheiro. O cara vai engraxar em pé? Tinha um cara que ficava em frente da rodoviária, que tinha ali um ponto onde vendia bilhete durante o dia. A gente pagava para ele para deixar as cadeiras lá. As cadeiras não cabiam no ônibus. Ele cobrava da gente uma taxa simbólica, mas cobrava. Ninguém roubava a cadeira. Guardava mais de 10 cadeiras. Tinha um cantinho com o Bar Lavoura, o bar era em frente à rodoviária, o cara descia do ônibus, subia a rampinha, e já estava de frente para o bar Lavoura. O dono do bar deixava a gente ficar do outro lado da rua, tinha uma calçada. Fui engraxate dos 5 aos 7 anos, porque depois veio um juiz aqui em Londrina e montou a guarda mirim ele fez a Liga dos Engraxates, porque era cada um por si, ai depois ele montou a Liga dos Engraxates de Londrina, fiz a Liga e dava presente, dava muitas coisas.*

Mostrei para o "Sr. J" uma fotografia que encontrei em uma de minhas pesquisas na internet. Surpreso, ele comentou:

— Esse molequinho da foto aqui é o Hermínio, rapaz briguento para caramba. Pode ser que seja, mas pode ser que não seja. Ele era magrinho com o cabelo curto. A gente era mais ou menos uns 15.

[112] "Sr. J" se refere, aqui, à antiga rodoviária de Londrina, localizada à rua Sergipe, onde atualmente fica o Museu de Arte Moderna de Londrina.

Figura 31 - Hermínio, segundo "Sr. J", é o garoto da direita[113]



— Tinha uns caras famosos, tinha uma boate ruinzinha, mas tinha boate melhor. Tinha a Diana, tinha a Laura, tinha um monte de boate! Não eram os ensacadores, era um pessoal com mais grana, tinha um monte de mulherada que vinha de São Paulo. Mas na Vila Matos, não tinha isso não. Na Vila Matos tinha um pessoal que chegava ali, da zona rural, que descia, e o transporte ali era de charrete, a mulherada vinha de charrete, depois vieram os Biribas e os DKV. Era para deixa ver, era bem isso que a gente via.

Essas mulheres das bocas vinham sempre perguntar para a gente de benzedeira, tinha muita benzedeira na época, e a gente sabia mais ou menos onde tinha benzedeira. Lá na Vila tem, no Jardim Bandeirantes tinha, no Paulista tinha. Moleque sabe de

[113] Fotografia copiada do site www.prezadomariodeandrade.com.br. Acessada em junho de 2010.

tudo, tá na boca, sabe de tudo. Curandeira, eles falam, a Dona Isabel do Jardim Paulista, tinha uma de Ibiporã, ela vinha, pegava ali a charretinha, sabia de tudo.

Eu estudava de manhã e trabalhava à tarde, quando eram sete da noite eu já estava em casa. Araguaia, nessa rua eu morava, quase três quilômetros longe, outra época. Não gosto de lembrar, a gente fazia de tudo, pegava todo o dinheiro e dava para a mãe. Tinha na Duque a Laura, era um buracão onde tinha uma cerca de madeira e a gente ficava olhando. De noite era a dança e de dia, eram os quartos que recebiam as mulheres. Quando a gente ia para Vila Matos, elas tratavam a gente muito bem, eu era moleque, na verdade elas estavam trabalhando também. Tinham os ensacadores, e eles faziam programas com elas. De dia, eram mais os caras que saíam do emprego, davam aquela "fugidinha". Era tudo cara casado ali. Saiam do trabalho, tomavam umas pingas e iam para lá ver o movimento, mas isso era de dia.

— Você ouvia falar do Navalhada?

— O pessoal falava lá na zona, o Ari era dono de uma casa lá, uma das casas mais chiques, ali era tudo meio, meio, porque as casa melhores não eram lá, entendeu? Tinha a Laura, tinha uma aqui na saída para Cambé. A Laura era uma das mais ricas, tinha uma piscina, era um troço bem... A Laura era perto do aeroporto, saída para o aeroporto. Eu não ía porque era longe, era moleque. A Diana era na baixada, mas as mais famosas eram essas. Ali na Vila Matos, era mulher que vinha para Londrina e ficava desempregada, era o pessoal da vida fácil, que não queria pegar no trabalho e ia lá. Os donos de bar também ganhavam, a mulherada consumia... A mãe falava: "cuidado não chega perto deles!". Lá tinha a casa do Navalhada, onde ele passava as coisas, ali não tinha muito destaque. Era bem na cabeceira, eu nunca fui à noite.

&

No dia 06 de setembro de 2010, retornei à Vila da Fraternidade a fim de encontrar um antigo morador, o Sabiá, que a "Dona Estela" e o "Seu Juvenal" haviam mencionado. Da fala dos moradores, compreendi que Sábia manteve, durante algum tempo, negócios ilícitos no bairro. É provável que tenha conhecido Navalhada ou, ao menos, ouvido falar dele.

Desci de carro pelas ruas Santas – Fé, Margarida, Rosa –, cruzei a Flor de Jesus, me perdi, e segui adiante na zona leste. No primeiro bar convidativo que avistei, parei

para conversar com as pessoas que lá estavam. Conheci o "Sujeito R", 45 anos, morador da região. Mostrei a ele as fotografias da antiga Vila do Grilo[114]:

Figura 32 - Fotografia do centro comunitário da Vila da Fraternidade.

Fonte: Acervo CDPH, UEL

Figura 33 - Vista lateral do centro comunitário.

Fonte: Acervo CDPH, UEL

[114] Entrevista realizada em 06/09/2010.

— Fraternidade, aqui é o posto de saúde, tinha um parquinho do outro lado da rua – apontando para a foto. Eu brincava aqui, do outro lado onde tinha um parquinho das crianças. Aqui é a igreja, onde hoje, quando morre alguém no bairro, ocorre o velório. Aqui era uma creche na época. – indicando o local. Nessa rua aqui, o tráfico era violento, mas a gente brincava aqui. A estrada era de chão, vê, tudo de terra. Descia daqui até lá embaixo, onde tinha uma lavanderia. Eu morava na rua de cima, aqui. – apontando na fotografia. Minha avó morava em frente ao ponto, minha finada avó, ela morava em frente ao ponto de maior tráfico de Londrina da época. Era lá. E na rua Santa Terezinha. Os maiores pontos de Londrina.

— Isso daqui é em que ano?

— Isso é de 80 para baixo. Aqui tinha o Ari Navalhada, mas tinham outros que eu não me lembro o nome. Eu não tinha intimidade, mas meu pai conhecia todo mundo. Como eu era pequeno, quando saia era para brincar no bar. Ficava jogando futebol de tampinha, sabe o que é fazer futebol de tampinha? Fazer de golzinho as cadeiras? Eu ficava brincando, jogando futebol com tampinha lá no bar: fazia os pés dos bancos do bar de trave, levantava um poeirão. O Ari Navalhada aparecia por lá...

Figura 34 - evento público no centro comunitário da Vila da Fraternidade.

Fonte: Acervo CDPH, UEL

Com seus quarenta e cinco anos, o "Sujeito R" presenciou os últimos tempos de Navalhada. Ao ver as fotografias da Folha de Londrina sobre a prisão de Ari, ele falou:

— Olha o Ari Navalhada, claro que conheci. Ele frequentava a boate que eu trabalhava quando tinha uns oito anos. O Ari Navalhada era "titular"[115]*, nossa, ele frequentava muito lá a Safári. Eu era menor e tinha que trabalhar escondido, isso faz tempo, hein?*

— Como é essa história?

— Porque se a polícia chegasse para fazer algum "B.O" eu não podia estar lá. O meu trabalho era recolher as cinzas dos cinzeiros das mesas. Eu ia por debaixo das mesas e recolhia tudo, porque aquilo fede muito quando está cheio. Às vezes eu dormia e nem recolhia, as putas que recolhiam para mim. Para você ver, elas até cuidavam de mim.

Figura 35 - Fotografia da Folha de Londrina, 01/07/1970

MUNDIAL DE
SOFRE DECRÉ
DE 13%
WASHINGTON (UPI) - A PROD
DIAL DE CAFÉ DEVERÁ SOFRER
CIMO DE CERCA DE 13% NA C
SAFRA 1970/1971, DEVIDO ÀS
OCORRIDAS NO ANO PASSAD
NÁ, INFORMOU ONTEM O DI
DE AGRICULTURA ESTRANGEIR
VÊRNO DOS ESTADOS UNIDO
OS DADOS DO DEPARTAMENT

— Nossa é ele mesmo, mas aqui ele está de cabelo.

— Mas onde era a boate Safári?

— Era na "BR", mas se você está falando da "Luz Vermelha" é outra coisa. "Luz Vermelha" era uma mini boate. Nessa época tinha o Kojak, que era sócio dele, e o "burguês S", os armazéns gerais eram todos dele, aqui para o lado de cima da linha de trem, os armazéns eram todos dele...

— De quem?

[115] A expressão, "os titulares", fez muito sentido para mim quando observei a erudição do "Sujeito R" sobre a história do futebol. Para narrar sua trajetória de vida, por vários momentos, ele relacionou os acontecimentos passados com os resultados de copas e campeonatos passados de futebol. Nesse sentido, "os titulares" que o "Sujeito R" fala com certo vigor, são aqueles que possuem prestígio, fama, são referenciados por seus atos e, por isso, titulares no jogo.

— Do “burguês S”. Era um velhão “magnata”, dono de todos esses armazéns que tinham por aqui. Ele era sócio do Kojak, ele levava o dinheiro para ele no comércio. Sabe onde estão construindo o novo shopping da cidade? Então, ali um grande pedaço era dele. O negócio dele era tunguete...

— O que era isso?

— Tunguete? Você não sabe o que é tunguete? É o lugar aonde iam para jogar. Era tipo um cassino da época.

— Mas em que ano foi isso? – perguntei.

— Isso foi mais ou menos em 1980, 81, não me lembro exatamente, tenho algumas imagens que ficaram. Meu pai me levava muito para os bares onde também frequentavam o Kojak, o Navalhada, o “burguês S” e outras cabeças que hoje já morreram. O tunguete funcionava detrás do bar. Era o lugar onde o pessoal jogava baralho na base de aposta. E o Ari Navalhada era gente boa...

— Como ele aparentava?

— Ele era careca e sempre usava um chapéu, brincava muito comigo, porque eu era criança e ficava ali observando, pegava cerveja, cigarro, o que eles pediam. Enquanto o jogo rolava, eu pegava.

— Era um local de encontro?

— Era ali que eles armavam os negócios, por meses. Eles tinham classe, não eram como esses vagabundos aí que roubam por cinquenta reais, cem reais, assaltam a padaria dos bairros vizinhos, eu não gosto dessa gente, desses que vão lá e roubam o cara que acabou de financiar uma moto. Na época do Navalhada assaltavam também, mas era de quem tinha muito, que não ia faltar; eles faziam as coisas certas, tanto que ficavam meses só com o dinheiro desses esquemas. Mas o Ari Navalhada trazia a mercadoria e o pessoal comprava dele e distribuía; isso durou até os caras matarem ele, não por causa do tráfico, mas por causa de mulher.

— Mas quem era essa mulher? E o “Sujeito R” mudou de história, ignorando minha pergunta.

— O Ari Navalhada era uma cara que andava bem vestido, sempre de chapéu e roupa social, mas gente boa, não era esnobe. Lembro do dia que ele me deu uma nota daquelas gordas de dez cruzeiros. Eu tinha um cofrinho e guardava tudo lá, já fui engraxate também, engraxava o sapato de toda essa turma aí. Me lembro quando mataram o Ari Navalhada a tiro em frente da boate, foi um tiroteio, dizem que foi um “pega prá capar”, que sobrou bala para todo mundo.

— Mas ele não morreu de velhice, na cama?

— Que nada! Se for o mesmo Ari, ele morreu de tiro, me lembro dessa história. Eu trabalhava lá, já morei em três zonas, mas nasci aqui na Fraternidade. Eu brincava por todos esses lados, tinha um parquinho aqui – diz apontando para a foto em minhas mãos – mas eu gostava mesmo de brincar lá onde as mulheres lavavam as roupas. A prefeitura, na época, montou um esquema para elas, por que elas batiam a roupa para lavar, isso na beira do ribeirão.

— Mas o Navalhada era dono da Safári?

— Ele não era dono da Safári. Ele tinha um caso com a dona da Safári, a "Srta. S".

— E como foi essa história da morte dele?

— Foi lá na frente da boate, os caras fizeram "a casinha" para quando ele saísse, ele reagiu e foi bala para todo lado; não conseguiu escapar.

Antes de completar meia hora de entrevista, entrou no bar um sujeito de meia idade, que foi logo na direção do "Sujeito R", que se afastou de mim para cumprimentá-lo. Trocaram algumas palavras, o entrevistado despediu-se de mim e saiu em sua companhia.

O "Sujeito R" era uma criança quando conheceu Navalhada, nasceu em 1971 e conviveu com ele quando tinha por volta de seus dez anos, na década de oitenta. Sua entrevista colocou mais dúvidas sobre a morte de Navalhada.

&

O "Sujeito R" nos contou uma história com imagens fantásticas, com tiroteio, movida em função de uma mulher, entre "os titulares". Em sentido oposto, Ari Soares, o filho de Navalhada, mencionou que ele morreu de males da idade avançada. As imagens sugeridas na entrevista com ele é de um Navalhada idoso, morrendo sozinho aos poucos, como uma árvore que seca a ponto de quebrar seus galhos com um ínfimo vento.

— Do que morreu seu pai?

— Olha – em tom de seriedade vagarosamente falando – meu pai há uns vinte anos atrás estava em Piraquara[116] preso e deu derrame nele.

— Na penitenciária?

[116] O entrevistado faz referência à Penitenciária Central do Estado (PCE).

— Dentro. Aí ele foi mandado para o manicômio. Até aquele momento não tinha visto a situação que ele estava. Fui fazer um visita para ele, naquela época eu estava em Curitiba. Quando vi meu pai naquela situação, eu que nunca tinha chorado pelas coisas que ele fez, não resisti, chorei mesmo, fiquei com dó, vi a situação: a pálpebra todo dobrada, a mão, a perna dobrada. Fiquei imaginando, um cara bom preso já é ruim, imagina um cara com uma deficiência dessa, sem ter alguém para ajudar ele com banho, com alguma coisa. Aí, na época que estava trabalhando com a política em Londrina, para o "candidato T", eu pedi um favor para ele: trazer meu pai para o presídio daqui. Na época o "candidato T" era secretário de segurança, aí conseguiram trazer ele, ficou perto para visitar, minha esposa foi uma ou duas vezes, depois falei que não precisava ir mais, não precisava entrar em presídio não. A humilhação para entrar é grande. É assim: "tira sua roupa", "fica pelado", "tem que abaixar", para mulher é pior ainda. Aí eu disse "não precisa ir mais", "eu vou". Aí continuei visitando ele algumas vezes, mas também já não fui mais. Teve um indulto de natal que eu não me lembro em que época, ele pegou e pode sair, pegou o indulto e ficou um ano sem voltar para a cadeia, depois, como não tinha mais ninguém para cuidar dele, resolveu se apresentar. Mas a cadeia não quis mais ele por lá, aí ele foi morar com uma tia minha na Vila Maria. Eu sempre ia visitar ele, ver minha tia, levava compra, sempre estava lá. Eu morava no prédio de frente aqui, eu tinha apartamento e tudo, aí ele pediu para morar comigo, falei que não tinha condições, tinha que cuidar das minhas filhas, eu trabalhava, como ia cuidar dele – silêncio. Um certo dia eu estava em casa, daí um primo meu chegou e disse: "oh, seu pai morreu, o que faz?". Eu não podia fazer nada, eu falei "deixa lá perto, vamos pedir para abrir o túmulo, amanhã a gente enterra." Como que iria passar só eu com meu primo e meu pai? E foi o que aconteceu.

— Quantos anos ele tinha, você lembra?

— Setenta e sete, mais ou menos.

— Foi uma morte um pouco, um pouco não, bastante triste.

— Foi um final triste porque ele morreu praticamente sozinho, ninguém socorreu, não tinha ninguém perto dele.

— O seu pai morreu em que ano?

— Faz uns quatro anos que meu pai morreu, 2006, mas é mais provável 2005.

— Ele está enterrado em Londrina?

— Cemitério São Pedro.

— A única coisa que ele herdou, que ficou para ele de tudo que ele fez errado, está no cemitério São Pedro.

— "Tudo que ele fez de errado"? Como é essa história?

— Por causa da vida que ele começou – risos sem graça – com o tráfico...

A meu ver uma lenda é construída como uma colcha de retalhos, alguns desses retalhos são histórias ficcionais, no entanto, estão ancoradas em sentimentos, projeções simbólicas historicamente construídas.

Ari Soares, o Júnior, como sua esposa o chama, autoriza o nosso trabalho em torno da memória que seu pai cunhou e cunhou-se sobre ele em Londrina. O fato de agradecer aos professores por estarem lá, ouvindo sua história, indica que contar, narrar a história de seu pai, ao menos parte dela, tem um efeito positivo para ele. Apesar disso, consideramos a possibilidade de silenciar o caso:

— A gente também não que ofender a memória da família – talvez os olhares de Ari Soares deixassem a dúvida sobre a continuidade da pesquisa.

— Vocês precisam ir lá à 10ª ver quais os processos que tem. Está fácil essa coisa, a única pessoa que tinha que se sentir ofendido era eu, e eu estou liberando para vocês mexerem com isso.

— E ele tinha mais filhos?

— Legítimos, era eu e o Olcione que infelizmente puxou para o lado dele, mas morreu com 26 anos, começou a roubar em Curitiba.

&

Seguindo as pistas que o filho de Navalhada deixou na ocasião de sua entrevista, fui à procura dos processos criminais. Ele mencionou que estariam na delegacia, que talvez lá houvesse algum tipo de registro sobre Navalhada. A partir de meus contatos, entretanto, descobri que no arquivo público localizado na Universidade Estadual de Londrina, CDPH, é que estavam arquivados os autos criminais da primeira e segunda vara criminal, entre 1942 a 1975, da cidade. Ao iniciar a pesquisa, tive conhecimento de que não poderia consultar pelo nome Orides José de Lima, nome de registro de Ari Navalhada, mas somente pelo tipo do processo crime. Isso, que inicialmente me pareceu um problema, acabou me conduzindo para um arquivo de tipo tabela onde, além da qualificação de auto, havia informações sobre o início da sentença, o local do crime e uma ligeira descrição do processo.

A regra me obrigou a acessar um campo de observação panorâmico: os artigos que todos os réus respondiam apareciam ali organizados à espera de uma dupla clicada. A facilidade e a curiosidade me fez esquecer momentaneamente o nome que procurava, por isso, lancei mão do primeiro termo que poderia cercar os processos de meu interesse: 'tráfico'. Desse primeiro acesso ao banco de dados do CDPH, descobri que foram registrados oito casos no período de 1954 e 1972. Muito pouco, para um período tão longo, sendo possível até citá-los a partir do campo "descrição": (1) "auto de prisão em flagrante por suspeição de tráfico de maconha, arrombamento e tentativa de corrupção ativa" (1954); (2) "O denunciado foi autuado em flagrante por tráfico de maconha" (1956); (3) "Os denunciados foram presos por uso e tráfico de maconha" (1969); (4) "Tráfico de entorpecentes" (1970); (5) "O denunciado foi preso em flagrante por tráfico de maconha" (1970); (6) "O denunciado foi autuado em flagrante por tráfico de maconha e furto" (1970) (7) "Impetrantes foram autuados em flagrante por tráfico de maconha" (1971); (8) "O denunciado foi autuado em flagrante por tráfico e uso de entorpecente (maconha)" (1972) [117].

Não satisfeito com o resultado, tendo em vista esse baixo número de ocorrências, aprimorei a busca inserindo o número do artigo do Código Penal referente ao delito "tráfico de entorpecentes": Art. 281. Como resultado, quarenta e duas ocorrências, sendo que a primeira foi registrada em 1957 e diz: "O denunciado foi preso em flagrante portando cigarros de maconha"; e a última, em 1975: "Os denunciados foram presos no Campus Universitário da UEL, portando considerável quantidade de maconha." Maconha parece ser a substância predominante entre os denominados "entorpecentes" da época, isso de certa forma sugere que, assim como nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro[118], a cocaína só foi introduzida em larga escala décadas depois. Mas afinal, me perguntava, em quais desses processos deve constar o nome Orides José de Lima, o Navalhada?

Considerando que as reportagens da Folha de Londrina o chamam de 'rei da maconha', pesquisei na base de dados utilizando a palavra maconha. O resultado foi produtivo, ocorreram quarenta ocorrências no período que vai de 1954 a 1975. A diferença desse levantamento para o anterior, com o Art. 281, foi pequena. Isto se explica pelo fato de que o termo 'maconha' abrange tanto os indiciados por tráfico como por consumo, Art. 16[119].

---

[117] Essas fontes pesquisadas tramitaram no Fórum, provavelmente, deve existir as que ficaram registradas somente no livro da delegacia.

[118] **Notícias de uma guerra particular**. Direção de Kátia Lund / João Moreira Salles. BR: Vídeofilmes, 1999, documentário.

[119] O artigo 281 do Código Penal de 1940 foi modificado pela Lei 4.451 de 4 de novembro de 1964 e pelo Decreto-lei nº 385 de 26 de novembro de 1968. "O primeiro diploma legal que tratou do assunto foi o decreto nº 4.249 de 1921 (sob inspiração da Convenção de Haia de 1912), sendo que outros instrumentos legais também

Desse total de oitenta e duas ocorrências, selecionei as que figuravam como local do crime a suposta área de domínio de Navalhada – Vila Matos ou a Vila Velha. Dessas, escolhi as que traziam o termo maconha. O número então se reduziu para cinco processos: (1) "O denunciado mantinha um depósito de maconha em seu estabelecimento comercial" (1968); (2) "Os denunciados foram presos em flagrante com grande quantidade de maconha" (1968); (3) "Os denunciados foram presos por uso e tráfico de maconha" (1969), (4) "O denunciado foi preso em flagrante transportando maconha." (1970); (5) "O denunciado foi autuado em flagrante por porte de maconha e furto." (1970).

Ouvindo os depoimentos coletados me pareceu claro que o palco de atuação de Navalhada era a Vila Matos. Havia supostamente duas boates na vila e o bar do Ari. Ao que tudo indica, Navalhada foi um personagem bandidesco cuja trajetória se misturou a outros tantos acontecimento que transformaram a cidade. Um momento emblemático desse processo urbano foi o encerramento da zona do meretrício, sua demolição e o início do projeto de construção da nova rodoviária (1975). Ao cruzar as informações que tinha, percebi que muitos processos crimes traziam no campo "local do crime" apenas o nome da cidade "Londrina-PR", o que não me permitia precisar, com base nesse catálogo, qual região da cidade havia sido o palco da ação policial, não podia encontrar, por esse mecanismo, referências à Vila Matos. O problema de se trabalhar com pesquisa em bancos de dados é o risco que se corre com as palavra-chaves, elas podem tanto facilitar quanto impedir o acesso às informações que procuramos. Consciente do problema, mas tendo de optar por uma saída, examinei o processo 235/68 (data de início do processo 16/08/1968, data de arquivamento 27/02/1975).

Consta no auto de apreensão:

> *[...] O Dr. Delegado policial do 2º distrito dessa cidade, precedeu esse a uma diligência de busca e apreensão, tendo encontrado, ocultado no quintal da casa dos indiciados, na rua Aimorés, nº 64, uma lata de 20 litros, tipo usada em embalagem de banha, contendo grandes quantidades de maconha ("cânhamo indiano"), cujos princípios ativos foram devidamente constatados pelo auto de apreensão e pelo laudo de exame pericial incluso [...]*[120].

---

regulamentaram a matéria, como o Código Penal de 1940 (Decreto-lei nº 2.848 de dezembro de 1940 – artigo 281); a Lei 5.726 de 1971, as Leis 10.409 de 2002 e 6.368 de 1976, além de outras [...]." CARULA, Karina Resende. **A nova lei de drogas: o novo enfoque dado ao consumo de drogas e ao usuário**. Monografia de especialização, Curitiba, 2008, p.13; p. 84. Acesso em 19/08/2011, disponível em: http://www.emap.com.br/site/emapcom/arquivos/monografias/KArina%20Carula.pdf.

120 Auto Criminal 235/68, primeira Vara Criminal de Londrina. Arquivado no CDPH.

Na *qualificação* do processo, o seguinte texto: "Sra. Z", cor branca, costureira, solteira, 26 anos, natural de São Jerônimo, Rio Grande do Sul, foi presa ao lado de Orides José de Lima, cor branca, 33 anos, um metro e setenta, comerciante, natural de Itaqueri da Serra, São Paulo". No *rol das testemunhas* o "senhor A. S", 41 anos, proprietário de lavoura, residente na Vila Industrial, comprava maconha com Ari e confessa que *adquire sempre um "pacão" que dá para confeccionar uns dez (10) "fininhos" pela importância de NCr$ 5,00. O depoente diz que de Ari já comprou mais de seis vezes [...]*[121]. Outra testemunha arrolada no processo foi "E. D", 25 anos, mecânico, que também costumava comprar um "pacão" com Navalhada. Em seus depoimentos consta, no texto do escrivão, que *num bate-papo com Ari o depoente soube que o quilo da "herva" adquirida na fonte sai à razão de Cr$ 150,00 [...], mas não ficou sabendo onde é essa fonte*[122]. A questão do tempo de comércio ilegal de Navalhada em Londrina foi, também, mencionada: *[...] Os indiciados Orides José de Lima, vulgarmente conhecido por Ari Navalhada, e sua amásia, "Sra. Z", vinham há muito tempo se dedicando ao tráfico de maconha [...]*.

A terceira testemunha arrolada no processo, fazendo referência às 'casas de tolerância', seguiu em sentido distinto à versão de Navalhada, que se dizia 'vendedor de quadros'[123]. Nas palavras do escrivão, a testemunha disse:

> *[...] que a pedido de um indivíduo de nome Nelson de Tal, da cidade de Pres. Prudente, no Estado de SP, entregou a Orides José de Lima, vulgo Navalhada, um pacote que pesava aproximadamente 8 quilos, ignorando seu conteúdo e que somente após a entrega é que tomou conhecimento do mesmo, acabando por adquirir de Orides, que em seu quarto preparava cigarros, vendendo-os nas casas de tolerância*[124].

O processo de leitura dos autos seguiu e logo cheguei aos microfilmes. Ali descobri que o juiz teve acesso à narração circunstanciada da diligência, assim como ao depoimento das três testemunhas e às demais peças do auto. A "Sra. Z" não foi detida, mas Navalhada permaneceu preso no Cadeião de Londrina enquanto aguardava o julgamento. Seu endereço de referência mudou, da rua Aimorés, conforme consta no auto de apreensão, foi para a rua Santa Helena. Hoje, ambos os endereços não existem mais, desapareceram com a urbanização da região.

---

[121] Idem.
[122] Idem.
[123] Navalhada declara ao júri, nesse processo, que vende quadros.
[124] Auto Criminal 235/68, **Op. cit**.

Navalhada declarou diante do júri não ser o dono da lata de banha de vinte litros de maconha, encontrada em sua antiga residência, situada à rua Aimorés:

> *O principal indiciado, Orides José de Lima, em suas declarações, nega ser viciado em tóxicos, bem como traficá-lo, alegando que sua fonte de suprimento era de um indivíduo de nome Nelson de tal, conhecido pela alcunha de Fita Azul, que recebeu o produto acondicionado em saquinhos de plásticos, do Paraguai, cujo individuo esta autoridade não conseguiu localizar [...]*[125].

Navalhada argumenta que sua fonte de suprimento era outro traficante, o tal "Fita Azul". Nesse universo de nomes cifrados, a procura pela origem do cânhamo nos leva, pela segunda vez, ao Paraguai. Paraguai é um símbolo de difusão que remete à distância o local de obtenção da mercadoria. Essa é justamente a informação citada tanto para o juiz como para os clientes. Talvez essa tal origem longínqua seja uma maneira de despistar uma plantação muito próxima, talvez até localizada na própria região metropolitana da cidade.

Um processo criminal arquivado tem muitas partes. Sequencialmente, elas são distribuídas em: *Apresentação*, *Auto da apreensão*, *Qualificação*, *Assentada* (audiência das testemunhas), *Auto da declaração*, *Laudo do exame farmacognóstico da droga*, *Relatório*, *Relatório de investigação*. Enfim, são muitos os mecanismos de construção das "provas." Na *Assentada*, o advogado de Navalhada convocou quatro pessoas: seu irmão, Orosil José de Lima[126], residente à rua Aimorés, "C. S" da Hospedaria Lily, o "jovem M" e, segundo Navalhada, o "verdadeiro" dono da lata de vinte litros cheia de maconha, o "Nelson de tal", o Nelson Fita Azul. A escolha dessas testemunhas faz supor que Navalhada mantinha boa relação com sua vizinhança, pois, com exceção do último, todos os demais se declararam residentes na Vila Matos[127].

&

Outro indício interessante do mesmo processo de Navalhada está no laudo científico a ele anexado. A solicitação de exame da "herva" feita pelo "delegado X" não é atendida, faltam os respectivos reativos químicos na cidade. Com isso, a "herva" é enviada

---

[125] Auto Criminal 235/68, **Op. cit**.

[126] A existência do um irmão de Navalhada foi mencionada por Ari Soares. Ver p. 16.

[127] Notei e achei estranho não encontrar, anexados ao processo, os relatos das testemunhas. Seria interessante lê-los a fim de saber os detalhes de como foram arroladas no processo. Certamente os testemunhos foram benéficos para o acusado, já que eram testemunhas da defesa.

para o *Instituto da Polícia Técnica na capital Curitiba* e o tempo do processo se alonga. Quando chega, a resposta de Curitiba diz:

> *[...] parte dos fragmentos do vegetal, após serem pulverizados, foram submetidos à extração por meio de solvente orgânicos, os quais, depois de evaporados, apresentaram um resíduo de aspecto resinoso de cor verde amarelada [...] representa fragmentos de folhas e caules, sumidades floridas e fruto de "CÂNHAMO INDIANO", conhecido vulgarmente em nosso meio com o nome de "maconha", contendo os respectivos princípios ativos conforme reações químicas realizadas*[128].

Eis aqui um fragmento de uma história que se desenrola há muito tempo entre criminologia e "cânhamo indiano". Por trás das técnicas da polícia científica, há outro saber que desde os anos finais do século XIX persegue um diagnóstico que permita dizer: o efeito psicoativo é "X"[129]. Comparando os primeiros processos envolvendo a maconha, por porte ou tráfico, e os processos de Navalhada, que são posteriores, é possível visualizar como a criminologia foi gradativamente naturalizando, cercando e reduzindo os efeitos terapêuticos do psicoativo no que denomina seus "efeitos subversivos" [130].

Vejamos como exemplo um processo do dia 19 de setembro de 1957. Nele consta que, por volta das 19 horas, "Sr. Q" foi preso com seis cigarros de maconha na rua Rio de Janeiro. No campo "preliminares" desse processo está registrado:

> *O vegetal conhecido vulgarmente pelo nome "maconha" é o cânhamo indiano, as folhas e as inflorescências femininas contêm uma substância resinosa que é o seu princípio ativo; os efeitos fisiológicos produzidos por esta resina representam valor terapêutico da droga, utilizada em medicina. Em virtude dessa volatilização, desse princípio ativo e seus efeitos estupefacientes, as folhas dissecadas e inflorescências femininas do cânhamo, vem sendo utilizada em nosso*

---

[128] Auto Criminal 235/68, **Op. cit**.

[129] "A história do THC na química é ainda mais bizarra: tivemos conhecimento da versão sintética antes de isolarmos a versão natural! Em 1930, Cahn isolou o cannabinol – extraído a partir do óleo de Wood. Na época, acreditava-se que o cannabinol fosse o principal ingrediente ativo da cannabis. O químico americano Adams e o britânico Todd, na década de 1940, desenvolveram várias rotas sintéticas para análogos do cannabinol. Para sua surpresa, uma das rotas levou a um composto com intensa atividade biológica, muito maior do que o cannabinol. Era o d-9-THC (*J. Amer. Chem. Soc. 1949, 71, 1624-1628*). Dentre os vários derivados preparados, o d-9-THC era o mais ativo. Os químicos da época, então, desconfiaram que a cannabis deveria ter, também, este terpenóide. Entretanto, foi somente em 1964 que a primeira isolação do d-9-THC na forma pura ocorreu. Os químicos Gaoni and Mechoulam obtiveram, de uma extração com hexano de uma amostra de hashish, vários cannabinóides, entre ele o d-9-THC, na forma cristalina." MINATI, Edson. *Especial Maconha, a erva alucinógena: Maconha e a Ciência.* In: **Revista eletrônica do departamento de química da UFSC**. Florianópolis, nº 53, Ano 4, [s/d]. Disponível em: http://www.qmc.ufsc.br/qmcweb/artigos/maconha/ciencia.html Acessado em 20/11/2010.

[130] Ver em Anexo 1 levantamento da palavra *subversão* nos autos criminais pesquisados, p. 126.

> *meio para fins* subversivos*, sob a forma de cigarros feitos a mão. Aliás, o uso desta substância estupefaciente no Oriente, onde é conhecido como o nome de "haschisch" (erva), é usado em cachimbos especiais, para obtenção de embriaguês com alucinações gradativas, seguindo de estado de torpor e sono, remonta a mais de dois milênios, segundo Lewin [...]*[131].

Gradativamente os campos 'preliminares' e 'laudo científico', tal como no processo de 1957, desaparecem dos processos criminais envolvendo o cânhamo. Esse tipo de fundamentação farmacognóstica e histórica quando doravante existe, apresenta-se disperso nas vozes dos juízes ou dos promotores, ou em citações resumidas de interpretes do Código Penal. Se considerarmos a retórica uma ferramenta fundamental na construção da verdade jurídica, percebemos que os exames que atestam a historicidade das práticas de utilização da maconha são eliminados dos processos. Com isso a defesa perde uma importante possibilidade argumentativa[132].

No dia 02 de dezembro de 1963, o terceiro promotor público da cidade de Londrina escreveu ao juiz preocupado com a demora em se conseguir o laudo científico:

> *Não basta que a substância seja entorpecente; é mister que conserve suas propriedades maléficas. Se, por qualquer circunstância ela as perdeu e tornou-se inócua, não há delito em questão, pela ausência do perigo. Tal acontece, por exemplo, com a maconha, quando já perdeu sua qualidade de entorpecente. Em tal hipótese há absoluta "ineficiência de meio", sendo o "crime impossível". Assim julgou o Tribunal de São Paulo*[133].

Nesse processo de 1963, o "rapaz J" foi preso enquanto procurava compradores de maconha na praça central da cidade. Ele portava 150 gramas da erva. Denunciado, um policial o prendeu após localizar a maconha, que estava guardada nas dependências da rodoviária da cidade. Seguindo pelo raciocínio do terceiro promotor, de que

---

[131] Auto Criminal 7614/57. Louis Lewis, cientista alemão que classificou as drogas e as plantas de acordo com seus efeitos psicológicos. As classificações foram: *Inebriantia* (inebriantes), *Exitantia* (estimulantes), *Euphorica* (euforizantes), *Hypnotica* (tranquilizantes), e *Phantastica* (alucinógenos). Disponível em: http://www.asmalldoseof.org/historyoftox/1800s.htox.php. Acessado em 20/11/2010. Em seu livro, editado 1998, a *cannabis indica* é classificada dentro do grupo das alucinógenas: "Phantastica: Hallucinating substances". LEWIN, Louis M.D. **Phantastica: A classic survey on the use and abuse of mind – altering plants**. Rochester: Park Street Press, 1998. (grifo meu)

[132] Não que o advogado deixe de argumentar, mas sua argumentação, nesse sentido da historicidade das práticas de uso do cânhamo, não passa de chicanas, tal como comenta K, no romance **O processo**: "[...] A defesa, na verdade, não é realmente admitida pela lei, apenas tolerada, e há controvérsia até mesmo em torno da pertinência de deduzir essa tolerância a partir das respectivas passagens da lei. Daí não existirem, em sentido estrito, advogados reconhecidos pelo tribunal: todos os que comparecem diante dele como advogados, no fundo, são somente rábulas". KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Modesto Carone. SP: Cia das Letras, 2010, p. 117.

[133] NORONHA, E. M. **Direito Penal**. Vol. 4. São Paulo: Saraiva, 1962, p. 81.

não é a erva que caracteriza o crime, mas sim suas "propriedades maléficas", o advogado de defesa argumentou, no mesmo sentido: *[...] os acusados foram presos e recolhidos à Cadeia Pública local, há quase um mês, sem que fossem apurados os efeitos maléficos da maconha que a polícia diz ter apreendido [...]*[134]. Sua argumentação foi pontual, conseguiu relacioná-la a uma preocupação do promotor, garantindo absolvição do Art. 281, pagou multas e amargou um mês no famigerado Cadeião de Londrina. Todavia, o texto do promotor público fornece indícios para um processo mais amplo em que entram os argumentos que criminalizam o cânhamo.

A partir das considerações do laudo e das ponderações do terceiro promotor ficaram algumas perguntas: como uma substância utilizada milenarmente na medicina pode ser deflagradora de ações subversivas em função das propriedades terapêuticas do seu psicoativo? O que caracteriza essa subversão para o Estado? O que seriam essas tais "propriedades maléficas"? É certo que não eram os gases típicos da combustão, pois, no período, era comum a imagem em filmes e revistas de alguém ascendendo um cigarro e fumando. Na contra capa da revista *Realidade* de fevereiro de 1969, a mesma que trouxe uma grande reportagem sobre "os reis da maconha", é estampada junto a uma grande fotografia em que um casal contempla, fumando, na paisagem do Pão de Açúcar, a seguinte frase: "Rio de Janeiro... O espetacular caminho aéreo do Pão de Açúcar. Roteiro emocionante, admirado por visitantes de todas as partes do mundo. Que também apreciam Minister..."[135]

Figura 36 - Capa e contra capa da Revista Realidade de fevereiro de 1969

[134] Auto Criminal 217/63.
[135] REALIDADE. **Nos rastros dos reis da maconha**. Ano 3, nº 35, SP: Abril Editora, fevereiro 1969, contra capa.

No caso do cânhamo, tudo indica que por detrás dessa cortina de fumaça, há outro elemento fundamental em sua criminalização. Entretanto, a identidade deste se transforma com o tempo, conforme informa o promotor ao juiz, perde suas propriedades, tornando impossível o crime. Provavelmente esta informação deixou o juiz preocupado em relação à demora da apuração química, mas, em outro momento, deve tê-lo tranquilizado, principalmente se considerarmos que ele viu, anexado nas folhas documento, os tais cigarros de cânhamo. Para minha surpresa, ao folhear os autos no CDPH, encontrei os referidos seis cigarros de "cânhamo indiano" guardados num envelope colado junto ao corpo do processo.

No caso do processo de Navalhada, a demora no laudo científico contribuiu também para a consequente demora na sentença que acabou por condená-lo a quatro anos de prisão, sendo que dois já haviam sido cumpridos no mesmo Cadeião. Seu advogado, na busca por desassociar Navalhada da figura do traficante, argumentou que a lata de vinte litros com maconha não era dele e sim de um traficante conhecido como "Nelson Fita Azul". Questionou também a primeira testemunha que, segundo a polícia, havia feito a denúncia de que Navalhada era o tradicional traficante da cidade. Como vimos acima, é estranho que no próprio auto de apreensão haja menção ao "tradicional traficante da cidade". Junto ao juiz a primeira testemunha, o suposto denunciante, mudou seu texto e disse que nunca ouvira falar dos fatos e muito menos de Ari Navalhada. Em vista dessa situação, o advogado citou uma fábula de La Fontaine, 'O lobo e o cordeiro', dizendo: "Acusa-se, mas nada se prova".

&

Na montagem do processo criminal (a montagem do personagem criminal) atuam mecanismos que configuram o delito: o flagrante, as testemunhas, o exame científico, o depoimento, a confissão, a denúncia. São esses mecanismos que constroem a veracidade do evento passível de punição. A milhas distantes da oralidade, nos autos criminais, a figura do narrador se dissolve e desaparece numa série de enunciados que, somados e justapostos, punem os envolvidos no comércio do "cânhamo indiano" com o aprisionamento.

A situação jurídica de Navalhada piorou a partir da reforma da Lei de Tóxicos de 1967. Um ano depois da reforma dessa lei brasileira, Navalhada e sua amásia, "Sra. Z", foram presos. Essa reforma foi parte do alinhamento do Brasil à Convenção Única

sobre Entorpecentes: "o mais completo documento proibicionista de abrangência internacional assinado na sede da ONU em 1961"[136].

O processo de proibição do "cânhamo indiano" foi acoplado à proibição de outras substâncias. A cocaína, o ópio, a heroína e, posteriormente, a partir do final do século XIX e início do XX, o cânhamo foram, todos eles, alvos das leis de controle e proibição em vários países.

Os opiáceos foram os primeiros a entrar na lista de substâncias controladas pelo Estado. A Conferência de Xangai (1909) reuniu representantes de treze países para discutir o mercado internacional de ópio. Não era interesse de nenhum dos países envolvidos, e que dominavam o valioso mercado de drogas, banir a utilização, em seus territórios, dessas substâncias, entretanto, a conferência marca um primeiro momento em que se traz para o palco das decisões internacionais a questão da restrição ao uso religioso[137], medicinal[138] e recreativo das drogas.

> *[...] A conferência de Xangai, de 1909, o primeiro grande encontro internacional para discutir limitações ao comércio de ópio e seus derivados, foi organizado, para regozijo do governo chinês, por um novo aliado, afinado também à causa do livre mercado, mas com uma postura marcadamente restritiva no que diz respeito às drogas: os Estados Unidos*[139].

O governo chinês, que desde a Guerra do Ópio tentava restringir o seu rentável mercado consumidor de psicoativos, se aproximou do governo estadunidense de

---

[136] RODRIGUES, Tiago. *A infindável guerra americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente*. In. **São Paulo em perspectiva**. Vol. 2, nº 16. SP, 2002, p. 103-4.

[137] No **Grande livro da Cannabis**, no capítulo *Cânhamo e a espiritualidade*, Rowan Robinson fala sobre a utilização da erva no cristianismo: "É bem possível que a orientação puritana que o cristianismo atual manifesta em relação aos psicotrópicos traia a inclinação de sua história mais antiga. Em particular, a tradição cristã da eucaristia talvez derive de tradições sacramentais anteriores – do hinduísmo, zoroastrismo, e assim por diante – em que o cânhamo e outras substâncias psicoativas eram empregados. Alguns comentadores sugerem, com uma lógica razoável se não com muitas provas incontestáveis, que Jesus pode ter aprendido a cerimônia diretamente de outras seitas usuárias do cânhamo – talvez os gnósticos, embora o conhecimento que estes teriam tido sobre o cânhamo seja também inferido, não documentado. A mesma linha de reflexão poderia levar à suposição de que as primeiras cerimônias eucarísticas teriam incluído o próprio cânhamo. ROWAN, Robinson. **O grande livro da cannabis: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental**. RJ: Jorge Zahar, 1999, p.58.

[138] Remonta a escala dos milênios a utilização do cânhamo pela humanidade. O texto do chinês Shen Nung é uma evidência dessa relação. Encontrado na década de 1970 por arqueólogos, o livro *Pen Tsao* é provavelmente datado do século X a. C. e dedica um capítulo ao uso da *cannabis*. O texto foi encontrado na tumba de Ma Wang Dui em Changsha. Nele há uma compilação de relatos orais que, acreditam os historiadores, circularam pela região chinesa de Dong. Também acredita-se que o imperador Shen Nung é um nome que vários escritores herbáricos assinam. Interessante dessa medicina herbárica chinesa é sua associação ao taoísmo. Na tradução dos ideogramas chineses, encontram-se referências da planta como agente do equilíbrio entre yin e yang. Na interpretação de Chris Conrad em **Hemp**, a planta fêmea da *cannabis* possui a energia yin (não ser) e, partir disso, recomendada para "fraqueza feminina", reumatismo, febre beribéri, malária, prisão ventre, gota e desatenção, entre outras enfermidades". CONRAD. **Op. cit**., p. 32-3.

[139] RODRIGUES, Tiago. *Tráfico, Guerra, Proibição*. In. LABATE, Beatriz Caiuby (org.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 92.

forma a manter conversações que resultaram no encontro de Xangai. As vontades representadas pelos diplomatas estadunidenses produziram ao menos duas versões do evento. A primeira diz que as condições de atuação econômica na região asiática dos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX, era parca, de pouca expressão, daí a necessidade de desconfigurar o arranjo que as forças comerciais inglesas dominavam. A segunda versão, vista em paridade com a primeira, entende que os valores morais puritanos estavam implícitos nos atos diplomáticos pró-sanções de controle e restrição dos psicoativos em âmbito internacional.

Nos Estados Unidos, no começo do século XX, várias agremiações puritanas reivindicavam do poder público medidas coercitivas em relação aos "vícios e degenerações sociais"[140]. Em 1º de setembro de 1869, cerca de 500 delegados representando os dezenove estados norte-americanos reuniram-se na Farwell Hall, em Chicago, onde fundaram o Partido da Lei Seca e a Comissão Nacional de Proibicionismo. Como líder do primeiro esforço para organizar o Partido Proibicionista, John Russell, de Michigan, foi eleito presidente da comissão. Sua plataforma inspirou-se no Partido Republicano da Abolição da Escravatura para a formação de um novo partido com base em uma questão moral dominante. Os Proibicionistas, a fim de conseguir apoio político, foram os primeiros a defender o sufrágio da mulher, a reforma do serviço civil e a eleição direta para senadores nos Estados Unidos. Entre os apoios mais importantes adquiridos está a *Woman's Christian Temperance Union,* uma agremiação feminina cristã direcionada para o combate do consumo de álcool e a ampliação da educação pública em torno do "problema do álcool"[141].

Nos jornais nova iorquinos dos anos finais do século XIX e iniciais do XX é possível encontrar alguns indícios que ajudam a caracterizar os valores morais puritanos agenciados por essas agremiações partidárias aos Proibicionistas. No domingo, 26 de outubro de 1888, a agremiação Prohibition Rally publicava no Elmira Telegram, em Nova Iorque, uma nota convidando os leitores a participar do encontro com o reverendo John Russell em sua sede:

---

[140] RODRIGUES. **Op. cit**., 2002, p. 109.

[141] JIMERSON, Randall C.; MYERS R. David. *Prohibition National Committee (U.S.) records, 1872-1972*. In: **Michigan Historical Collections Bentley**. Disponível em: http://quod.lib.umich.edu/b/bhlead/umichbhl86124?rgn=main;view=text;q1=John+Russell+of+Michigan. Acessado em julho de 2011.

> *[...] He will give special attention to high license, and all who favor any of the various plans proposed for temperance work, will and much to interest thorn. Ladies are especially invited as usual. Arrangements are being made for music, and it is expected that a good program will be announced soon*[142].

Dois anos antes, no dia 10 de julho de 1886, o mesmo pastor estava na lista dos palestrantes listados no Agara Falls, também de Nova Iorque. Entre os temas dos outros palestrantes, 'The Duty of Hours' e 'Temperance outlook in Canada', Russel respondeu pelo tema 'Temperance camp'[143]. A temperança, aqui, me parece o valor moral que norteia o Proibicionismo, não como um diagnóstico de um corpo doente, mas naquilo que os cidadãos americanos deveriam buscar: sobriedade no consumo de bebidas, moderação, austeridade e continência.

Em 1921, os líderes partidários pediram ao governo para deportar qualquer estrangeiro acusado de violar a 18ª emenda[144] e, além disso, privar os cidadãos dos Estados Unidos, condenando-os a perderem o direito de voto. A plataforma de 1924, proclamava que a Bíblia deveria ter um espaço maior nas escolas públicas e declarava que os estrangeiros não assimilados eram uma ameaça às instituições norte-americanas e deveriam ser naturalizados.

A tese defendida por Rodrigues é a de que nos Estados Unidos, apesar dos movimentos sociais proibicionistas, o êxito no controle das drogas ocorreu no "teatro das negociações diplomáticas". É logrando nas reuniões internacionais que foram elaborados os tratados que, posteriormente, se transformaram em instrumentos para o domínio e controle público sobre as substâncias citadas.

Há uma historicidade muito interessante no que diz respeito às séries de convenções diplomáticas que ocorreram. Depois da Convenção de Xangai, foram necessários mais três anos para acontecer um novo encontro diplomático, em dezembro de 1911, em Haia, na Holanda, onde as metas propostas pelos Estados Unidos foram firmadas. O documento assinado nessa ocasião obrigava os países signatários a coibirem "todo uso de cocaína e opiáceos que não atendessem recomendações médicas"[145]. No entanto, o Brasil, como participante da convenção, só programou o texto preconizado pelos Estados Unidos no ano de

---

[142] Jornal Elmira Telegram, domingo, 21 de outubro de 1888, Elmira, Nova Iorque, Estados Unidos. Acessado em 12/06/201, disponível em: http://fultonhistory.com/Fulton.html.

[143] Jornal Agara Falls, sábado, 10 de julho de 1886, Nova Iorque, Estados Unidos. Acessado em 12/06/2011, disponível em: http://fultonhistory.com/Fulton.html.

[144] "A emenda nº 18 é de 1919, é a chamada *lei seca,* que proibiu confecção, venda e consumo de bebidas alcoólicas". Acessado em 19/08/2011, disponível em: http://jus.uol.com.br/revista/texto/10282/direito-comparado.

[145] RODRIGUES. **Op. cit**., 2002, p. 103.

1921, quando da promulgação da primeira lei restritiva na utilização do ópio, morfina, heroína e cocaína[146].

Seria um equívoco enxergar esse quadro sem considerar outro movimento do Estado brasileiro. O texto de 1921 está muito alinhado com as políticas públicas sanitaristas que foram sendo gradualmente implantadas na Primeira República.

> *[...] O Código Sanitário da Primeira República, editado em 1890, preocupava-se com a disciplinarização do espaço urbano o que equivalia, entre outras medidas, à remodelagem das cidades segundo padrões europeus e à imunização compulsória da população. O tema do controle de substâncias psicoativas só entrava tangencialmente na pauta sanitária, e a venda e o uso desses produtos não eram, até a década de 10, passíveis de qualquer controle estatal*[147].

O mais curioso na historicidade dos tratados firmados nas convenções é que o Brasil acaba tendo presença cativa neles. Desse envolvimento derivou uma estratégia semelhante à dos Estados Unidos no que diz respeito à incorporação de tratados internacionais como força para "ordenamento legal nacional". O trecho citado de Rodrigues deixa entrever que os tratados foram ao longo dos anos usados para atualizar as "disposições vigentes", "incrementando o corpo normativo". Há uma conjunção de fatores que estimularam os acordos firmados nas Convenções internacionais, como o aumento do controle dos espaços dos grupos de migrantes, de negros, a ascensão da indústria farmacêutica alopática[148], o lobby da industria de tecidos em algodão e uma dada configuração do ideal ascético[149].

---

146 Idem, p. 104.

147 Idem, p. 103.

148 Houve tempos em que a medicina utilizava-se fartamente da planta *cannabis*. A cura através das ervas foi gradativamente sendo afastada das práticas terapêuticas. No seu lugar foi ganhando reconhecimento como prática oficial do Estado o sistema "alopático" de medicina. Segundo Conrad: "[…] Em 1805, a morfina foi desenvolvida, seguida pelas drogas à base de *cannabis* em 1842 e a aspirina em 1889. Louis Pasteur produziu uma teoria dos germes que incluía o uso, em 1880, de vacinas verdadeiras e do leite "pasteurizado" para matar as bactérias e retardar a deterioração dos alimentos. Em 1928, Alexander Fleming reconheceu o poder antibactericida da penicilina, que confirmou a alopatia como o paradigma médico dominante. Tecnologias que se aperfeiçoavam constantemente e estudos controlados entraram em ação, mas a proibição da *cannabis* afetou a quantidade e a qualidade da pesquisa, assim como as atitudes de comunidades médicas e sociais. Infelizmente, a ortodoxia convencional se tornou cada vez mais movida pela reação e orientada pelo aspecto químico. O resultado é uma forte distribuição de pílulas, tabletes, cápsulas e supositórios farmacêuticos, além de medicamentos líquidos para serem tomados via oral ou injetados intravenosamente." CONRAD. **Op. cit**., p. 54.

149 Sobre as significações do ideal ascético acredito que o § 13 da Terceira Dissertação da **Genealogia da moral** elucida aspectos fundamentais da vida: "O ideal ascético é um tal meio: ocorre, portanto, exatamente o contrário do que acreditam os adoradores desse ideal – a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte, o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida. [...] O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mais precisamente o poder do seu desejo é o grilhão que o prende aqui, precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser aqui e o ser homem – precisamente por esse poder ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados,

> *[...] a prática da intoxicação foi tolerada enquanto fez parte do mundo dos prostíbulos chics frequentados pelos jovens filhos da oligarquia da República Velha. No início da década de 20, contudo, a situação modificara-se. De um lado, o Brasil havia-se comprometido na Convenção de Haia a fortalecer o controle sobre opiáceos e cocaína, o que de fato nunca fizera; de outro, os "vícios elegantes" dos rapazes finos logo perderam a aura romântica perante os olhos governamentais ao se disseminarem entre as "classes perigosas", ou seja, os negros, pardos, imigrantes e toda plebe urbana nacional*[150].

&

Nos arquivos do CDPH, o terceiro processo envolvendo maconha na cidade data de 1965. Nele, há uma série de considerações didáticas, citações do jurista ao proferir a sentença do acusado:

> *Heleno Cláudio Fragoso (**Lições de Direito Penal**. Vol. III, nº 806) é bastante claro, quanto a objetividade jurídica da lei: "Objeto da tutela jurídica é, neste crime, saúde pública, que se protege contra o terrível mal causado pelo uso de estupefacientes. A repressão penal visa (como se pode ver pelas condutas típicas previstas pela lei) especialmente a atividade de traficantes e intermediários, que são os maiores responsáveis pela difusão da toxicofilia". Depois, lembra: "Os males causados à pessoa pelo emprego habitual de entorpecentes são sérios e graves. Conquanto raramente causem o envenenamento agudo e morte, os estupefacientes são capazes de causar graves crises e sérias perturbações somáticas e psíquicas, que levam o indivíduo a progressiva decomposição moral e miséria física". Referindo-se ao Decreto nº 891, de 25 de novembro de 1938, que cataloga as substâncias entorpecentes, menciona: "Os entorpecentes a que a lei se refere, resumem-se fundamentalmente, como bem nota **NELSON HUNGRIA** (Comentários, Vol. IX, p. 137), em três espécies básicas, que são: ópio (de que são alcalóides e derivados a morfina, a codeína, a tebaína, a heroína, a dionina etc.); a coca (de que alcalóide a cocaína, a ecgonina, seus sais e preparações) e a cannabis sativa (cânhamo indiano), conhecido vulgarmente por maconha e outras designações*[151].

---

sofredores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente a sua frente como pastor. Já me entenderam: esse sacerdote ascético, esse aparente inimigo da vida, esse *negador* – ele exatamente está entre as grandes potências *conservadoras* e *afirmadoras* da vida... NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. SP: Cia das Letras, 1998 [§13, livro III], p. 110.

A temperança me parece um dos aspectos dessa noção geral de ideal ascético. A respeito dela, diz Carneiro: "[...] nem Santo Agostinho, nem Tomás de Aquino, nem Lutero, nem Calvino, nunca pregaram a abstinência total de álcool. Para adquirir a virtude da temperança ou moderação é preciso ser livre para poder sofrer a tentação do excesso e resistir-lhe. Na década de 1830, entretanto, surgiu nos Estados Unidos, um movimento religioso de algumas confissões protestantes que pregava a abstinência total de álcool e por isso defendia a proibição pelo Estado de todas as bebidas. Esse movimento criou um neologismo e adotou-o para se autodenonimar *teetootaler*. Essa palavra, dobrando a letra t inicial queria dizer que eram absoluta e totalmente contrários ao uso de bebidas alcoólicas. Também ficaram conhecidos como movimento pela temperança." (CARNEIRO. **Op. cit**., 2008, p. 74-5.

[150] CARNEIRO apud RODRIGUES. **Op. cit.**, 2002, p. 104.

[151] Auto criminal 229/65. (grifo meu)

Nesse processo, o lavrador "Sr. Hening" foi condenado a um ano de reclusão na PCE e obrigado a pagar uma multa de Cr$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) mais as taxas penitenciária de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros). Na sentença, que saiu no dia 22 de dezembro de 1965, consta que o acusado foi preso com uma pacote de Cr$ 5.000 e que, diz o texto do jurista se referindo a uma testemunha de acusação, "o depoente ouviu quando o denunciado declarou que de tal herva usufruía lucros que chegaria a triplicar o capital" [152].

No livro citado pelo jurista do caso, **Comentários ao Código Penal**, decreto-lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940, o então citado ministro do Supremo Tribunal Federal, Nelson Hungria, no terceiro capítulo, analisa os "crimes contra a saúde pública". É interessante visualizar em que espaço adentra o "cânhamo indiano" e as outras drogas:

> *Art. 267. Causar epidemias mediante a propagação de germes patogênicos.*
> *Art. 268. Infringir determinação do poder público, destinada a impedir introdução ou propagação de doença contagiosa.*
> *Art. 269. Deixar o médico de denunciar à autoridade pública doença cuja modificação é compulsória.*
> *Art. 281. Importar ou exportar, vender ou expor à venda, fornecer, ainda que a título gratuito, transportar, trazer consigo, ter em depósito, guardar, ministrar ou, de qualquer maneira, entregar a consumo de substância entorpecente, sem autorização ou em desacordo em determinação legal ou regulamentar.*
> *Art. 282. Exercer o curanderismo:*
> *I – prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância.*
> *II – Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio.*
> *III – Fazendo diagnósticos*[153].

Prescreve a lei acima punições ao consumo de substância entorpecente, ao curandeirismo, a omissão do médico em notificar doença e o ato de impedir as autoridades públicas de agir "na contenção da propagação de doença contagiosa". Digamos que aqui se registra em lei a ação do poder público sobre o corpo dos indivíduos da sociedade. Anula-se, do ponto de vista legal, qualquer possibilidade terapêutica que não esteja prescrita e ordenada pela ordem médica. Proíbe-se o uso "de gestos, palavras ou quaisquer outros meios" a fim de coibir a ação de curandeiros. Pergunto-me, como as palavras e gestos podem causar mal à

---

[152] Idem.
[153] HUNGRIA, Nelson. **Comentários ao código penal** (Decreto-lei n 2.848, de 7 de setembro de 1940). Vol. IX (Arts. 250-361). RJ: Revista Forense, 1958, p. 94.

saúde pública a ponto de confinar, de seis meses a dois anos, aqueles que a utilizam para fins de cura? Nelson Hungria fornece algumas pistas quando fala sobre os curandeiros:

> *Enquanto o* exercente ilegal da medicina *tem conhecimentos médicos, embora não esteja devidamente habilitado para praticar a arte de curar, e o* charlatão *pode ser o próprio médico que abastarda a sua profissão com falsas promessas de cura, o curandeiro (*carimbamba, mezinheiro, raizeiro*) é o ignorante chapado, sem elementares conhecimentos de medicina, que se arvora em debelador dos males corpóreos*[154].

"Raizeiro" é a alcunha que a Folha de Londrina de 06 de agosto de 1970 utilizou ao identificar publicamente o sujeito que, segundo Paulão Rock'n'Roll (ver página 48), "[…] derrubava um pano no chão e ficava vendendo ervas medicinais". Entre as ervas e as raízes medicinais, o caso do "Raizeiro" é um exemplo emblemático da atualização dos dispositivos legais analisados por Nelson Hungria. A atualização a que me refiro foi a Campanha Nacional ao Combate ao Tráfico de Drogas e a reforma da lei de tóxicos de 1967.

&

Fui à procura do texto de Heleno Cláudio Fragoso (**Lições de Direito Penal**. Vol. III nº 806) citado pelo juiz no terceiro processo criminal por tráfico em Londrina (1965). Se no exame farmacognóstico do processo de 1968 de Navalhada há menção ao poder da erva de induzir os usuários à subversão, no texto desse processo o jurista, ao proferir a sentença, faz menção à Fragoso dizendo que "os estupefacientes[155] são capazes de causar "graves crises e sérias perturbações somáticas e psíquicas, que levam o indivíduo à progressiva decomposição moral e miséria física"[156]. Não encontrei o volume III das **Lições de Direito Penal**, entretanto, encontrei o livro de Nelson Hungria citado no mesmo processo. Acredito que seu texto fornece alguns subsídios para entender esse argumento da "decomposição moral".

---

[154] Idem, p. 54.

[155] "Por entorpecentes se entendem certas substâncias que, ingeridas ou absorvidas, produzem ebriedade ou particular transtorno psíquico, caracterizado pela exaltação da fantasia ou da excitabilidade psico-sensorial, obscurecimento da consciência, deficiência das faculdades de juízo e de raciocínio, enfraquecimento dos poderes inibitórios, criando propensão ao hábito ou vício do próprio uso (pelo círculo vicioso que acarreta, dada a necessidade de iguais ou crescentes doses para conjurar a profunda depressão que se segue à euforia da anterior ebriedade). Idem, p. 133.

[156] Auto criminal 229/65. **Op. cit**.

> *Dizem que a condição de felicidade é o esquecimento: esquecimento dos graves erros que cometemos, dos obsedantes libelos da nossa consciência, das amarguras e desencantos que a vida nos dá, dos ultrajes, das cruezas, das atribulações, dos maus tratos que sofremos neste "vale de lágrimas". Os homens, porém, não podem esquecer senão parcialmente. E se é certo que, na sua maioria, dispõem daquela* força plástica*, de que falava Nietzsche, que lhe permite uma espécie de transação com o sofrimento, os outros, no entanto, não sabem separar as dores que lhes vincam a alma: ou desertam a arena pelo suicídio, acovardados, possuídos de invencível* taedium vitae*, ou continuam vivendo, mas procurando fugir de si próprios, bebendo o filtro do esquecimento artificial na taça enganadora dos vícios, tentando reconquistar um imaginário perdido, desvairados pelo vão desejo de, como dizia Schopenhauer, "fazer desacontecer o que já aconteceu" ("das geschehene ungeschehen machen zu konen"). Certos indivíduos há que, na sua poltroneira, tributários relapsos da dor, vão pedir a Circe que os reduza à condição de brutos e irracionais: são os toxicólatras. São os consumidores habituais dos chamados "venenos do cérebro". São os fumadores de ópio, os fungadores de cocaína, os consumidores de haxixe, os bebedores de éter [...]*[157].

Nesse fragmento de seu livro, Nelson Hungria traz três fontes para trabalhar no primeiro movimento de sua argumentação. Foram eles: Nietzsche, Schopenhauer e Circe, o mito grego. Com estas fontes o magistrado procura dizer para o leitor os motivos que levam um indivíduo à utilização de substâncias psicoativas, o que chamou de "veneno do cérebro".

Usam porque lhes falta *força plástica* para lidar com o sofrimento que a vida continuamente traz. Os "toxicólatras" usam tais substâncias por necessidade de esquecer, de esquecer-se de si. A memória, em seu argumento, atua com toda sua carga de ressentimento e impele o indivíduo, já incapaz de ter vida afirmativa, a buscar a fuga, a querer alterar seu estado psíquico de dor irremediável.

Hungria, citando Schopenhauer, afirma que é a memória que impele a consciência aos atos equivocados, as performances cotidianas imperfeitas, as decisões equivocadas, as amarguras que se voltam contra a própria pessoa que ressente. A vontade de "fazer desacontecer o que já aconteceu" lhe pega em meio a um processo psíquico nebuloso em que alguns se suicidam e outros entram num contínuo de tédio e melancolia ("invencível *taedium vitae")*. Mas muitos ainda procuram fugir de si "bebendo no filtro do esquecimento artificial, na taça enganadora dos vícios, tentando reconquistar um imaginário perdido, desvairado pelo desejo de "fazer desacontecer".

---

[157] HUNGRIA. **Op. cit**., p. 124-125.

O que essas fontes podem dizer quando lidas fora do argumento do jurista? Supondo um tribunal, estão as três fontes convocadas pelo magistrado, agora personagens-testemunhas. Do outro lado da sala, no banco dos réus: "a clientela sôfrega dos entorpecentes ou estupefacientes", "a gente da malavita ou do sombrio bas-fond (em que predomina o vício de fumar "maconha", chamada mesmo de o "entorpecente dos pobres"), "a gente de macumbas ou da boêmia do troisième dessous".

Assim, supondo esta situação alegórica, o primeiro personagem-testemunho foi o do filósofo Schopenhauer, que disse:

> *Conduz-nos a este profundo pensamento que viemos ao mundo viciados como os filhos de pais gastos pelos desregramentos, e que se a nossa existência é tal modo miserável, e tem por desenlace a morte, é porque temos continuamente essa culpa para expiar. De um modo geral não há nada mais certo: é a pesada culpa do mundo que causa os grandes e inúmeros sofrimentos a que somos votados; e entendemos esta relação no sentido metafísico e não no físico e empírico. Assim a história do pecado original reconcilia-me com o antigo testamento; é mesmo aos meus olhos a única verdade metafísica do livro, embora aí se apresente sob o véu da alegoria. Porque a nossa existência assemelha-se perfeitamente à consequência de uma falta e de um desejo culpado...*
> *Quereis ter sempre ao alcance da mão uma bússola segura a fim de vos orientar na vida e de a encarar incessantemente sob o seu verdadeiro prisma, habituai-vos a considerar este mundo como um lugar de penitência, como uma colônia penitenciária, como lhe chamaram já os mais antigos filósofos (Clem. Alex. Strom. L. III, c. 3, p. 399) e alguns padres da Igreja (Augustin. De civit. Dei, L. XI, 23)*[158].

Schopenhauer, após analisar o budismo, judaísmo, cristianismo e a filosofia, percebeu que os "erros morais tornam o mundo físico gradualmente pior, até ter se tornado a sua triste forma". A dissonância que Schopenhauer viu no mundo não acrescentou e não retirou nas possibilidades de absolvição dos réus frente aos argumentos do jurista. Entretanto, sua entrada em cena no primeiro movimento do texto talvez tenha corroborado para que o conceito de *força plástica* fosse movido para seu pessimismo.

O segundo personagem-testemunha convocado foi o filósofo Nietzsche, que chegou algemado ao tribunal em função de sua recusa em aceitar a intimação do juiz Hungria. Falou em voz alta para o incômodo das pessoas que lá estavam:

---

[158] SCHOPENHAUER, Artur. **Dores do mundo**. Trad. José de Souza de Oliveira, 3ºEd. SP: EDIGRAF, [s/d], p. 12.

> *— Schopenhauer prega o ascetismo e a negação da vida. Eu ensinarei a jubilosa afirmação da vida!*[159]

Nietzsche não permaneceu por muito tempo no tribunal, pois não respondeu a qualquer pergunta que se fez a ele. Após gritar a frase, calou-se. Depois de várias tentativas de fuga, foi retirado da sala por ordem do ministro. Sua frase, no entanto, sugere que ele esteja falando do Amor Fati: "Quero cada vez mais aprender a ver como belo o que é necessário nas coisas. Amor Fati: seja este, doravante, o meu amor!"[160] Ao dizer sim às trágicas formas que a vida assume, ao sair do campo de quadros ideais para afirmar a vida em sua força de aparência, ilusão, de transfiguração, traz a arte em primeiro plano, talvez por acreditar que ela esteja menos comprometida com a vontade de verdade, supostamente uma vontade moral. Em todo caso, convém consultar o que diz o texto em que conceito de *força plástica* é explicitado:

> *[...] esta força que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstruir por si próprio as formas destruídas. Há pessoas de tal maneira desprovida desta força, que um único acontecimento, um único sofrimento, frequentemente mesmo uma única leve injustiça é suficiente, tal como uma ferida aberta, para esvaziá-las irremediavelmente de todo o seu sangue; há, por outro lado, pessoas a quem as mais terríveis e as mais horríveis catástrofes e mesmo os atos da sua própria maldade afetam tão pouco, que elas reencontram, imediatamente ou logo em seguida a estes atos, um certo bem-estar e uma espécie de boa-consciência. Quanto mais a natureza profunda de um indivíduo possua raízes vigorosas, maior será a parte do passado que ele poderá assimilar ou acolher; e a natureza mais poderosa e mais formidável de um indivíduo se reconheceria naquele que tivesse abolido o limite para além da qual o sentido histórico se torna usurpador e nocivo [...]*[161].

---

[159] GANE, Laurence. **Apresentando Nietzsche**. Tradução de José Gradel. RJ: Relume Dumará, 2006, p. 9. A respeito da diferença entre o pensamento de Schopenhauer e Nietzsche ver também: "[…] É interessante perceber que os dois tipos de anseios podem revelar-se ambíguos. No pessimismo dionisíaco pode se revelar tanto "o anseio de destruição, mudança, devir", que destrói para gerar novos valores; quanto "o ódio do malogrado, que destrói porque toda a existência , todo o ser o irrita (In: **Gaia Ciência** – § 370, p. 243). O pessimismo dos românticos também se mostra ambíguo: "A vontade de eternizar ou pode vir da gratidão e do amor", para cujo exemplo Nietzsche cita Goethe, mas pode ser "a tirânica vontade de um grave sofredor que gostaria de dar ao que tem de mais pessoal, à autêntica idiossincrasia de seu sofrer, a imagem da sua tortura", que para Nietzsche é o caso de Schopenhauer." LOPES, Camila Pessoa. **O espírito livre em Nietzsche**. Dissertação de mestrado, Fortaleza: UFC, 2007, p. 30.

[160] NIETZSCHE, F. **Gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. SP: Cia das Letras, 2001, [§276], p. 187-8.

[161] NIETZSCHE, F. *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*. In: **Escritos sobre história**. SP: Loyola, p. 74-5.

No entendimento de Hungria os réus – "a clientela sôfrega dos entorpecentes ou estupefacientes", "a gente da malavita ou do sombrio bas-fond (em que predomina o vício de fumar "maconha", chamada mesmo o "entorpecente dos pobres)", a "gente de macumbas ou da boêmia do troisième dessous" – por possuírem pouca *força plástica* caem nas trevas do ressentimento ao usarem as citadas drogas: "[…] não sabem separar as dores que lhes vincam a alma: ou desertam a arena pelo suicídio, acovardados, possuídos de invencível *taedium vitae*, ou continuam vivendo, mas procurando fugir de si próprios, bebendo o filtro do esquecimento artificial na taça enganadora dos vícios [...]"[162]. Em sua perspectiva, os usuários de haxixe consomem a erva para fugir da má consciência, das dores do mundo que lhe causam espasmos. Seu argumento é refinado, no entanto, o recorte do conceito *força plástica*, bem como sua colagem em seu texto, me parecem inadequados. O texto de Nietzsche em **II Consideração Intempestiva** trata sobre o excesso de história em termos de cultura, excesso de cultura histórica, e não uma condição psicológica individual onde alguns possuem mais ou menos *força plástica*.

Outra personagem-testemunha foi Circe, a razão de sua presença está no texto de Hungria:

> *[...] Certos indivíduos há que, na sua poltroneira, tributários relapsos da dor, vão pedir a Circe que os reduza à condição de brutos e irracionais: são os toxicólatras. São os consumidores habituais dos chamados "venenos do cérebro". São os fumadores de ópio, os fungadores de cocaína, os consumidores de haxixe, os bebedores de éter […]*[163].

Lendo o trecho citado pelo jurista notamos que Circe é, além de testemunha, uma possível ré. Ela possui a substância capaz de reduzir "os tributários relapsos da dor" "à condição de brutos e irracionais". Em outras palavras, é acusada de transformar em irracionais aqueles que, displicentes com as dores do mundo, vão pedir-lhe algum alívio. Supostamente o ministro ouviu as histórias da Odisséia homérica, pois os "brutos e irracionais" a que se refere podem ser os vinte e dois argonautas, companheiros de Ulisses que se tornaram semelhantes aos porcos.

O mito de Circe é uma personagem-testemunha no tribunal Hungria talvez por sua intenção em associar uma história de viagem ao problema dos toxicólatras, entretanto, ele deixou de notar que os animais em que Circe transformou os companheiros de Ulisses não

[162] HUNGRIA. **Op. cit**., p. 124-125.
[163] HUNGRIA. **Op. cit**., p. 124-125.

perderam o *Nóos*. Ou seja, não perderam o entendimento do mundo e do que estava acontecendo com eles. A condição a que se refere Hungria, "brutos e irracionais", talvez fosse ainda melhor. Pois se os homens transformados em porcos por Circe tivessem perdido o entendimento não sofreriam a inadequação do espírito ao corpo:

> *[...] Em síntese, para o homem homérico o thymós não é sentido como uma parte do "self": trata-se de uma espécie de voz interna independente. Já o vocábulo* Nóos *é mais preciso: designa o espírito, o entendimento. Quando Circe transformou em animais semelhantes a porcos os companheiros de Ulisses, eles, não obstante, conservaram o seu Nóos: "Eles verdadeiramente tinham as cabeças, a voz, corpo e pêlos de porcos, mas conservavam como antes o "espírito" (Nóos) perfeito. (Odis, X, 239-240)*[164].

Na história grega Circe não prejudica o herói Ulisses, pelo contrário, ela o ajuda a retornar à Ítaca. Primeiro, aconselhando o herói a ir às bordas do Hades para consultar a alma do adivinho Tirésias a respeito de seu retorno à Ítaca, depois, o advertiu para os perigos que iria encontrar em seu trajeto.

> *[...] Ulisses não desceu à outra vida. Abriu um fosso e fez em torno do mesmo três libações a todos os mortos com mel, vinho e água, espalhando por cima farinha de cevada. Após evocar as almas dos mortos, degolou em cima do fosso duas vítimas pretas: um carneiro e uma ovelha, dádivas de Circe. "O negro sangue correu e logo as almas dos mortos, subindo do Hades, se ajuntaram". Pode assim Ulisses conversar com sua mãe, Anticleia, com Tirésias, Aquiles e com vários outros heróis e heroínas. [...] Ulisses retorna à ilha de Circe e, advertido por ela dos perigos que o ameaçam em seu trajeto, parte para novas aventuras. Vencida a "tentação" das Sereias, passa por Cila e Caribdes e atinge a ilha do deus Hélio Hiperíon [...]*[165].

Hungria em seu texto constrói categorias sociológicas genéricas para encontrar aqueles que "se arruínam", que sofrem os efeitos da "decomposição moral" a ponto de perderem a vitalidade. Obviamente, dentro desses ambientes virtuais citados pelo autor deveria haver casos, talvez a maioria, em que o efeito buscado não tinha este sentido de fuga. Os efeitos que os entrevistados que compravam drogas de Navalhada buscavam, por exemplo, Paulão Rock'n'Roll e o músico Tófano, eram outros, de forma geral estavam mais próximos de uma ideia de potencialização da percepção. O próprio Hungria deixou entrever, depois de

---

[164] BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol.1. RJ: Vozes, 1991, p. 144.
[165] Idem, p. 130.

muitos outros argumentos superdimensionados, casos de subjetividades que não se encaixariam em seu modelo (depois de citar Baudelaire, Elliot e Thomas de Quincey):

> *[...] A realidade, averiguada pela ciência, é muito outra. Os entorpecentes não criam sonhos: apenas revolvem a memória ou o subconsciente, para despertarem o que lá existia [...] os indivíduos tem o paraíso que podem ter, mas tem também o inferno que carregam consigo [...] Os homens de espírito poderão ter, talvez, num desdobramento de si próprios, sonhos ricos de fantasia; mas os medíocres jamais poderão aliviar-se do chumbo que os prende a própria vulgaridade*[166].

Com essa tímida consideração, o ministro Hungria mostra que o problema não é a droga, mas certa psicologia do usuário que a usa. Assim são punidos tanto os usuários que "adormecem a vontade e o senso moral" como aqueles que "obtêm sonhos ricos de fantasia".

&

Em depoimento, a jornalista Nicéia Lopes contou sobre suas lembranças. Ela trabalhou durante mais de vinte anos realizando a cobertura policial em rádios e jornais, por essa razão, muitas vezes foi conversar com Navalhada para levantar informações. No tempo de suas lembranças, Navalhada estava cumprindo as penas que acumulara entre 1968 e 1970. Ou seja, Nicéia acompanhou os movimentos de Navalhada no Cadeião quando aquela prisão, hoje extinto, já lhe era comum. Talvez por isso ela tenha ouvido, por vezes, o carcereiro Dias dizer: "Ari Navalhada, esse é velho de guerra!" Mas, quem foi Navalhada para Nicéia?

— Um tipo de um preso boa praça, ele tinha muita cumplicidade com os policiais que o prendiam. Ele tinha um carisma que garantia privilégios no Cadeião. Na cozinha ele...; eu ficava pensando, porque eles com aquelas facas enormes... Naquela época, o Estado não mandava nada, eram 12 cruzeiros, muito pouco, uma quantia mínima para tratar mais de 100 presos. Então, o que eles faziam, ele e o seu Dias iam para os sítios para arrecadar doações, o Ceasa doava caminhões de repolho, de tudo que eles não comercializavam. Ceasa, mercadão do Jardim Ideal, ele ligava, o carcereiro ia lá com ele e

[166] Idem, p. 132.

traziam as coisas. Ele ficava lá na cozinha, porque não tinha cozinheiro naquela época, os presos faziam uma escala dos que trabalhavam na cozinha.

Quando o "Sr. T" subiu com a pá para destruir o prédio do Cadeião pegou bem a parte da cozinha dos presos, aí às vezes eu ficava imaginando: "o cara com faca e tudo". Quer dizer, para você ver a confiança que o cara tinha na época. Ele saia para buscar as coisas, cigarros, comida. Às vezes o carcereiro liberava mesmo, ele nem saía acompanhado, saia sozinho. Lá dentro era muito respeitado. O preso boa praça, que mantinha um bom relacionamento tanto com os presos como com os policiais. Ele conseguia, com o carisma dele, atrair um relacionamento até com os policiais que o prendiam.

— Que altura da sua carreira ocorreu isso?

— Eu estava começando, com uns 26 anos... Trabalhei 24 anos, fui demitida da rádio Brasil Sul faz quatro anos.

Mas então, o IML era parte da cadeia, não tinha naquela época boletim de ocorrência, nada, não tinha nada. O que tinha para ser feito? Por exemplo, se encontrava alguém morto a gente ia ao IML que ficava ao lado, de frente para a cadeia. Você viu aquela escadinha que sobe, era ali na frente. Era o que a gente fazia para pegar dados para a matéria, a gente ia lá. Por isso a gente encontrava os presos. Eles ficavam fechados, é claro, mas o Navalhada ficava do lado de fora, sempre. Eu encontrava direto com ele ali, naquele pátio.

Questionei a jornalista sobre a relação de Navalhada com os demais presos.

— Respeitado. Ele tinha acesso a toda a cadeia, todo o local, tinha até livre acesso às celas que eram conhecidas como Malvinas, que eram onde ficavam os presos mais perigosos. Ele sempre teve acesso a todos os presos do Cadeião. Se um ia tomar banho de sol, não podia ir fulano, mas ele ficava, porque ele ficava também na rua, era preso de confiança.

Ele era a ligação dos presos com o lado de fora e pegava as cartas dos parentes dos presos. As cartas eram entregues sempre na parte da tarde, antes das seis horas. Muitas cartas e muitos bilhetinhos, e ele pegava aquele pacote cheio de cartas e bilhetes, porque todos os parentes mandavam, principalmente, as mulheres. Elas deixavam bilhetinhos escritos com declarações de amor; desenhos era o que mais tinha. O Ari pegava e entregava preso por preso. Aos sábados e domingos era dia da visita, a família fazia uma fila. Mas, às vezes, o preso não podia receber mais de três visitas, então, era ele que pegava o bolo, coisas assim, e passava para o preso. Naquela época era muito comum que todos os sábados eles recebessem comida: bolo, arroz, frango assado.

— Você chegou a ver alguém visitando ele?

— Algumas vezes eu vi. Mas não dava para ver muito porque tinha visita íntima, aí era feito dentro das próprias celas dos presos.

O "Sr. R" também contribuiu para preencher os contornos da figura do Navalhada no espaço da cadeia:

— Nessa época de 69 eu não sei, mas na época de 83 tinha uns policiais ali que eram mais chegados dele, só que se viam ele na rua, assim... – com as mãos gesticulando. Porque às vezes o cara ia fazer um churrasco, ele bancava, fazer uma festa, ele bancava. Então, era assim naquela época, naquela época era mais 'light' um pouco... Hoje não tem mais isso, o cara hoje para fazer um churrasco... – riso com as mãos abertas – mas tem uns caras que ainda fazem isso...

Com o Ari fui, depois, para a PCE e conheci o Toninho Nóbrega, o Kojak, todos contrabandistas. Eu tive sorte de colar nesses caras, porque eram os cabeças, eram os caras certos. Você tem que andar com os caras certos para você se dar bem se não... Foi onde eu sai para rua, fui trabalhar em São Paulo e não deu certo, vim aqui para Londrina, e não deu certo de trabalhar também aqui, aí parti para essa vida do crime, mas eu não sou do crime. Eu tenho esses processos aí, estou aqui para pagar um resto de pena que ficou para trás, estou pagando essas penas de 68 que estão aí, 70, eu estou preso faz oito anos, mas agora eu não sei...; estou para ir embora, a justiça é lenta e o Estado não dá prescrição de pena. Vamos ver, esse ano acho que vou embora, estou com 62 anos.

— Mas quem era Navalhada dentro da cadeia?

— Um cara bom, não era um cara ruim. Mas nessa época, 67 e 68, depois dele, que foi um cara forte, eu não conheci outro que comparecesse com ele. Ele era o Navalhada, se alguém falava dele... Na cadeia, muitas vezes saia alguma briga, mas ele chegava e resolvia na hora, apartava, ele não era um cara de incentivar as pessoas a brigar, naquela época, o cozinheiro, o Zoroastro, cozinheiro lá da 10ª; quantas vezes eu vi ele dar presente na rua para o Zoroastro. Roupa..., porque o cara não tinha ninguém da família aqui em Londrina. Muitas vezes eu vi. Se ele fosse um cara mal eu jamais iria procurar por ele, porque eu não sou cara assim, fora-da-lei, se for para agir com maldade para qualquer pessoa eu estou fora, isso não leva a nada, fui preso muitas vezes, mas nunca com arma.

— Ele era uma pessoa agressiva?

— O Ari era um cara de paz. Mas também o cara, quando mexe com esse tipo de coisa, não pode ser muito bacana, porque isso é "um trem sério". Ele que comandava aqui, então, tinha que colocar respeito, acontecia certas coisas além disso aí – disse olhando

para a fotografia de Navalhada chutando ou tentando chutar a câmera do repórter e um ponto qualquer da sala – Agora dele ser um cara maldoso, isso eu nunca ouvi falar nada, de mandar matar porque estava devendo 100 reais, isso eu nunca ouvi falar.

Eu vi ele ajudar muita gente, muitas e muitas pessoas que entravam ali na 10ª DP. Às vezes elas não tinham dinheiro para pagar um advogado, então ele chegava e falava: "pode trabalhar que eu acerto aí". Lá dentro da cadeia, na rua também, no bairro que ele morava tinha muita favela. Ele ajudava, pois "o cara" sabia da situação e tinha também o intuito de ajudar. Ele veio de família pobre, veio para cá e começou a mexer com tráfico, levantou e ficou por cima.

O filho de Navalhada, Ari Soares, foi um testemunho importante por diversos aspectos, aqui destaco as lembranças produzidas a partir de sua experiência de visitas ao Cadeião.

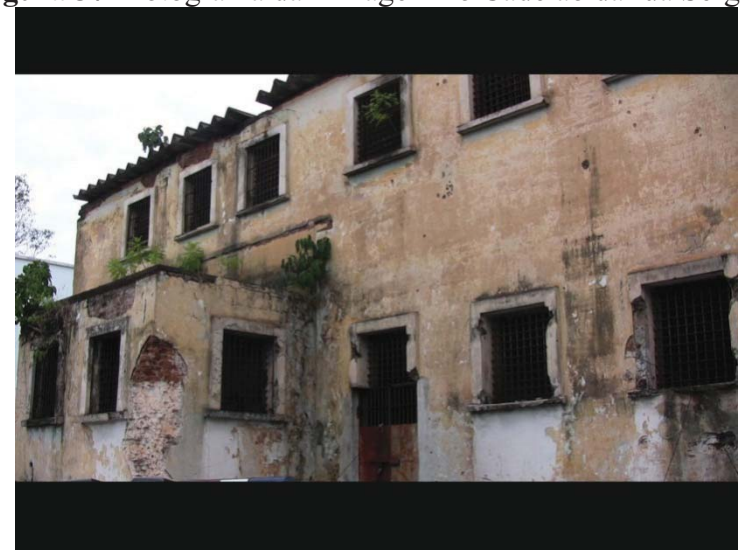
— Se queriam alguém para ser preso, iam atrás dele. Mas todo mundo gostava dele, até os policiais da época tratavam ele bem. Ele não era aqueles presos burros que encaram a polícia para apanhar. Tanto que na época, na cela dele, tinha televisão, geladeira, a cama dele, tinha fogão para ele cozinhar, tinha tudo, ventilador... Na época, podia entrar com todas essas coisas, hoje não pode nem mais fumar dentro do presídio. Ele tratava bem desde o preso que estava lá dentro ao policial. Ele nunca se envolveu em briga com preso para não ter o problema de morrer na cadeia. Ajudou muitos presos. Ajudou muitos policiais...

&

No dia 04 de abril de 2011 fomos ao Cadeião filmá-lo. Logo no saguão da entrada, na Rua Sergipe, conhecemos o "investigador P"[167], que veio nos atender. Contei para ele sobre nossa intenção de filmar e ele logo topou acompanhar-nos pelas ruínas. Ele estava com pouco tempo e por isso nos conduziu brevemente pelo espaço que será, segundo os noticiários, um 'espaço cultural'.

[167] Entrevista realizada em 04/04/2011 nas ruínas do Cadeião da Rua Sergipe em Londrina. Participou dessa entrevista Levy Henrique Bittencourt Neto (operando câmera e entrevistando).

Figura 37 - fotograma da filmagem no Cadeião da rua Sergipe



— Aqui era o pátio de sol, é aqui que aconteciam brigas.

Figura 38

— Aqui era uma galeria, isso daqui era tudo da mesma construção, era tudo o mesmo bloco, foi modificado, esse prédio foi reformado. Isso tudo é da mesma época. Essa parte aqui era só o Cadeião, aí, graças a Deus, acabou!

— Que tal? Ficar em seis colocando colchão aqui no chão. De um lado é o banheiro, do outro lado é uma pia, que tal viver assim? Um ano, dois, cinco, dez... Eu conheço um cara que puxou vinte e um anos seguidos, hoje ele está na rua. Ele ficou vinte e um anos seguidos preso!

Figura 39

— E do Ari Navalhada, você já ouviu falar alguma coisa?

— *Esse Ari Navalhada quando eu entrei aqui, passei da PM para a civil, ele era um preso de confiança que trabalhava na cozinha. Ele já tinha puxado tanta cadeia, tanta cadeia, que na época ele já era um preso de confiança. Eu conheci o Ari Navalhada trabalhando na cozinha, ele ia tomar café ali comigo, ali naquele bar na frente. Eu tinha um convívio com ele, também depois de "quinhentos anos"...*

Eu conheci o Ari Navalhada pessoalmente, convivi com ele. Ele era um cara muito sossegado com a gente, tinha maior respeito. Eu entrei novo e ele já me chamava de "Seu P", nunca criou um atrito comigo, um cara inteligente, mas era um bandido perigoso, mas conosco... Naquele tempo, o vagabundo não peitava a polícia.

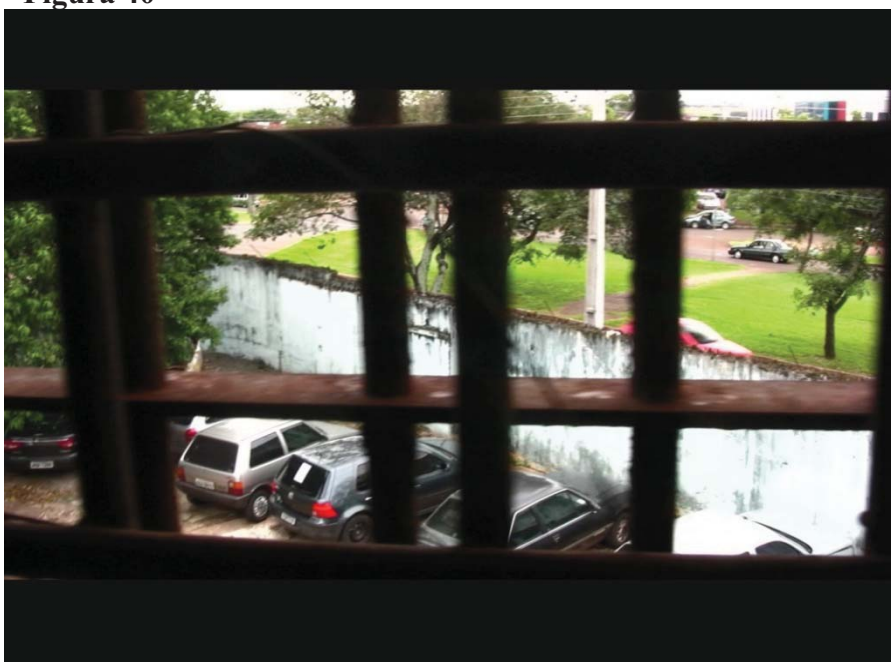
— Todo mundo fala de bandidos famosos, teria um policial famoso também?

— O Boca Rica. Deve ter nos arquivos, um tira que morreu matado no Estilingue...

— Estilingue?

— Estilingue era uma boate, Boca Rica era um tira muito folgado, chegou lá, mexeu com uma puta, os donos não gostaram muito, aí já tinha uns caras que não gostavam dele...

Figura 40



A respeito dos nomes que os presos davam às partes específicas da cadeia, Paulão Rock'n' Roll acrescentou:

— Lá na cadeia ele continuou tendo um cargo excepcional. Era o cara que ficava na porta lá na 10ª. Hoje já não tem mais esse papo nos distritos, são policiais mesmo que cuidam disso. Mas lá 10ª tinha um cara que ficava lá, tinha o Jorginho, que era um médico, que ficou um bom tempo lá, principalmente receitando remédios para os prisioneiros. Na 10ª era o seguinte: tinha o currol, lugar aonde iam os candidatos que para conversar com o juiz; o ingué, onde o pessoal que já tinha sido julgado ia para a "universidade de leão, lá em Curitiba". Nós não tínhamos penitenciária aqui em Londrina. Às vezes quem pagava mais passava parte da sua sentença aqui em Londrina, aqui no ingué da 10ª. O cara pegava cinco, seis anos, passava dois anos aqui em Londrina, depois não conseguia sustentar, porque era caríssimo, aí então descia para a penitenciária. E o currol era esse pessoal que ficava à revelia do juiz. Eles ficavam esperando para ser chamados, ser julgados pelo juiz, para ver se tinha sentença ou não. Mas geralmente era mais coisa pequena, assassinatos eram poucos, era um bom tempo e teve bons delegados na época para evitar assassinatos.

&

Figura 41 - Folha de Londrina, 13/08/1970

Em altos brados, agitado, Ary tentou acertar o fotógrafo da Folha [...]. Ary Navalhada, o chamado "rei da maconha", está novamente na cadeia, autuado ontem em flagrante por tráfico e uso de entorpecentes. E, desta vez, as provas que o incriminam são tão fortes que poderão deixá-lo atrás das grades, por muito tempo, a menos que ele obtenha – a exemplo do que já fez antes, licenças especiais dos carcereiros para "ir ver como andam os negócios".

NEGA TUDO: "Em seu depoimento, porém, Ary Navalhada, cujo nome verdadeiro é Orides José de Lima, nega todas as acusações que lhe são imputadas pelos policiais, dizendo nada ter a ver com os produtos apreendidos, apesar de eles estarem escondidos em sua casa. A mala com maconha, por exemplo, estava debaixo de umas tábuas que servem de assoalho para a casinha do cachorro, instalada no quintal."

No momento da prisão, o "rei" estava bastante nervoso, contrariando o aspecto pacato que habitualmente apresenta.

VEM A CALMA: No fim da tarde, recolhido a uma sala da delegacia e palestrando animadamente com os policiais. “Navalhada” estava calmo e limitava-se a negar peremptoriamente ser traficante ou algum dia ter trabalhado ou vendido maconha. Desta feita, o delegado Natel Gomes de Oliveira instruiu os agentes para procederem rigorosamente dentro das prescrições da lei, para evitar, como já aconteceu por duas vezes, que o “rei” venha a ser libertado por falhas nos autos. Pouco tempo após a detenção de Ary Navalhada, chegava à residência do “rei”, à rua Santa Helena, 16, próximo ao Estádio “Vitorino Dias”, o indivíduo Olímpio Ferreira Chaves, apontado como o fornecedor habitual de “Ary”, sem suspeitar de nada, ele chegou à casa e foi logo preso.

SUCESSO: Diversas vezes e sempre, por uma ou outra razão, acabava solto. Da última oportunidade, os policiais que efetuaram a prisão acabaram se esquecendo de certos pormenores quando interrogados pelo juiz, o que acabou por determinar a soltura do “rei”. Além disso, na última vez que esteve preso ele foi protagonista de uma episódio que serviu para demonstrar o relaxamente de seus carcereiros; obteve autorização para sair da cadeia a fim de ver “alguns negócios” e acabou retornando vários dias depois. Desta vez, há muitas provas contra ele e o delegado Natel Gomes de Oliveira acredita que será muito difícil sua liberdade em tempo curto [...]. Um agente dizia no corredor, no fim da tarde: se desta vez ele conseguir escapar, podemos desistir de prendê-lo depois.

DENÚNCIA: Ary Navalhada é apontado há muito tempo como o “rei da maconha” em Londrina e na região, mas sempre negou, a exemplo do que fez ontem também, ter algum dia vendido a erva. Há dias, agentes policiais seguiram uma menor que esteve na casa de Ary e a detiveram, apreendendo pequena porção de maconha. Ontem, por volta das 10 horas, sem suspeitar que estivesse sendo vigiado, Ary passou pela delegacia, conversou com alguns policiais e pelo que declarou no depoimento, convidou então os investigadores Dedler e João Maria da Cruz para almoçarem em sua residência, ali perto.

Quando chegaram, foi logo detido, passando os dois a examinar a casa, terminado por encontrar a erva e os estupefacientes. Na ocasião, estavam na casa a mulher de Navalhada com seus dois filhos pequenos e mais uma empregada. Em seu depoimento, o “rei” diz ainda que os materiais não são de sua propriedade, “pois nunca comerciei com entorpecente”[168].

Sobre essa notícia, falou o “Sr. R”:

---

[168] Transcrição da Folha de Londrina, 13/08/1970.

— Aqui o seguinte, naquela época, tinha muito acerto e, é claro, que ele não queria que fotografassem nada. Isso acontece com quase todos os traficantes. Quando o cara tem uma oportunidade de fazer essas coisas aí – apontando para a foto – eles fazem isso mesmo. Hoje em dia mais ainda, porque hoje "os caras"[169] não podem relar a mão – disse o "Sr. R" em entrevista no CDR. Se Navalhada não queria que o fotografassem, podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que ele não foi capaz de evitar isso. Foi mais rápido o fotógrafo, que conseguiu colocar-se em posição adequada ao enquadramento.

Comparando a reportagem com os trabalhos de foto-jornalismo publicados em edições anteriores do jornal, esse foi um trabalho diferenciado. Há certo apelo à potencialidade cinematográfica da fotografia, como se o fotógrafo estivesse à serviço da documentação de todos os instantes do ato. Há claramente a intenção de causar impacto no leitor, as fotos são atraentes, até mesmo aquele leitor que não estava interessado pelas manchetes policiais, ao folhear o jornal, fatalmente seria captado pela sequência de fotos distribuídas verticalmente ao longo da página. Um exercício de visualização interessante foi alinhá-las como fotogramas de película de cinema:

Figura 42

(1) (2) (3)

(4) (5) (6)

Essa foi uma prisão importante para a polícia. Note que na fotografia dois (2) o policial de óculos escuro olha em direção à câmera, sua posição não sugere movimento,

[169] A expressão significa polícia.

parece estar firme em sua posição, missão cumprida: preso o maior traficante de maconha da cidade e região.

Na fotografia (3), Navalhada é contido, tenta se soltar dos policias que o seguram tentando mantê-lo em posição adequada para o enquadramento da foto. Num esforço em qualificar a agressividade do palco, podemos focar em duas forças que se intensificaram naquele momento, uma é a disposição espacial do fotógrafo, a outra é a reação de Navalhada, o chute que desfocou o enquadramento. Esse chute não foi disparado sem que houvesse quatro policiais para segurá-lo – as forças auxiliares; há ainda um quinto elemento, que somente observa, sem que isso nos permita dizer se ele é ou não outro policial.

> *Ontem, por volta das 10 horas, sem suspeitar que estava sendo vigiado, Ari passou pela delegacia, conversou com alguns policiais e, pelo que declarou no depoimento, convidou então os investigadores Dedler e João Maria da Cruz, para almoçarem em sua residência, ali perto. Quando chegaram, foi logo detido, passando os dois a examinar a casa, terminando por encontrar a erva e os estupefacientes*[170].

&

Figura 43 - Folha de Londrina, 1º de julho de 1970

[170] Folha de Londrina, 13/08/1970.

Em relação à imagem acima, narrou Sr. Maschio:

— Aqui nós temos essa imagem do Ari Navalhada publicada no jornal. O texto afirma que o juiz não teve alternativa para condenar porque os policiais que haviam aprendido a maconha, curiosamente, não se lembravam de mais nada, quer dizer, o que ocorreu foi o seguinte: ele, Ari Navalhada, estava arregado com a polícia. Ele vendia droga abertamente, arregado com a polícia. Por isso que nesse caso aqui, com essa foto estampada no jornal, os tiras afirmaram em juízo que não se lembravam de mais nada. Por quê? Por que estava arregado com a polícia.

Agora quanto às drogas, você estava falando há pouco sobre essa citação que eu fiz no livro ***Histórias Ocultas****. No período de 1950, por aí, 50, 60, começaram as vendas de ações de várias companhias aqui no Norte do Paraná, ações vendidas pelo processo de sociedades anônimas. Então surgiram a Montari, a Cervejaria Londrina, depois a Companhia Cacique de Café Solúvel e a TV Coroados, que foi implantada aqui pelo Assis Chateaubriand, o embaixador. Venderam ações, milhões de ações, apenas fazendo propaganda. Vieram levas de corretores de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Esses corretores que se instalavam geralmente no São Jorge Hotel, no centro da cidade, faziam bacanais à noite nas boates, nos bordéis aqui de Londrina, e ganhavam muito dinheiro. Eles consumiam drogas, consumiam em larga escala. Davam-se até ao luxo de mandar um teco-teco ir à Cochabamba buscar drogas, maconha e cocaína. Era comum naquela época, e a polícia não fazia nada, tolerava, fazia vista grossa, como é até hoje, porque você sabe que o tráfico de drogas continua aqui em Londrina, Naviraí, na fronteira, continua abertamente, uma vez ou outra eles apanham um carregamento de droga para dizer que a polícia está agindo, enganar a opinião pública. Em termos gerais, é isso aí.*

— Essa informação sobre um avião ir buscar cocaína em Cochabamba era de conhecimento geral?

— Sabia, era de domínio público, porque notícia corre. Mas eles eram, vamos por assim dizer, de uma classe econômica com mais poder aquisitivo.

Sim, porque esses corretores ganharam muito dinheiro aqui naquela época com a venda de ações, corria dinheiro, tanto assim. Como citei no livro: pela manhã, ao passar na Av. Paraná, naquele trecho entre a Rio de Janeiro e a São Paulo, havia uma fila indiana de jipes, naquela época usava-se muito os jipes. Tudo enfileirado. Mais ou menos ao amanhecer, eles partiam para os espigões da zona rural à cata dos incautos para vender as ações – "enfiar goela abaixo" era o termo que usavam. E vendiam, vendiam porque a diretoria dessas companhias era formada por figurões do alto grupo econômico daqui e

político. E o sujeito vendia explorando pai e filho, dizendo que estava trazendo uma grande luz para Londrina, que o sujeito tinha que cooperar. O caso da TV Coroados, por exemplo, que vendeu milhões em ações e nunca pagou os dividendos para ninguém, sabia disso?

— Não.

— Mudaram várias vezes a diretoria, mas o sujeito sentia-se compelido a comprar para ajudar, porque era um modo de ajudar a cidade a se expandir. Havia, naquela época, os costumes. O povo era mais participativo, entendeu como é que é?

— Sim.

— O que não ocorre hoje...

— Havia um projeto de cidade?

— É, a cidade estava em franco crescimento e o sujeito cooperava, queria participar de um empreendimento novo. Quando surgiu esses caras, tinham dezenas de empresas menores que usaram esse processo de sociedade anônima para vender as ações e se instalar. Muita sujeira aqui em Londrina, muitas empresas pequenas, muitas desapareceram e outras estão por aí.

— O Ari Navalhada era ligado a uma parcela da população de menor poder aquisitivo?

— Justo, justamente. Gente com menor poder aquisitivo, era para essa gente que ele vendia com a plena tolerância da polícia. E a polícia, aquela história, sabe quem vende, quem compra, eles tem uma imagem visual da situação. Como o caso da entrada de droga, isso já em Foz do Iguaçu, esses lugares. Quando a droga entra no Brasil tem que passar pela fiscalização, então, já vem acertado de lá para cá, essa é a verdade. Aquilo que não é acertado corre o risco de ser apreendido, essa é a grande verdade. E eles perseguem geralmente os pequenos traficantes, esses caras que compram computador e essas fuleiragens, esses que caem. E os grandes traficantes eles tem a proteção da polícia, essa é a verdade. E aquilo que entra na área e não está arregado, comprometido, que não está dentro do esquema, esse corre o risco de ser preso e ter o carro apreendido, a mercadoria apreendida, é o que ocorre. Então, você chega em Foz do Iguaçu, tem milhares de carros, de gente que não era da área, que se intrometeu no ramo indevidamente. O grande traficante manda a polícia atrás do concorrente que entrou indevidamente na área. Isso ocorre em Londrina, São Paulo e Rio de Janeiro.

&

"Sr. R" fala sobre Navalhada:

— *Ele tinha uma casa de prostituição, que eu lembro mais é dessa Safári, mas ele tinha várias casas de zona. O Navalhada era um frequentador nato de zona, desde solteiro. Inclusive o corte que ele tinha, foi na zona. Ele tinha um corte descendo, pegando o rosto e descendo o pescoço. Naquela época, tinha muito isso das putas e dos "viados" usarem navalha, as pessoas resolviam as coisas na navalha. As putas não, mas os viados usavam as navalhas por dentro na roupa, com elástico, então, eles soltavam a navalha mesmo, soltava a navalha aberta, jogava assim na briga. Quantas vezes eu vi cara chegando na 10ª com o rosto todo cortado, "o que aconteceu?", "um viado me cortou na rua".*

— A primeira vez que o Navalhada foi preso foi em 1969?

— *Ele foi preso algumas vezes antes, mas não ficou. Em 1969 foi a época que ele ficou preso lá comigo na 10º DP. Nessa época eu estava lá com ele, nós morávamos juntos, 69, 70.*

— Dizem que ele era um cara elegante?

— Gente fina. Um cara refinado, eu nunca vi portar uma arma. Só tomava uísque, andava bem arrumado. O único defeito que ele tinha era aquele corte. Ele tinha um DKV, uma Rural Willians e um jipe de 48...

— De onde veio aquele corte?

— Foi quando ele era mais novo. Acho que isso deve ter sido briga de zona. Foi em 65 ou 66. Foi quando ele começou a mexer com maconha, por que ele mexia mesmo é com zona.

— Mas ele chegou a ser gigolô?

— Não, ele era um freguês nato, depois ele montou uma boate, a Safári. O Toninho Nóbrega, que também estava junto com ele, mexia com contrabando, mas não mexia com maconha.

Se todos os traficantes fossem como ele, porque ele era um cara bom, sabe, morei com ele. Ele nasceu nessa cidade do interior, foi para Bauru e depois veio para Londrina.

— Ele era letrado?

— Ele não era, até pedia para eu fazer umas contas. Eu tinha 19 anos em 1969, ele tinha uns 26 ou 27 anos, por aí. Eu conheci o filho dele, mas ele era muito novinho. A esposa dele ia levar, na visita eles ficavam juntos, mas era molequinho. Orides José de Lima, o pessoal chamava só como Ari. Às vezes, as pessoas chegavam ali na entrada da 10ª DP e perguntavam: cadê o Ari? A casa dele era no começo da Santa Terezinha. Ele tinha um

monte de passarinhos e cachorros, gostava muito de cachorros, até falava "estou aqui preso e meus cachorros vão passar fome"..., mas tinha a mulher dele, a "Sra. Z".

— O que você acha da história dele?

— Ele foi um cara batalhador, esse negócio da droga, foi isso que atrapalhou ele, se ele tivesse seguido outro caminho..., porque ele era um cara inteligente. Ele não tinha leitura, mas era um cara inteligente para o negócio. Se ele continuasse no negócio de boate... Foi a droga que arrastou ele. Não é só a droga que arrasta, o crime em geral arrasta. O Ari tinha fama pela posição que ele exercia, mas fama restrita a isso. Tinha as boates, as casas de prostituição. Naquela época, a gente estava lá. Chegava preso no final de semana, ele dizia, "olha lá, é lá da minha casa". A família ia visitar ele direto, o irmão dele e a esposa. O Ari tinha várias amantes, tinha umas três mulheres que ele bancava. A oficial, eu não lembro dela. Ela ia mais no Hades[171] para resolver as coisas. Tinha também o Renato Lúcio e a doutora Anita. Nesse final tinha sempre algum advogado com ele, porque ele ficava em cana. Às vezes trocava de delegado, saia um, entrava outro, porque tinha muito acerto naquela época.

— Na época de Curitiba, ele estava preso por tráfico?

— Quando ele estava lá na PCE, ele estava doente, ele estava de chinelo de dedo. Dizia: "estou aqui meio abandonado, estou aqui porque eu fiquei doente" – aí eu tinha comprado uns negócios para ele, entreguei para ele lá. Depois não vi mais, estou vendo agora aqui na foto – disse.

— Mas o Ari viveu bastante?

— Morreu em 2003, 2002 ou 2001. Quando ele saiu, ficou uns cinco anos ainda na cidade.

— Dizem que ele foi para a Vila Marísia.

— Isso, ele estava bem quebrado, esquisito, doente.

Na entrevista na Vila Nova, Ari Soares deu sua versão para os porquês do apelido de seu pai: Navalhada.

— O nome de seu pai era Orides. E esse Ari?

— Ele era bom com a navalha, mas acabou tomando uma que começava no pescoço e seguia pelo corpo.

— Esse Orides dele virou Ari, virou um apelido?

[171] "Sr. R" faz referência a Hades Evaristo Doce, advogado de Navalhada. Segundo o entrevistado, ele ganhou notoriedade entre os detentos por defender com muito empenho as causas que pegava.

— É porque eu mudei meu nome, daí ele colocou Ari Navalhada. Mas antes também meu nome era Orides José de Lima Junior, e Junior ficou de apelido. Aqui em casa me chamam de Junior, mas para os caras que me conhecem na rua é Ari.

— E sabe quando aconteceu? Talvez na adolescência essa mudança para o apelido?

— Foi antes de ele decidir qual era o nome ou não era o nome, se ia ao cartório ou não ia ao cartório. Minha mãe é quem fez a mudança e colocou no meu nome o de solteira dela.

— A sua família é de onde, seu pai e sua mãe?

— Minha mãe é de Bauru, aliás, meu pai é de Bauru – silêncio – minha mãe é de Curitiba, num lugar chamado Lagoa das Almas. Eu tenho o registro aí.

— E você sabe quando é que eles vieram para Londrina?

— Olha, eles sempre moraram em Bauru, e meu pai começou a mexer com "as coisas". Ele vinha para cá, ela ficava lá. Ai eles separaram...

— A sua mãe nunca veio para cá?

— Não. Eles se separaram, eu fiquei com minha mãe em Curitiba. Mas volte e meia meu pai ia, me roubava e me trazia para cá. Minha mãe vinha, buscava e levava para lá. Ele ia... Eu fiquei um bom tempo nessa situação.

— Você sabe mais ou menos como ele começou? Como foi o ingresso dele nesse mundo?

— Ele começou como usuário, ele me contou isso...

— Usuário de quê?

— Maconha, na época o mais forte era maconha. Cocaína, essas coisas, não existiam.

— Isso nos anos 60 e 70?

— Isso dos anos 60 para frente. Ele começou como usuário, ganhou gosto e começou a traficar, a vender para um traficante. Esse traficante morreu e ele pegou.

— O lugar dele?

— A boca, fala a boca mesmo, na realidade! De lá para cá ele só mexia com isso, ele era considerado, aqui em Londrina, o "Rei da Maconha".

— Isso até que ano?

— *Há uns dez anos atrás ele ainda era considerado.*

— A primeira vez que ele foi preso, foi aqui?

— Foi aqui em Londrina, no cadeião da rua Sergipe. O pessoal prendia, mas deixava com mordomia, porque naquela época quem tinha dinheiro não ficava preso, só ia dormir na cadeia. Hoje também acontece isso.

— Ele ficava solto e de noite ia para lá?

— Sim.

— Então, não cessavam as atividades?

— Não.

— Você estava aqui em Londrina quando ele estava preso?

— Muitas vezes acontecia quando eu estava aqui em Londrina com ele. Às vezes ele estava solto, às vezes, preso, eu tinha que ir para Curitiba, porque aqui não tinha com quem ficar. Muita coisa ele fazia quando a gente não estava por aqui.

Perguntei para Nicéia os porquês de Navalhada ter ficado conhecido na cidade. Ela respondeu:

— Ele ficou muito conhecido por causa da imprensa, pelo fato de estar sempre sendo preso, e também por nunca admitir que fizesse esse tipo de crime. Isso foi criando uma lenda em cima dele. Os policiais sempre falavam "prende e solta, prende e solta", porque ele conseguia mudar todos os depoimentos das próprias testemunhas. Isso foi criando uma expectativa em torno dele, olha, acho que ele teve poucas condenações pelas vezes que foi preso. Ele tinha tanto acesso ao código penal que ele mesmo destruía as provas, eu achava isso impressionante! Era um dos presos mais conhecidos naquela época, depois vieram outros, mas, ele, mesmo assim era citado.

— Por que Navalhada?

— Diz que ele era ágil com a navalha, isso foi o "Cadeia"[172] *falando. Muito ágil com a navalha. Dominava como ninguém, e usou algumas vezes com pessoas. Ele não usava revolver, não usava armas, toda vez que você ler o material, vai ver que ele nunca foi pego com um revolver, nunca.*

"Sujeito R", com quem conversei num bar da zona leste, respondeu dessa forma quando lhe questionei a respeito da alcunha "Navalhada":

— Ele era muito bom com a navalha, podia te cortar inteirinho com três movimentos, muito ágil. Tanto é que sempre quando ele chegava no tunguete, fincava uma faca na porta de madeira que dava acesso, porque esse lugar ficava nos fundos do bar,

[172] Radialista Luiz Carlos Alborghetti.

escondido. Olha meu, se eu for contar para você todas as histórias que eu já vivi, a gente vai ficar aqui até o outro dia.

Outro entrevistado, o "Sr. J", que na infância fora engraxate na Vila Matos, respondeu a mesma pergunta:

— Esse esquema do Navalhada era mais lenda, sabe quando vira uma lenda. Sempre tinha o pessoal que dizia "olha o Ari Navalhada! Ele é perigoso, hein, vai te cortar, hein?" O pessoal tinha medo dele porque ele usava a navalha para cortar o pescoço do povo. Era o papo. Ele usava navalha, diziam que ele cortava todos os caras, quer dizer, era a lenda. Devia fazer alguma coisa de errado, porque onde há fumaça há fogo...

— Você chegou a vê-lo?

— Não, trabalhava de dia. O cara que trabalha com boate não pode viver de dia, se não, não aguenta. Ouvia muito na "rádio P". Tinha muita lenda na "rádio P", diziam que ele era muito amigo da polícia, do delegado, tinha essas aberturas...

— O que você ouvia falar sobre a Vila Matos? Crimes?

— Os crimes eram mais com arma branca. O café, mais ou menos em 67, começou a acabar. A geada pior foi de 75, eu não trabalhava na lavoura porque eu era órfão, mas vinha gente de fora, esses que ficavam em boates, vinham comprar café. Eu não sabia nem o que era Vila Matos, eu nunca fui, quando eu trabalhava na rádio tinha uma rapaziada que ia.

Já Sr. Otávio conheceu Navalhada indiretamente, todavia, tornou-se amigo do seu filho.

— O cara era uma figuraça. Na verdade o Ari Navalhada tinha pouco contato com ele, com o Júnior. Ele vivia a vida marginal dele, aparecia, dava a assistência que tinha que dar, mas saía fora. Tanto é que ele tinha várias mulheres, mas dava assistência em casa, era rígido com o Júnior. Ele tinha uma tripla ou dupla moral, pois para o cara estar na vida marginal ele tem que ter personalidades diversas. Se ele for autêntico, não fica muito tempo.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. O poema do haxixe. In: _____. **Os paraísos artificiais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 13-56.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens**: prostituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960). Curitiba: Aos quatro ventos, 1997.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro nome, 2010.

BIOVERSITY INTERNACIONAL. Disponível em: <http://www2.bioversityinternational.org/Information_Sources/Species_Databases/New_World_Fruits_Database/qryall3.asp?intIDSpecies=86>. Acesso em: 8 jun. 2011.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

BORGES, Jorge Luis. **Os conjurados**. Trad. Pepe Escobar. São Paulo: Editora Três, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4 ed. São Paulo: Cia. das letras, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. v.1.

BUENO, Fábio M. Sherlock Holmes e Dupin: personagens que inspiram o método investigativo em história. In: COLÓQUIO DE LETRAS, 2., 2010, Assis. **Anais...** Assis: UNESP, 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALADO, Carlos. **A divina comédia dos mutantes**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CAMARGO, Kenneth Rochel de. A construção das doenças na medicina ocidental contemporânea. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 31-40, 1993. Disponível em: <www.mast.br/arquivos-sbhc/111.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2009:

CARDOSO, Hélio Rebello. Método historiográfico: método conjectural-semiótico de Holmes-Ginzburg e método serial de Dupin. In: _____. **Tramas de Clio:** convivência entre filosofia e história. Curitiba: Aos quatro ventos, 2001. p. 3 -12.

CARNEIRO, Henrique. Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência. In: LABATE, Beatriz Caiuby (Org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 65-90.

CARULA, Karina Resende. **A nova lei de drogas: o novo enfoque dado ao consumo de drogas e ao usuário**. Monografia (Especialização) - Curitiba, 2008, p.13; p. 84. Disponível

em: <http://www.emap.com.br/site/emapcom/arquivos/monografias/KArina%20Carula.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2011

CONRAD, Cris. **Hemp**: o uso medicinal da maconha. Trad. Heitor Pitombo, Rio de Janeiro: Record, 2001.

COUTINHO, Eduardo (direção). **Boca de lixo.** Rio de Janeiro, 1992. 50 minutos.

DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes**: a caixa de papelão. Disponível em: <http//mundosherlock.googlepages.com/arthurconandoyle-acaixadepapelao>. Acesso em: 2 jul. 2009.

_____. **Sherlock Holmes**: um estudo em vermelho. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC, 1996.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004. p. 15-38.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2009.

FRANÇA, J. Tadeu. **Luzes negras do submundo**. São Paulo: L.OREN, 1973. p. 108.

GANE, Laurence. **Apresentando Nietzsche**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 143 -179.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GIORGIO, Fábio Henrique. **Na boca do bode**: entidades musicais em trânsito. Londrina: Atrito Art, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARA, Tony. C**açadores de notícias:** história e crônicas policiais de Londrina (1948-1970). Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. Barcelona: Crítica, 2003.

HUNGRIA, Nelson. **Comentários ao código penal** (Decreto-lei n 2.848, de 7 de setembro de 1940). Vol. IX (Arts. 250-361). Rio de Janeiro: Revista Forense, 1958.

JIMERSON, Randall C.; MYERS R. David. Prohibition National Committee (U.S.) records, 1872-1972. In: _____. **Michigan Historical Collections Bentley**. Disponível em:

<http://quod.lib.umich.edu/b/bhlead/umichbhl86124?rgn=main;view=text;q1=John+Russell+of+Michigan>. Acesso em: jul. 2011.

KAFKA, Franz. **O processo**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

LEME, Edson Holtz. **Noites ilícitas**: histórias e memórias da prostituição. Londrina: Eduel, 2005.

LEWIN, Louis M. D. **Phantastica**: A classic survey on the use and abuse of mind – altering plants. Rochester: Park Street Press, 1998.

LOPES, Camila Pessoa. **O espírito livre em Nietzsche**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LOPOMO, Mário. **Turismo sexual**. Disponível em: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=3374>. Acesso em: 7 jul. 2011.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MACRAE E SIMÕES. **Rodas de fumo: o uso de maconha entre as camadas médias urbanas.** Salvador: UFBA / CETAD, 2004, p. 82. Disponível em: <www.giesp.ffch.ufba.br>. Acesso em: 8 jun. 2011.

MACRAE, E. A antropologia e o uso de drogas: a questão da maconha. **IMESC**, v. 3, n. 2, p. 125-216, 1986.

MAGALHÃES NORONHA, E. **Direito penal**. São Paulo: Saraiva, 1962. v. 4.

MARINÓSIO NETO apud LEME, Edson Holtz. **Noites Ilícitas**: histórias e memórias da prostituição. Londrina: EDUEL, 2005. p. 48.

MASCHIO, Edison. **Histórias ocultas**. Londrina: [edição do autor], 2010.

_____. **Escândalos da província**. Londrina: [edição do autor], 1957.

MENDES, Luiz Alberto. **Memórias de um sobrevivente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MURCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*. In: **Escritos sobre história**. SP: Loyola, p. 67-178.

Notícias de uma guerra particular. Direção de Kátia Lund / João Moreira Salles. BR: Vídeofilmes, 1999, documentário.

OLIVEIRA, Allan de Paula. **O tronco da roseira:** uma antropologia da viola caipira. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. p. 122. Disponível em: <http://www.musa.ufsc.br/docs/allan_dissertacao.pdf>.

ORNELHAS, Pedro. **Homenagem ao grande compositor Dino Franco**. Postado em 07/11/2010. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2601253>. Acesso em: 10 jun. 2011.

PAGÈS, Frédéric. **Descartes e a maconha**: por que partir para a Holanda. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PETTA, Rosângela. Quando a maconha cura. **Revista Super Interessante,** São Paulo: Abril, 1995. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/1995/conteudo_114840.shtml>, acessado em junho de 2011.

POE, Edgar Allan. A carta roubada. In: _____. **Quatro contos**. São Paulo: SOL, 2006. p. 17-24.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____. **Jogos de escalas**. São Paulo: FGV. 1998. p. 15-38.

RODRIGUES, Tiago. Tráfico, guerra, proibição. In: LABATE, Beatriz Caiuby (org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. A infindável guerra americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente. **São Paulo em perspectiva,** v. 2, n. 16, p. 102-111, 2002.

ROWAN, Robinson. **O grande livro da *cannabis***: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SCHOPENHAUER, Artur. **Dores do mundo**. Trad. José de Souza de Oliveira, 3 ed. São Paulo: EDIGRAF, [s/d].

SIVIÉRO, Benedito Onofre. **Programa Piracicaba histórias e memórias**. Piracicaba: 2005, Transmitido pela Rádio Educadora de Piracicaba AM 1060 KHERTZ. Entrevista concedida ao Jornalista e Radialista João Umberto Nassif. Disponível em: <http://www.teleresponde.com/benedito_onofre.htm>. Acesso em: 25 jun. 2011.

TAKEDA, Marcos. **As transformações da área central de Londrina**: uma outra centralidade. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, 2004.

Revistas

NOS RASTROS dos reis da maconha. REALIDADE, v. 3, n. 35, p. 80-98, fev. 1969.

Jornais

Acervo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH – Universidade Estadual de Londrina:

Folha de Londrina, 09/01/1966

Folha de Londrina, 21/06/1966

Folha de Londrina, 06/02/1968

Folha de Londrina, 09/05/1970

Folha de Londrina, 23/05/1970

Folha de Londrina, 01/07/1970

Folha de Londrina, 07/07/1970

Folha de Londrina, 06/08/1970

Folha de Londrina, 13/08/1970

O Combate, 02/05/1965

Acervo Online:

Jornal Elmira Telegram, 21 de outubro de 1888

Jornal Agara Falls, 10 de julho de 1886

Disponíveis: http://fultonhistory.com/Fulton.html

Acervo particular:

O Pasquim, março de 1971.

Autos criminais

AC nº 7614/57

AC nº 217/63

AC nº 229/65

AC nº 235/68

Fontes Orais

Depoimento de Ari Soares, 12/02/2010

Depoimento de Otávio Sanches, 15/05/2010

Depoimento de “Sr. R”, 15/06/2010

Depoimento de Nicéia Lopes, 06/07/2010

Depoimento de “Dona Estela”, 30/08/2010

Depoimento de “Seu Juvenal”, 30/08/2010

Depoimento de “Dona Odila”, 30/08/2010

Depoimento de Paulão Rock’n’Roll, 01/09/2010

Depoimento de “Sujeito R”, 06/09/2010

Depoimento de Edison Maschio, 01/10/2010

Depoimento de “Sr. J”, 18/01/2011

Depoimento de “Investigador P”, 04/04/2011

Depoimento de Miguel Tófano, junho de 2011

ANEXOS

ANEXO A

1. Levantamento da expressão “subversão” nos autos criminais pesquisados:

Subversão:
AC: 135/64
Art. 10 e 11, § 3º da Lei de Segurança do Estado
Sentença do Juiz:
Improcedência da denúncia por falta de elementos que caracterizam os delitos apontados.
Descrição:
O denunciado, filiado ao Partido Comunista Brasileiro, vem desenvolvendo campanhas de divulgação dessa ideologia e fazendo propaganda de iniciativa à ideologia e fazendo propaganda de incitamento à subversão da ordem.
Anexos:
Selos, moedas, livros comunistas, correspondências e estatuto do Partido Comunista.
02/06/1964

AC: 57/65
Rádio Clube, Londrina – Pr
Tipo do auto: A.P.A. Judiciária
Descrição:
Artigo pronunciado em rádio "O Comentário do Dia – 03/04/65. O indiciado fez comentários e colocou música ofensiva à pessoa do Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.
Falta de ilícito penal. Arquivamento.
03/04/1965

AC: 6094/56
Art.185 c.c. art. 12, II, e 171, "caput" do CP, art. 2º, III, 9º e 10º da Lei 1802 de 05/01/1953.
Crimes contra a ordem:
Descrição:

Os denunciados eram membros do ex-partido comunista. São acusados de organizar associações a fim de manter atividades contra a ordem política e ainda extorquir dinheiro de lavradores com objetivo de comprar armas para a revolução comunista.

Vila Matos:
AC: 102/64
Incêndio na boate Jussara ou (Laura), com destruição total das instalações.

AC: 7562/57
O denunciado forçou a janela externa de um quarto de uma casa de tolerância, dele furtando uma mala de couro com vários objetos. Dias depois furtou, também, de um quiosque, alguns eletrodomésticos, encontrados, juntamente com a mala, em sua casa.

AC: 7393/57
O último denunciado conheceu as vítimas em Curitiba, induziu-as a participarem de um "Ballet" em Londrina, com hospedagem no lupanar pertencente à segunda, sendo coagidas, pelos denunciados, a manterem relações sexuais com garçons e clientes.

AC: 193/68
A indiciada, em conversa com as suas vizinhas, vinha difamando a imagem da requerente.

AC: 270/69
Os denunciados eram responsáveis por uma casa de prostituição.

AC: 182/65
Os denunciados agrediram a vítima, subtraindo-lhe certa quantia em dinheiro.

Outras da Vila Matos:
Descrição:
Os denunciados invadiram a casa da vítima, praticando violências contra a mesma e suas inquilinas, destruindo móveis e objetos.

O denunciado, após discussão com sua amásia, ateou-lhe fogo nas vestes provocando um incêndio que causou destruição de duas casas de madeira 1950.

Descrição:
O denunciado subtraiu para si a quantia de CR$ 3.000,00 aproximadamente, que estava em um cofre, no quarto da vítima.

Descrição:
Incêndio na propriedade das vítimas, resultou na destruição total do prédio, móveis e utensílios.

2. Outros processos de Ari Navalhada (décadas de 1960-70):

AC: 127/70,
Data de início: 11/08/1970, arquivamento em 01/08/1975
1º Vara
Adilson Fernandes da Silva e Orides José de Lima.
"Adilson F. S foi preso quando sentado num banco de praça, Vila Nova, quando, notando a presença da polícia, tentou evadir do local. Ao ser interpelado, "como não apresentou documentos, foi revistado, sendo encontrado em seu poder, uma carteira de cigarro contendo maconha". [...] O segundo denunciado foi quem forneceu a referida erva à Adilson F. S, [...] O primeiro denunciado adquiriu a maconha na própria casa do segundo denunciado. Adilson, "conforme faz prova as certidões juntadas, é vendedor habitual de "maconha". No rol de testemunhas, os agentes policiais João Maria da Cruz, Mario Testa, Damião da Souza e o guarda civil Plínio Forcelini que, às 11:00 do dia 28 de julho de 1970, com a perua rural da polícia, prederam Adilson.

AC: 93/70,
Data de início: 02/04/1970, arquivamento em 24/09/1970
Ari e Almeida Neves Sobrinho
"Bar Ases de Ouro"
Art.281.

AC: 20/70
Data de início: 30/01/1970, arquivamento em 30/04/1971
Art. 281.

AC: 383/69
Data de início: 29/10/1969, arquivamento em 26/06/1972
Art. 281.

AC: 321/68
Data de início 09/09/1968, arquivamento em 05/03/1975
No dia 7 de setembro de 1968 Walter, que estava hospedado na casa de Ari, discutiu com ele. Uma hora depois, em frente à sua amásia Ilza Alves, "desfecharam, um contra o outro, vários tiros de revolveres". Walter e Ari já tinham passagem pela polícia, por esse processo, respectivamente, Art. 129 e Art. 132 e também Art. 129. Walter declarou ao delegado William Esperidião David estar com a idade de 29 anos, trabalha como corretor, do Mato Grosso. Orides, com sinais de navalha no lado esquerdo do pescoço, declara não ter filhos.

3. Outros processos de Ari Navalhada (década de 1980):

Na década de 1980, Orides José de Lima acumulou mais cinco condenações: (1) "Art. 213" (1982); (2) "Art. 16 da Lei 6368" (1983); (3) "Art. 180" (1981); (4) "Art. 121; Art. 14" (1985). Fonte: Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania – SEJU; Departamento Penitenciário do Estado do Paraná – DEPEN. Sistema de Informações Penitenciárias – SPR.